



**Darkover**

**16**

**Os Salvadores  
do Planeta**

**Marion Zimmer Bradley**



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# **Darkover**

# A cronologia de Darkover

**Darkover** foi uma série de ficção científica de sucesso espetacular no mundo inteiro, a saga da humanidade criando uma nova civilização num mundo estranho, diferente de tudo o que jamais existiu na Terra. Cada livro constitui uma história completa e independente podendo ser lidos isoladamente, porém, seu conjunto relata o desenvolvimento de uma sociedade nova e fascinante.

Neste guia iremos separar os livros da série conforme as Eras Cronológicas a que pertencem, apesar das recomendações da autora que recomendou que a leitura fosse feita através das datas de publicação, em vez da ordem cronológica dos acontecimentos, dado que o seu estilo literário evoluiu consideravelmente ao longo da sua carreira

## A Fundação

Uma “nave perdida” originária da Terra, dos dias de colonização pré-império, aterriza em um planeta com uma turva estrela vermelha, mais tarde sendo chamado de Darkover.

### **Livros:**

A CHEGADA EM DARKOVER

## A Era do Caos

Mil anos após a colonização da chegada original, a sociedade retornou ao nível feudal. Os darkovanos, que se esqueceram ou renunciaram sua tecnologia terrestre, se voltaram a incontrollada, autônoma, tecnologia da matriz que concede poderes psíquicos, chamados de *laran*, aos descendentes dos colonizadores. Os habitantes vivem sob o domínio de Torres e um tirânico programa de procriação destinado a guarnecer as Torres com os poderosos dons de *laran*.

### **Livros:**

RAINHA DA TEMPESTADE

## DAMA DO FALCÃO

### **Os Cem Reinos**

Uma era de guerras e conflitos que retem muitos dos efeitos dizimadores e desastrosos da Era do Caos. As terras que mais tarde se tornariam os Sete Domínios, estão divididas por constantes disputas de fronteiras, são pequenos reinos independentes, cidades-estado, baronatos, condados e repúblicas independentes, chamados de "Os Cem Reinos" por conveniência. O encerramento desta era é guiado pela adoção de um pacto instituído por Varzil, o Bom. Este é um momento decisivo na história de Darkover, o pacto bani todas as armas à distância, tornando uma questão de honra que aquele que busca matar, deve ele próprio, encarar o mesmo risco de morrer.

#### **Livros:**

DOIS PARA CONQUISTAR  
OS HERDEIROS DE HAMMERFELL  
DOIS PARA CONQUISTAR  
A QUEDA DE NESKAYA  
A FORJA DE ZANDRU  
UMA CHAMA EM HALI

### **As Renunciantes (Amazonas Livres)**

Durante a Era do Caos e o tempo dos Cem Reinos, existiram duas ordens de mulheres que se distanciaram da natureza patriarcal da sociedade feudal de Darkover, as sacerdotisas de Avarra e as guerreiras da Irmandade da Espada. Eventualmente, estes dois grupos independentes se uniram para formar a poderosa e decretada por lei, Ordem das Renunciantes ou Amazonas Livres, uma guilda de mulheres unidas por juramento em uma irmandade de responsabilidade mútua. Sua lealdade primária é umas com as outras, ao invés de família, clã, casta ou qualquer homem. Solitárias dentre as mulheres de Darkover, elas são excluídas das usuais restrições e proteções legais. Sua razão de viver é prover as

mulheres de Darkover, uma alternativa as suas vidas socialmente limitadas.

**Livros:**

A CORRENTE PARTIDA  
A CASA DE THENDARA  
CIDADE DA MAGIA

## **Contra os Terráqueos, A Primeira Era (Recontato):**

Após as Guerras de Hastur, os Cem Reinos se consolidam em Sete Domínios, sendo governados por uma aristocracia hereditária e sete famílias, chamadas de Comyn, supostamente descendentes do legendário Hastur, Lorde da Luz. É durante esta era que o Império Terráqueo, na verdade uma forma de confederação, redescobre Darkover, que eles conhecem como o quarto planeta do sistema Cottman. O fato de Darkover ser uma colônia perdida do Império, não é assimilada facilmente ou de bom grado pelos darkovanos e seus senhores Comyn.

**Livros:**

REDESCOBERTA  
A ESPADA ENCANTADA  
A TORRE PROIBIDA  
ESTRELA DO PERIGO  
VENTOS DE DARKOVER

## **Contra os Terráqueos, A Segunda Era (Depois do Comyn):**

Com o choque inicial de recontato começando a enfraquecer, e com o espaço porto terráqueo se tornando uma instituição permanente na periferia da cidade de Thendara, os indivíduos mais jovens e menos tradicionais, da sociedade de Darkover, começaram a primeira troca real de conhecimento com os terráqueos - aprendendo a ciência e tecnologia terrestre e ensinando a tecnologia

da matriz de Darkover em troca. Eventualmente, Regis Hastur, um jovem lorde Comyn, mais ativo nestas trocas, se torna um Regente em um governo provisório, aliado aos terráqueos. Darkover é uma vez mais, reunida a seu Império fundador.

**Livros:**

O SOL VERMELHO

A HERANÇA DE HASTUR

OS SALVADORES DO PLANETA

O EXÍLIO DE SHARRA

OS DESTRUIDORES DE MUNDOS

CANÇÃO DO EXÍLIO

SHADOW MATRIX

TRAITOR'S SUN

**Marion Zimmer Bradley**



**Os Salvadores do  
Planeta**



**Os Salvadores do Planeta** é um livro mágico, que apresenta todos os elementos presentes na Coleção DARKOVER que aborda em profundidade o conflito de humanos e não-humanos numa Relação tumultuada pelo contato telepático. Marion Zimmer Bradley traz de volta personagens já conhecidos em outras aventuras em Darkover, como Regis Hastur, em contato com os habitantes não humanos de seu mundo, e terráqueos à procura de um lugar para ficar, indo de um mundo atrás de outro.

MARION ZIMMER BRADLEY  
OS SALVADORES DO PLANETA

Tradução de A. B. Pinheiro de Lemos  
Imago B79s 00-1476.

Título Original The Planet Savers  
© 1962, by Marion Zimmer Bradley  
Published in agreement with the author,  
c/ o BAROR INTERNATIONAL INC.,  
Armonk, New York, U.S.A.  
Tradução: A B. Pinheiro de Lemos  
Capa: Ato Gráfico

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Bradley, Marion Zimmer, 1930-1999  
Os salvadores do planeta; A espada de Aldones  
Marion Zimmer Bradley; tradução A. B. Pinheiro de Lemos.  
Rio de Janeiro : Imago Ed., 2000 316 pp.

ISBN 85-312-0720-7

1. Ficção norte-americana. I. Lemos, A. B. Pinheiro de (Alfredo Barcelos Pinheiro de), 1938-.
- I. Título. II. Título: A espada de Aldones. III. Série. IV. Série: Ficção e experiência interior.  
CDD — 813 CDU -820(73)-3

Reservados todos os direitos.  
Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme, processo fotomecânico ou eletrônico sem permissão expressa da Editora.

2000 — IMAGO EDITORA.  
Rua Santos Rodrigues, 201-A- Estácio

20250-430 — Rio de Janeiro — RJ  
Tel.: (21) 502-9092 — Fax: (21) 502-5435  
E-mail: [imago@imagoeditora.cotn.br](mailto:imago@imagoeditora.cotn.br)  
[www.imagoeditora.com.br](http://www.imagoeditora.com.br)

Impresso no Brasil  
Printed in Brazil

Haverá outros romances sobre Darkover?

Claro, enquanto os editores continuarem a comprá-los e os leitores os aceitarem...

Mas não sei o que, quando, ou como escreverei tudo isso. Nunca sei como um livro vai sair até que começo a escrevê-lo. Às vezes nem mesmo então tenho certeza. Nunca sei sobre o que será um livro até que emerge da escuridão no fundo de meu cérebro e diz: "Estou aqui. Pode me escrever."

Nunca sou capaz de me dizer: "Vou escrever um livro sobre isso e aquilo." E depois me forçar a escrever.

Meus melhores livros se impõem a mim. E muitos, mas muitos mesmo, aparecem em minha mente à luz do sol sangrento, ou das quatro luas de Darkover.

Marion Zimmer Bradley

# **Os Salvadores do Planeta**

## Capítulo Um

Quando acabei de despertar por completo, pensei que estava sozinho. Descobri-me deitado num sofá de couro, numa sala branca, com imensas janelas, alternando tijolos de vidro e placas de vidro transparente. Além das janelas havia uma vista de montanhas com os picos cobertos de neve, que viravam sombras tênues através dos tijolos.

O hábito e a memória atribuíram nomes a tudo isso. A sala despojada, o clarão alaranjado do enorme sol, os nomes das montanhas que começavam a escurecer. Mas no outro lado de uma mesa de vidro polido sentava-se um homem a me observar. E eu nunca vira aquele homem antes.

Era atarracado, já deixara de ser jovem. Tinha cabelos louros avermelhados nas têmporas, emoldurando uma cabeça calva e rosada. Usava uma túnica branca, com caduceus entrelaçados no bolso e na manga, indicando que integrava o Serviço Médico do QG Civil da Cidade Comercial Terráquea.

Não fiz todas essas avaliações de uma forma consciente, é claro. Eram pura e simplesmente parte do meu mundo quando acordei, para descobri-lo a tomar forma ao meu redor. As montanhas familiares, o sol familiar, o estranho. Mas ele me falou num tom cordial, como se fosse normal encontrar um desconhecido tirando um cochilo em seu sofá.

— Pode fazer o favor de dizer seu nome?

Era um pedido razoável. Se eu encontrasse alguém tão à vontade em minha sala — se é que tinha uma sala — também perguntaria seu nome. Comecei a virar as pernas para o chão. Tive de parar no meio do movimento e me firmar com uma das mãos, enquanto a sala girava em torno de mim.

— Eu não tentaria sentar por enquanto — comentou o estranho, no momento em que a sala se aquietava. Uma pausa, e ele reiterou o pedido, polido, mas insistente: — Seu nome, por favor?

— Ah, sim, meu nome...

Era... Gaguejei aturdido, no meio do que parecia ser uma nuvem cinzenta, tentando fazer a língua se movimentar no que deveria ser o mais familiar de todos os sons, meu próprio nome. Era... ora, meu nome era... A voz saiu estridente quando acrescentei:

— Isso é incrível... um absurdo...

Engoli em seco. E outra vez. Com a maior força.

— Fique calmo — murmurou o homem.

Era mais fácil dizer do que fazer. Fitei-o ansioso, num pânico cada vez maior, e indaguei:

— Mas... mas... estou com amnésia ou alguma outra coisa?

— Alguma outra coisa.

— Afinal, qual é o meu nome?

— Calma, calma... Tenho certeza de que vai se lembrar muito em breve. Mas pode responder a outras perguntas. Por exemplo, que idade você tem?

Respondi no mesmo instante, com a maior ansiedade:

— Vinte e dois.

O estranho escreveu alguma coisa num cartão.

— Interessante... muito interessante... Sabe onde estamos?

Corri os olhos pela sala.

— No QG Terráqueo. Pelo seu uniforme, eu diria que estamos no oitavo andar... Serviços Médicos.

Ele balançou a cabeça e tornou a escrever, os lábios contraídos.

— Pode... ahn... me dizer em que planeta estamos? Não pude deixar de rir.

— Darkover.. eu espero! E se quer os nomes das luas, a data da fundação da Cidade Comercial, ou alguma outra coisa...

Ele cedeu, rindo comigo.

— Lembra onde você nasceu?

— Em Samarra. Vim para cá quando tinha três anos... meu pai trabalhava em Mapeamento e Exploração... — Parei de falar abruptamente, em choque. — Ele está morto!

— Pode me dizer o nome de seu pai?

— O mesmo que o meu. Jay... Jason...

O lampejo de recordação cessou no meio de uma palavra. Fora uma boa tentativa, mas não chegara a dar certo. O médico murmurou, suave:

— Estamos indo muito bem.

— Ainda não me disse qualquer coisa — protestei, em tom de acusação. — Quem é você? Por que está me fazendo todas essas perguntas?

Ele apontou para uma placa na mesa. Franzi o rosto e li as palavras com alguma dificuldade.

— Randall... Forth... diretor... Departamento...

O dr. Forth escreveu mais uma anotação. Acrescentei, elevando a voz:

— É... doutor Forth, não é?

— Não sabe?

Olhei para mim, e balancei a cabeça.

— Talvez eu seja o dr. Forth.

Pela primeira vez, notei que também usava uma túnica médica, com o emblema dos caduceus. Mas a sensação era errada, como se eu vestisse as roupas de outra pessoa. Não era um médico, não é mesmo? Puxei uma das mangas, revelando uma cicatriz longa e triangular, logo depois do pulso. O dr. Forth — a esta altura eu já tinha certeza de que ele era o dr. Forth — acompanhou a direção de meu olhar.

— Onde arrumou essa cicatriz?

— Numa briga de faca. Um dos bandos daqueles-que-não-podem-entrar-nas-cidades nos surpreendeu nas colinas e... — A memória tornou a definhar. Acrescentei, desesperado: — É tudo muito confuso! Qual é o problema? Por que estou aqui? Sofri um acidente? Tenho amnésia?

— Não exatamente. Vou explicar.

Levantei e fui até a janela, os passos meio trôpegos, porque os pés queriam andar devagar, enquanto eu sentia que rompia uma rede invisível e chegava lá num pulo. Depois que cheguei na janela, a sala não balançou mais. Respirei fundo o ar adocicado e quente.

— Acho que estou precisando de um drinque.

— Boa idéia, embora eu não costume recomendar.



Forth abriu uma gaveta e tirou uma garrafa achatada. Despejou o líquido cor de chá num copo descartável. Depois de um momento de hesitação, serviu também em outro copo.

— Tome aqui. E sente-se. Você me deixa nervoso, irrequieto desse jeito.

Não sentei. Fui até a porta e abri-a. A voz de Forth era baixa e sem pressa:

— O que está pensando? Pode ir embora, na hora em que quiser. Mas por que não senta e conversa comigo? E para onde você quer ir?

A pergunta me deixou embaraçado. Respirei fundo duas ou três vezes, tornei a avançar pela sala. Forth disse:

— Beba isto.

Tomei tudo. Ele tornou a encher o copo, sem que lhe fosse pedido. Bebi tudo outra vez. Senti que o caroço na minha barriga começava a afrouxar e se dissolver.

— Claustrofobia também — murmurou Forth. — Isso é típico.

Ele escreveu mais alguma coisa no cartão. Eu começava a me cansar daquela performance. Virei-me para lhe dizer isso, mas subitamente achei engraçado... ou talvez fosse a bebida que já começava a fazer efeito. Ele parecia um homenzinho divertido, fechado naquela sala, observando-me como se eu fosse um enorme besouro. Joguei o copo vazio na lixeira.

— Não acha que está na hora de me dar algumas explicações?

— Se você puder agüentar. Como se sente?

— Muito bem.

Tornei a sentar no sofá. Recostei-me, estiquei as pernas, procurando a posição mais confortável.

— O que pôs naquela bebida? Ele riu.

— Segredos do ofício. A maneira mais fácil de explicar seria deixar você assistir a um filme que fizemos ontem.

— Assistir a um filme... — Fiz uma pausa. — É o seu tempo que estamos desperdiçando.

Ele apertou um botão na mesa. Falou por um bocal:

— Vigilância? Quero um monitor em...

Forth acrescentou uma série de números incompreensíveis, enquanto eu continuava refestelado no sofá. Ele esperou por um momento, depois apertou outro botão. Venezianas de aço cobriram as janelas sem fazer barulho, escurecendo a sala. Por mais estranho que pudesse parecer, senti que a escuridão era mais normal do que a luz. Relaxei e fiquei olhando, enquanto uma das paredes se transformava numa enorme tela. Forth veio sentar ao meu lado, no sofá de couro. No filme, ele sentava-se à sua mesa, observando outro homem, um estranho, entrar na sala.

Como Forth, o outro homem também usava uma túnica branca, com o emblema dos caduceus. Detestei o homem à primeira vista. Era alto, magro e contido, com uma expressão azeda.. Devia estar na casa dos trinta anos. O dr. Forth no filme disse:

— Sente-se, doutor.

Respirei fundo, dominado por uma curiosa sensação.

Já estive aqui antes. Já vi isso acontecer.

(Sentia-me informe, de uma maneira estranha. Sabia que estava sentado ali, assistindo ao filme. Mas era como se fosse um sonho, em que a pessoa ao mesmo tempo assiste às suas visões e participa nelas...)

— Trouxe os relatórios? — indagou Forth, no filme.

Jay Allison ocupou o lugar indicado. Ficou sentado na beira da cadeira, num nervosismo evidente, muito empertigado. Inclinou-se um pouco para a frente, estendeu uma pasta cheia de papéis por cima da mesa. Forth pegou-a, mas não abriu.

— O que acha, dr. Allison?

— Não há qualquer margem possível para dúvidas. — Jay Allison falava de uma maneira incisiva, a voz um tanto estridente, o tom enfático. — Segue o padrão estatístico para todos os ataques registrados da febre dos 48 anos... Por falar nisso, senhor, não temos um nome melhor para essa doença? O termo "febre dos 48 anos" tem uma conotação de febre com duração de 48 anos, em vez de uma recorrência pandêmica a intervalos de 48 anos.

— Uma febre que durasse 48 anos seria uma febre e tanto — comentou o dr. Forth, com um sorriso sombrio. — Seja como for, é o

único nome que temos até agora. Escolha outro nome e pode usá-lo. Doença de Allison?

Jay Allison reagiu ao comentário jovial com uma expressão de censura, o rosto franzido.

— Pelo que sei, o ciclo da doença parece estar ligado de alguma forma à conjunção das quatro luas, o que ocorre uma vez em 48 anos. Isso explica por que os darkovanos são tão supersticiosos a respeito. As luas têm órbitas de extraordinária excentricidade... Não sei nada a esse respeito, apenas cito o dr. Moore. Se há um vetor animal na doença, nunca descobrimos. O padrão é mais ou menos o seguinte: uns poucos casos nos distritos nas montanhas, um mês depois temos cento e poucos casos por toda esta parte do planeta. Há então um período de três meses sem qualquer nova incidência da doença. O movimento em seguida eleva o número de casos registrados para milhares. Três meses mais tarde, alcança proporções pandêmicas e dizima toda a população humana de Darkover.

— É isso mesmo — admitiu Forth.

Os dois se inclinaram sobre a pasta. Jay Allison recuou um pouco, para evitar o contato físico com o outro homem.

— Nós, terráqueos, temos um acordo comercial com Darkover há 152 anos — continuou Forth. — A primeira erupção dessa febre dos 48 anos só não matou uma dúzia de homens dos trezentos que viviam aqui. Os darkovanos sofreram mais do que nós. A última erupção não foi a pior, mas mesmo assim ainda foi terrível, pelo que ouvi dizer. O índice de mortalidade chegou a oitenta e sete por cento... entre os humanos. Os Arbóreos não morrem da doença.

— Os darkovanos chamam de febre dos Arbóreos, dr. Forth, porque eles são virtualmente imunes à doença. Permanece em seu meio como uma enfermidade branda, sofrida pelas crianças.. Quando irrompe de uma forma virulenta, a intervalos de 48 anos, a maioria dos Arbóreos já está imunizada. Eu mesmo tive a doença quando era pequeno... sabia disso?

O dr. Forth confirmou com um aceno de cabeça.

— Talvez seja o único terráqueo que contraiu a doença e sobreviveu.

— Os Arbóreos mantêm a doença incubada — continuou Jay Allison. — Eu diria que a providência lógica seria lançar algumas bombas de hidrogênio em suas cidades... e exterminá-los de uma vez por todas.

(Sentado no sofá, no escritório escuro de Forth, eu me empertiguei em fúria. Ele apertou meu ombro e murmurou: — Calma, calma...)

Na tela, o dr. Forth ficou irritado. Jay Allison acrescentou, com uma careta de repulsa:

— Não falei literalmente. Mas os Arbóreos não são humanos. Não seria genocídio, apenas o trabalho de exterminador. Uma medida de saúde pública.

Forth parecia chocado ao compreender que o jovem falava a sério.

— O Centro Galático teria de decidir se eles são animais estúpidos ou não-humanos inteligentes, e se têm direito a uma condição de civilização. Todos os precedentes em Darkover são para reconhecê-los como homens... e por Deus, Jay, você provavelmente seria chamado como testemunha de defesa. Como pode dizer que não são humanos depois da experiência que teve com eles? De qualquer forma, quando fosse tomada uma decisão, metade dos humanos reconhecidos em Darkover já teria morrido. Precisamos de uma solução melhor do que essa.

Ele empurrou sua cadeira para trás e olhou pela janela, enquanto continuava a falar:

— Não vou entrar na questão política. Não estou interessado na política do Império Terráqueo, e também não sou um profundo conhecedor. Mas alguém teria de ser cego, surdo e mudo para não saber que Darkover vem bancando o objeto inamovível para a força irresistível. Os darkovanos são mais adiantados do que nós em algumas das ciências não-causativas. Até agora, não quiseram admitir que a Terra pode lhes dar alguma contribuição. Mas... e isso é um "mas" importante... eles sabem e estão dispostos a admitir que nossas ciências médicas são melhores que as deles.

— A medicina deles é quase inexistente.

— Exatamente... e essa pode ser a primeira abertura na barreira. Você pode não compreender o significado, mas o Legado recebeu uma proposta dos Hasturs.

Jay Allison murmurou:

— Devo ficar impressionado?

— Em Darkover, é sempre melhor se impressionar quando os Hasturs dispensam sua atenção a alguma coisa.

— Ouvi dizer que eles são telepatas ou algo parecido...

— Telepatas, psicocinéticos, parapsíquicos, e quase que todo o resto. E um dos Hasturs... um tanto jovem, sem muita importância, eu admito, o neto do velho... foi pessoalmente ao gabinete do Legado, uma coisa inédita. E propôs, se a medicina terráquea ajudar Darkover a controlar a febre dos Arbóreos, instruir alguns terráqueos selecionados na mecânica de matriz.

— Incrível! — exclamou Jay.

Era uma concessão além dos sonhos mais delirantes; há mais de cem anos que eles tentavam suplicar, comprar ou roubar algum conhecimento sobre a misteriosa ciência da mecânica de matriz... a estranha disciplina que podia transformar matéria em energia pura, e vice-versa, sem qualquer dos estágios intermediários e sem os subprodutos da fissão. A mecânica de matriz tornara os darkovanos praticamente imunes à atração das tecnologias avançadas da Terra.

— Pessoalmente, acho que superestimam a ciência darkovana — acrescentou Jay. — Mas posso entender o ângulo da propaganda.

..

— Para não mencionar o ângulo humanitário da cura. Jay Allison deu de ombros, com um olhar frio.

— O verdadeiro ângulo parece ser outro: podemos curar a febre dos 48 anos?

— Ainda não. Mas temos uma pista. Durante a última epidemia, um cientista terráqueo descobriu uma fração de sangue contendo anticorpos contra a febre... nos Arbóreos. Isolado para um soro, pode reduzir a forma virulenta da epidemia dos 48 anos para uma forma branda outra vez. Infelizmente, ele próprio morreu na epidemia, sem concluir seu trabalho. As anotações que deixou foram ignoradas até este ano. Temos dezoito mil homens e suas famílias

em Darkover agora, Jay. Para ser franco, se perdermos muitos, teremos de sair de Darkover. As autoridades na Terra aceitariam a perda de uma guarnição de comerciantes profissionais, mas não de toda uma colônia na Cidade Comercial. E tudo isso sem mencionar o prestígio que perderemos se a tão gabada ciência médica da Terra não for capaz de salvar Darkover de uma epidemia. Temos exatamente cinco meses. Não podemos sintetizar um soro nesse prazo. Precisamos apelar para os Arbóreos. Foi por isso que o chamei aqui. Você sabe mais sobre os Arbóreos do que qualquer outro terráqueo vivo. Não pode deixar de saber. Afinal, passou oito anos num Ninho.

(Empertiguei-me ainda mais na sala às escuras de Forth, com um lampejo de memória. Jay Allison, pelos meus cálculos, era vários anos mais velho do que eu. Mas tínhamos uma coisa em comum: aquele homem frio partilhara comigo a experiência de anos maravilhosos passados num mundo alienígena!)

No filme, Jay Allison amarrou a cara, insatisfeito.

— Já tem muitos anos. Eu era pouco mais que um bebê. Meu pai estava numa expedição de Mapeamento e caiu nas Hellers. Só Deus sabe o que deu nele para tentar enfrentar aqueles ventos violentos com um pequeno avião. Sobrevivi à queda do avião por um triz. Vivi com os Arbóreos... pelo que me disseram... até ter treze ou quatorze anos. Não me lembro muito a respeito. As crianças não são muito observadoras.

Forth inclinou-se para a frente, por cima da mesa, fitando-nos olhos.

— Falava a língua deles, não é?

— Falava. Posso lembrá-la sob hipnose, eu acho. Mas por que quer saber? Precisa que eu traduza alguma coisa?

— Não exatamente. Estamos pensando em enviar uma expedição à procura dos Arbóreos.

(Na sala escura, observando o rosto surpreso de Jay, não pude deixar de pensar: Puxa, que aventura! Será... será que querem que eu vá junto?)

Forth estava explicando:

— Seria uma missão muito difícil. Você sabe como são as Hellers. Mas costumava escalar montanhas, como um hobby, antes de ingressar nos Serviços Médicos...

— Superei a infantilidade dos meus hobbies há muitos anos, senhor.

— Providenciaríamos os melhores guias disponíveis, terráqueos e darkovanos. Mas eles não podem fazer uma coisa de que só você é capaz. Conhece os Arbóreos, Jay. Pode persuadi-los a fazer algo que nunca fizeram antes.

— O quê?

O tom de Jay Allison era desconfiado.

— Sair das montanhas. Enviar-nos voluntários... doadores de sangue. Poderíamos, se tivermos bastante sangue com que trabalhar, isolar a fração certa e sintetizar, a tempo de evitar que a epidemia se espalhe. É uma missão muito difícil e perigosa, Jay, mas alguém tem de fazê-la... e você é o único homem qualificado.

— Gosto mais da minha primeira sugestão. Bombardear os Arbóreos... e as Hellers... fazer com que desapareçam do planeta. — O rosto de Jay se contraía numa expressão de repulsa. Ele conseguiu se controlar, depois de um momento. — Eu... eu não falei a sério. Teoricamente, posso entender a necessidade, mas...

Ele parou de falar, engoliu em seco.

— Por favor, conclua o que ia dizer.

— Será que sou mesmo tão bem qualificado quanto você pensa? Não... não me interrompa. Acho os nativos de Darkover repugnantes, até mesmo os humanos. Quanto aos Arbóreos...

(Eu me sentia cada vez mais irritado e impaciente. Sussurrei para Forth, no escuro:

— Desligue a droga desse filme! Não pode enviar esse homem numa missão assim! Prefiro...

Forth me interrompeu, ríspido:

— Cale-se e escute! Não falei mais nada.)

Jay Allison não estava representando. Sua angústia e repulsa eram genuínas. Forth não o deixou dar sua explicação sobre os motivos pelos quais até se recusara a dar aulas na faculdade de

medicina criada para os darkovanos pelo Império Terráqueo. Parecia irritado ao interromper o jovem:

— Já sabemos de tudo isso. E evidente que nunca lhe ocorreu, Jay, que também é uma inconveniência para nós... que todo esse conhecimento vital esteja, por puro acaso, nas mãos do único homem que é teimoso demais para usá-lo?

Jay nem pestanejou, numa situação em que eu teria me sentido mal.

— Eu sempre soube disso, doutor. Forth respirou fundo.

— Vou admitir que você não é a pessoa mais indicada no momento, Jay. Mas o que sabe sobre psicodinâmica aplicada?

— Quase nada, Lamento dizer.

Allison não parecia lamentar nem um pouco. Ao contrário, revelava-se entediado com toda a conversa.

— Posso ser um tanto brusco... e pessoal?

— À vontade. Espero não ser demasiado sensível.

— Basicamente, dr. Allison, uma pessoa tão contida e reprimida quanto você tem uma personalidade subsidiária claramente definida. Em indivíduos neuróticos, esse complexo de características de personalidade se divide. Temos então uma síndrome que é conhecida como personalidade múltipla ou alternativa.

— Já estudei alguns dos casos clássicos. Não houve uma mulher com quatro personalidades diferentes?

— Exatamente. Mas você não é neurótico. Em circunstâncias normais não haveria a menor perspectiva de sua personalidade alternativa prevalecer.

— Obrigado — murmurou Jay, irônico. — Eu perderia o sono por causa disso.

— Não obstante, presumo que você tem uma personalidade subsidiária, embora normalmente não se manifeste. Esse personagem subsidiário... vamos chamá-lo de Jay... incorporaria todas as características que você reprime. Ele seria gregário, enquanto você é retraído e dedicado ao estudo; aventureiro, enquanto você é cauteloso; loquaz, enquanto você é taciturno; talvez goste de ação pela ação, enquanto você se exercita regularmente na academia apenas por sua saúde; e pode até se



lembrar dos Arbóreos com satisfação, em vez da aversão que você demonstra.

— Em suma... uma mistura de todas as características indesejáveis?

— Creio que se pode dizer assim. Sem dúvida, seria uma mistura de todas as características que você, Jay, considera indesejáveis. Mas... se liberado pelo hipnotismo e sugestão, ele pode ser a pessoa mais indicada para a missão.

— Mas como sabe que tenho mesmo essa... essa personalidade alternativa?

— Não posso ter certeza, é claro, mas a possibilidade é muito grande. A maioria das personalidades reprimidas... — Forth tossiu e apressou-se em corrigir: — ...disciplinadas possui essa personalidade subsidiária suprimida. Não se descobre de vez em quando... talvez raramente... fazendo coisas que não combinam nem um pouco com você?

Quase que pude sentir Allison atordoado, enquanto confessava:

— Claro que sim. Há poucos dias, por exemplo, embora seja sempre conservador na maneira de me vestir... — Ele fez uma pausa, olhando para a túnica do uniforme. — ...eu me descobri a comprar...

Allison fez outra pausa. Seu rosto ficou vermelho enquanto acrescentava, num murmúrio:

— ...uma camisa esporte vermelha toda florida. Sentado no escuro, senti um pouco de pena do pobre idiota, perturbado e envergonhado com os únicos impulsos humanos que costumava ter. Na tela, Allison franziu o rosto, consternado.

— Um impulso... louco.

— Pode dizer isso... ou dizer que foi uma ação do Jay suprimido. O que me diz, Allison? Você pode ser o único terráqueo em Darkover, talvez o único humano em todo o planeta, capaz de entrar num Ninho de Arbóreos sem ser assassinado.

— Senhor, como cidadão do Império... não tenho opção, não é mesmo?

— Preste atenção, Jay. — Senti que Forth tentava ultrapassar a barricada e fazer contato com aquele homem frio e contido, um

contato genuíno, além da superfície. — Não podemos ordenar que qualquer pessoa faça uma coisa assim. Além dos perigos normais, pode destruir seu equilíbrio pessoal, talvez para sempre. Estou apenas lhe pedindo que seja voluntário para uma missão acima e além do chamado do dever. De homem para homem... qual é a sua resposta?

Eu ficaria comovido com aquelas palavras. Mesmo ouvindo em segunda mão, ainda me senti comovido. Jay Allison baixou os olhos para o chão. Retorceu as mãos compridas e bem cuidadas de cirurgião, estalou as articulações, num gesto estranho. Ao final, murmurou:

— No fundo, doutor, não tenho qualquer opção. Correrei o risco. Irei procurar os Arbóreos.

## Capítulo Dois

A tela tornou a ficar escura e Forth acendeu a luz.

— E então?

Respondi as mesmas palavras, em sua entonação:

— E então?

Senti-me exasperado ao descobrir que estalava as articulações, o mesmo gesto nervoso de Allison em sua angustiada decisão. Tratei de sacudir os dedos e levantei-me.

— Posso supor que não deu certo com Allison, e por isso resolveu me procurar? Claro que irei procurar os Arbóreos. Mas não com aquele escroto do Allison. Eu não iria a parte alguma com um homem assim. Mas falo a língua dos Arbóreos... e nem preciso de hipnose.

Forth me fitava atentamente.

— Quer dizer que se lembrou?

— Nunca esqueci. O avião de meu pai caiu nas Hellers. Um bando de Arbóreos me encontrou, meio morto. Vivi com eles até completar quinze anos. Nessa ocasião, o Antigo decidiu que eu era muito humano para eles. Levaram-me pelo Passo de Dammerung, e providenciaram para que eu chegasse aqui. Lembro de tudo agora. Passei cinco anos no Orfanato dos Espaçonautas. Comecei a trabalhar como guia de turistas terráqueos em expedições de caça e outras coisas, porque gostava de viver nas montanhas. Eu...

Parei de falar abruptamente. Forth continuava a me observar com absoluta concentração.

— Não quer sentar de novo? Será que não consegue ficar quieto por um momento?

Tornei a sentar, relutante. Ele acrescentou:

— Acha que vai gostar da missão?

— Será difícil. — Pensei um pouco. — O Povo do Céu (preferi usar o nome que os Arbóreos davam a si mesmos) não gosta de forasteiros. Mas pode ser persuadido. A pior parte seria chegar lá. Ainda não foi construído um avião ou helicóptero que possa resistir aos ventos turbulentos nas Hellers. E não há nenhum lugar onde

poderiam pousar. Teríamos de ir a pé, partindo de Carthon. Eu precisaria de montanhistas profissionais.

— Quer dizer que não partilha a atitude de Allison?

— Não me insulte!

Descobri que estava outra vez de pé, andando de um lado para outro, irrequieto. Forth meditou, em voz alta:

— O que é a personalidade, no final das contas? Uma máscara de emoções, sobreposta ao corpo e ao intelecto. Mudando-se o ponto de vista, mudando-se as emoções e os desejos, até com o mesmo corpo e as mesmas experiências passadas, temos um novo homem.

Virei-me no meio de um passo. Uma nova e terrível suspeita, monstruosa demais para definir, começava a se insinuar em minha mente. Forth apertou um botão. O rosto de Jay Allison, imóvel, apareceu na tela. Forth pôs um espelho em minha mão.

— Jason Allison, olhe para você mesmo. Olhei.

— Não. — Uma pausa. — Não. Não. Não. Forth não discutiu. Apontou um dedo grosso.

— Observe... — Ele foi deslocando o dedo enquanto falava. — Altura da testa. Os mesmos malaras. As sobrancelhas e a boca parecem diferentes, porque sua expressão é diferente. Mas a estrutura óssea... o nariz, o queixo...

Um som estranho saiu de meus lábios. Larguei o espelho no chão. Forth me segurou pelo antebraço.

— Agüente firme!

Descobri um fio de voz. Não parecia nem um pouco com a voz de Allison.

— Quer dizer que eu... que eu sou Jay... Jay Allison com amnésia?

— Não exatamente.

Forth passou a manga imaculada da túnica pela testa. Saiu úmida de suor.

— Você não é Jay Allison... não como o conhece. — Ele respirou fundo. — E trate de sentar. Quem quer que seja, sente-se!

Sentei. Cauteloso. Sem saber o que esperar.

— É o homem que Jay Allison poderia ter sido, se fosse diferente o rumo de seu temperamento. Eu diria mesmo que é... o homem que Jay Allison começou a ser. Mas se recusou a ser. Dentro do subconsciente, ele ergueu barreiras contra toda uma série de lembranças. O limiar subliminar...

— Doutor, não entendo nada dessa conversa psicológica. Ele me fitava nos olhos.

— E lembra a língua dos Arbóreos. Foi o que pensei. A personalidade de Allison está suprimida em você, assim como a sua era suprimida nele.

— Uma coisa, doutor. Não sei nada sobre frações de sangue ou epidemias. Minha metade da personalidade não estudou medicina.

Tornei a pegar o espelho. Estudei o reflexo, pensativo. As faces eram estreitas, com malares salientes, a testa alta, os cabelos escuros que Jay Allison mantinha impecáveis, agora desgrenhados. Nossas vozes não eram nem um pouco parecidas. A dele era estridente, um tanto alta. A minha, até onde podia julgar, era uma oitava mais profunda, mais ressonante. Mas saíam das mesmas cordas vocais... a menos que Forth estivesse empenhado numa brincadeira irracional e macabra.

— Jura que estudei medicina? É a última coisa que me passaria pela cabeça. Acho que é um ofício honesto, mas nunca fui tão intelectual.

— Você... ou melhor, Jay Allison é um especialista em parasitologia darkovana, além de um competente cirurgião. — Forth sentava com o queixo apoiado na mão, observando atentamente. -A mudança física é mais surpreendente do que a outra. Eu não o teria reconhecido.

— O mesmo me aconteceu. Não me reconheci... e o mais estranho é que nem gostei de Jay Allison, para dizer o mínimo. Por um lado, você é mais jovem. Dez anos mais jovem. Duvido que qualquer dos amigos de Jay... se é que ele tinha algum... seria capaz de reconhecê-lo. Você... É um absurdo continuar a chamá-lo de Jay. Devo tratá-lo por que nome?

— Que importância isso tem? Mas pode me chamar de Jason.

— Um nome apropriado — comentou Forth, enigmático. — Eu bem que gostaria de lhe dar alguns dias para se ajustar à sua nova personalidade, Jason, mas temos uma premência de tempo. Pode voar para Carthon esta noite? Escolhi uma boa equipe para ajudá-lo. Já despachei todo mundo para lá. Vai encontrá-los à sua espera.

Subitamente, a sala me sufocava. Tinha dificuldade para respirar. Indaguei, aturdido:

— Tinha certeza de que tudo acabaria dando certo, não é? Forth fitou-me em silêncio pelo que pareceu um longo tempo. Quando falou, a voz saiu muito suave:

— Não, eu não tinha certeza de nada. Mas se você não aparecesse, e não conseguisse convencer Jay a ir, eu mesmo teria de tentar.

Jason Allison Júnior estava registrado no diretório do QG Terráqueo como "Suíte 1214, Corredor de Residência Médica". Encontrei os aposentos sem qualquer dificuldade, embora um médico idoso me olhasse com uma certa curiosidade quando nos cruzamos no corredor. A suíte — quarto, sala minúscula, um banheiro compacto — deixou-me deprimido: era limpa, sufocante e neutra, como o homem que costumava ocupá-la. Vasculhei tudo, apreensivo, tentando encontrar alguma coisa familiar, que servisse para me indicar que residira ali durante os últimos onze anos.

Jay Allison tinha trinta e quatro anos. Eu daria a minha idade, sem hesitação, como vinte e dois. Não havia hiatos óbvios em minha memória; desde o momento em que Jay Allison falara sobre os Arbóreos, meu passado aflorara, completo, até o jantar do dia anterior (só que eu comera esse jantar há doze anos?). Lembrei meu pai, um homem silencioso, o rosto todo vincado, que gostava de voar, tirando fotos e mais fotos de seu avião, para o trabalho metuculoso de Mapeamento e Exploração. Gostava de me levar em seus vôos. Com isso, eu sobrevoara quase todo o planeta. Ninguém mais ousara voar sobre as Hellers, exceto as grandes espaçonaves comerciais, que se mantinham a uma altitude segura. Lembrava vagamente do desastre e de mãos estranhas me arrancando dos destroços do avião. Passara semanas com o corpo todo arrebetado, em delírio, sendo cuidado por uma das mulheres de olhos

vermelhos, chilreando sem parar. No total, ficara oito anos no Ninho, que não era absolutamente um ninho, mas uma cidade construída sobre os galhos de enormes árvores. Com os humanóides pequenos e delicados, que haviam sido meus companheiros de brincadeiras, colhera nozes, botões de flores e pequenos animais arbóreos, que eles usavam como alimento. Também tecera roupas com as fibras de plantas parasitas que eles cultivavam. Durante todos aqueles oito anos, só pusera os pés no chão uma dúzia de vezes, no máximo, embora tivesse viajado por quilômetros e quilômetros pelas estradas entre as árvores, lá em cima.

Depois, viera a decisão angustiada do Antigo, de que eu era estranho demais para continuar a viver com eles. Não podia esquecer a difícil e perigosa jornada que meus pais e irmãos de adoção realizaram para me tirar das Hellers e me enviar para a

Cidade Comercial. Depois de dois anos de reajustamento para voltar a viver à luz do dia (os Arbóreos, com seus olhos de coruja, viam melhor ao luar, preferindo fazer tudo à noite), um período doloroso, de rebeldia mental, eu encontrara um lugar para mim e assentara. Mas todos os últimos anos (depois que Jay Allison assumira o comando, eu tinha de supor, por um padrão básico de lembranças comuns para os dois) haviam desaparecido no limbo do subconsciente.

Havia uma prateleira inteira ocupada por microdiscos: enfiei um no visor, uma estranha sensação de que estava espionando. Descobri-me a prestar atenção, apreensivo, na expectativa de ouvir os passos medidos e a voz estridente de Jay Allison, indagando o que eu fazia, por que mexia nas suas coisas. Com o olho no visor, fui lendo ao acaso um texto sobre fraturas compostas. Só depois percebi que compreendera apenas três palavras num parágrafo inteiro. Encostei o punho na testa e ouvi as palavras ressoando lá dentro, vazias: "laceração... efusão primária... soro e linfa... granulação do tecido..." Presumi que as palavras significavam alguma coisa, e que outrora eu as conhecia muito bem. Mas se recebera uma educação médica, não me recordava de uma única palavra. Não sabia distinguir uma fratura de um corte.

Num súbito frenesi de impaciência, tirei a túnica branca e vesti a primeira camisa que encontrei, vermelha, pendurada entre as roupas brancas como uma ave exótica no meio de um campo nevado. Voltei a vasculhar as gavetas. Ao enfiar a mão num escaninho da mesa, encontrei outro microdisco, que me pareceu familiar. Ajeitei-o no visor, num gesto automático. Era um livro sobre montanhismo, que eu me lembrava de ter comprado quando jovem. Serviu para dissipar as últimas dúvidas, ainda persistentes. Era evidente que comprara o livro antes que as personalidades se dividissem de uma maneira tão violenta, separando Jason de Jay. Comecei a acreditar. Não a aceitar. Apenas acreditar que acontecera. O livro parecia ter sido muito usado.

Encontrei na cômoda, sob uma pilha de cuecas limpas, uma garrafa achatada de uísque, pela metade. Lembrei o comentário de Forth, de que nunca vira Jay Allison beber, e não pude deixar de pensar: "Pobre coitado!" Servi-me de uma dose e sentei, dando uma olhada no livro sobre montanhismo.

Desconfiava que minhas duas metades só se haviam separado de forma tão brusca quando ingressara na faculdade de medicina. Ao longo dos dias, semanas e anos, Jay Allison mantivera-me prisioneiro. Tentei ajustar datas em minha mente. Consultei um calendário. O sobressalto mental foi tão grande que o larguei. Só pensaria a respeito quando estivesse um pouco embriagado do uísque.

Especulei se minhas recordações detalhadas da adolescência e dos vinte e poucos anos seriam as mesmas que Jay Allison tinha. Achava que não. As pessoas esquecem e lembram seletivamente. Semana a semana, ano a ano, a personalidade dominante de Jay fora me banindo; a tal ponto que o jovem turbulento, mais do que meio darkovano, amando as montanhas, com a maior saudade de um mundo não-humano, fora sufocado pelo frio e austero estudante de medicina, que se perdera por completo em seu trabalho. Mas eu, Jason... sempre fora o observador por trás, a pessoa que Jay Allison não ousava ser? Por que ele já passara dos trinta anos... e eu tinha apenas vinte e dois?



Uma campainha estrondosa rompeu o silêncio. Tive de procurar o intercom na parede do quarto.

— Quem é?

Uma voz desconhecida indagou:

— Dr. Allison?

A resposta foi automática:

— Não tem ninguém com esse nome.

Já ia desligar, mas parei no meio do movimento. Engoli em seco e perguntei:

— É você, dr. Forth?

Era ele mesmo. Voltei a respirar. Não queria nem pensar no que diria se outra pessoa exigisse que eu explicasse por que estava atendendo na linha particular do dr. Allison. Depois que Forth acabou de dizer o que queria, fui até o espelho e olhei.

Tentava ver por trás de meu rosto as feições angulosas daquele estranho, o doutor Jason Allison. Fui protelando o momento de começar, embora especulasse sobre que roupas deveria levar para uma viagem às montanhas. O hábito das expedições de casa prevaleceu, levando-me a preparar uma lista mental, que incluía meias de calor e blusões resistentes. O rosto que me fitava era jovem, um pouco sardento, o mesmo rosto de sempre, só que perdera o bronzeado; Jay Allison mantivera-me entre quatro paredes por tempo demais. De repente, bati com o punho no espelho, de leve.

— Vá se danar, dr. Allison.

Virei-me para descobrir se ele tinha roupas apropriadas para a viagem.

## Capítulo Três

O dr. Forth esperava-me no telhado do prédio. Havia um pequeno helicóptero pousado ali, dos mais antigos, usado pelo Serviço Médico quando ocorria uma emergência de alta prioridade. Forth ficou surpreso ao ver minha camisa vermelha, mas disse apenas:

— Olá, Jason. Há uma coisa que você precisa decidir logo. Informamos à tripulação quem você realmente é?

Sacudiu a cabeça, enfático.

— Não sou Jay Allison... e não quero seu nome ou reputação. A menos que haja alguém na equipe que conheça Allison de vista...

— Alguns conhecem, mas não creio que possam reconhecê-lo.

— Diga a eles que sou o irmão gêmeo — sugeri, sem qualquer humor.

— Não será necessário, por que não há muita semelhança. Forth virou-se e chamou um homem que fazia alguma coisa perto do helicóptero. Enquanto o homem se aproximava, ele acrescentou, baixinho:

— Vai entender agora o que eu digo.

O homem usava o uniforme da Força Espacial, de couro preto. Tinha um pequeno arco-íris de estrelas na manga, indicando que já servira em uma dúzia de planetas diferentes, uma diferente estrela colorida para cada um. Não era mais um jovem. Devia ter seus cinquenta e tantos anos, o rosto vincado, alto, corpulento, o lábio rachado. Gostei de sua aparência. Trocamos um aperto de mão, enquanto Forth dizia:

— Este é o nosso homem, Kendricks. Chama-se Jason e é um grande conhecedor dos Arbóreos. Jason, este é Buck Kendricks.

— Prazer em conhecê-lo, Jason.

Tive a impressão de que ele me fitou por meio segundo a mais do que o necessário.

— O helicóptero já está pronto — acrescentou Kendricks. - Podem embarcar, doutor. Também vai até Carthon, não é?

Fechamos o zíper do blusão e embarcamos. O helicóptero subiu sem fazer barulho pelo céu vermelho-claro. Sentei ao lado de Forth, contemplando as nuvens lilases e a paisagem de Darkover se estendendo lá embaixo.

— Kendricks lançou-me um olhar estranho, doutor. O que há com ele?

— Há oito anos que Kendricks mantém contato com Jay Allison — murmurou Forth. — Mesmo assim, não o reconheceu.

Mas paramos por aí, sem conversar mais a respeito, o que foi um alívio para mim. Enquanto voávamos, sob o rotor silencioso, deixando para trás a área povoada em torno da Cidade Comercial, conversamos sobre Darkover. Forth falou sobre a febre dos Arbóreos e conseguiu me explicar o que era uma fração de sangue. Também explicou por que era necessário persuadir cinqüenta ou sessenta humanóides a voltarem comigo, a fim de doarem seu sangue. Os anticorpos poderiam ser isolados, e depois sintetizados.

Seria uma proeza absolutamente sem precedentes, se eu conseguisse. A maioria dos Arbóreos nunca punha os pés no solo em toda a sua vida, a não ser quando atravessavam os passos acima da linha da neve. Nem uma dúzia deles — entre os quais se incluíam meus pais de adoção, que com tanto sofrimento haviam me levado através do Dammerung — se aventurara além do círculo de montanhas que os isolava do resto do planeta. Os humanos às vezes entravam pelas florestas inferiores, à procura dos Arbóreos. Era um movimento num só sentido. Os Arbóreos nunca viajavam à procura dos humanos.

Também conversamos sobre os humanos que haviam cruzados as montanhas, entrando no território dos Arbóreos. Eram as montanhas que haviam recebido o nome profano de Hellers, dado pelos primeiros terráqueos que tentaram sobrevoá-las em algum aparelho mais baixo e mais lento do que uma espaçonave. Haviam chegado à conclusão de que eram um verdadeiro inferno.

— Quem são os homens que você escolheu para a expedição? Todos são terráqueos?

Forth balançou a cabeça.

— Seria um crime mandar alguém que pudesse ser reconhecido como terráqueo para as Hellers. Sabe como os Arbóreos se sentem sobre forasteiros entrando em seu território.

Claro que eu sabia. Forth continuou:

— Mesmo assim, haverá dois terráqueos com você.

— Eles não conhecem Jay Allison?

Eu não queria ser estorvado por alguém que já tivesse me conhecido antes, que esperasse que eu me comportasse como meu outro eu esquecido.

— Kendricks o conhece — lembrou Forth. — Mas serei absolutamente sincero. Nunca conheci Jay Allison direito. Mantínhamos apenas relações de trabalho. Sei de muitas coisas a seu respeito agora. Afloraram durante as sessões de hipnose... coisas que ele nunca me diria conscientemente, nem a qualquer outra pessoa. Mas tudo está sob o sigilo da confidência profissional. Não posso contar nem para você. Kendricks será importante na expedição, e você terá de correr o risco de que ele possa reconhecê-lo. Não é Carthon lá embaixo?

Carthon estava aninhada nos contrafortes das Hellers, uma cidade antiga e esparramada, coberta pela poeira de cinco mil anos. Crianças vieram correndo para observar o helicóptero, quando pousamos fora da cidade. Poucas aeronaves voavam bastante baixo para serem vistas ali, tão perto das Hellers.

Forth enviara a equipe na frente. Eles estavam acampados numa imensa construção abandonada, que podia ter sido um armazém ou um palácio em ruínas. Lá dentro havia dois caminhões, reduzidos aos chassis, a cabine e a traseira abertas. Todas as peças tinham atravessado o espaço desde a Terra. Havia também animais de carga, vultos escuros na semi-escuridão. As caixas estavam empilhadas de qualquer maneira. No outro lado, havia uma fogueira acesa, com cinco ou seis homens em trajes darkovanos — camisas de manga larga, culotes envolvendo as coxas, botas de cano curto — agachados ao redor, conversando. Levantaram quando Forth, Kendricks e eu nos aproximamos. Forth cumprimentou-os num darkovano de sotaque carregado, depois passou a falar no Padrão Terráqueo, com um dos homens traduzindo.

Apresentou-me apenas como "Jason", segundo o costume darkovano. Olhei para os homens, um a um. No tempo em que eu escalava montanhas por diversão, gostava de escolher meus próprios homens. Mas quem selecionara o pessoal para aquela expedição sabia o que fazia.

Três eram darkovanos das montanhas, magros e morenos, bastante parecidos para serem irmãos. Logo descobri que eram mesmo irmãos, Hjalmar, Garin e Vardo. Todos os três tinham mais de um metro e noventa de altura, com Hjalmar uma cabeça mais alto do que os irmãos, que nunca aprendi a distinguir. O quarto homem, um ruivo, vestia-se melhor do que os outros. Foi apresentado como Lerrys Ridenow... os dois nomes indicando que pertencia à alta aristocracia darkovana. Parecia musculoso e bastante ágil, mas as mãos eram cuidadas demais para um homem das montanhas. Não pude deixar de especular quanta experiência ele teria.

O quinto homem que me apertou a mão havia falado com Kendricks e Forth como se fossem velhos amigos.

— Não conheço você de algum lugar, Jason?

Ele parecia darkovano, usava roupas darkovanas, mas Forth me alertara antes. O ataque parecia ser a melhor defesa.

— Você não é terráqueo?

— Meu pai era.

Compreendi tudo. Não era uma situação incomum, mas se tornava muito delicada num planeta como Darkover. Falei num tom despreocupado:

— Já devo tê-lo visto no QG, mas não consigo situá-lo.

— Meu nome é Rafe Scott. Pensei que conhecia a maioria dos guias profissionais em Darkover, mas admito que poucas vezes me aventurei pelas Hellers. Que curso vamos seguir?

Descobri-me atraído para o meio do grupo. Aceitei um dos cigarros darkovanos, pequenos e adocicados. Estudei o mapa que alguém rabiscara na tampa de uma caixa. Peguei um lápis emprestado por Rafe. Inclinei-me para a caixa e desenhei um mapa tosco do território dos Arbóreos, de que me lembrava tão bem da infância. Podia ficar aturdido quando se falava em frações de

sangue, mas sabia muito bem o que fazia em matéria de escaladas. Rafe, Lerrys e os irmãos darkovanos agruparam-se por trás de mim para examinar o mapa. Lerrys encostou a unha na rota que eu indicara.

— O terreno aqui é muito difícil — comentou ele, tímido. — Na campanha do 'Narr, os Arbóreos nos atacaram neste ponto. Foi terrível lutar naquelas passagens estreitas.

Fitei-o com um novo respeito; com mãos delicadas ou não, era evidente que ele conhecia a região. Kendricks apalpou a pistola de raios em sua cintura, dizendo com uma expressão sombria:

— Mas não será a campanha do 'Narr. Quero ver se os Arbóreos vão nos atacar enquanto eu estiver com isto.

— Mas não estará! — declarou uma voz incisiva e autoritária por trás dele. — Pode largar essa arma!

Kendricks e eu nos viramos ao mesmo tempo para ver quem falara. Era um darkovano alto e jovem, ainda parado na sombra. O recém-chegado olhou para mim.

— Fui informado de que você é terráqueo, mas entende os Arbóreos. Não tenciona usar armas de fissão ou fusão contra eles, não é?

Lembrei que nos encontrávamos agora em território darkovano. Por isso, devíamos considerar o horror darkovano a armas de qualquer tipo que tivessem um alcance além do braço da pessoa que a empunhava. Uma simples arma de raios de calor, para o código de ética darkovano, é tão repreensível quanto uma bomba de cobalto, capaz de destruir um planeta inteiro. Kendricks ainda tentou protestar:

— Não devemos viajar desarmados pelo território dos Arbóreos. Podemos encontrar bandos hostis das criaturas... e eles são perigosos com aquelas suas facas compridas!

O estranho respondeu calmamente:

— Não tenho nenhuma objeção a que você ou qualquer outro viaje com uma faca, para autodefesa.

— Uma faca? — Kendricks respirou fundo, com um ronco que parecia um rugido. — Escute aqui, seu desgraçado de olhos esbugalhados, quem você pensa que é?

Os darkovanos murmuraram. O homem na sombra disse com a maior simplicidade:

— Regis Hastur.

Kendricks arregalou os olhos. Eu poderia ter feito a mesma coisa, se não decidisse que chegara o momento de assumir o comando da expedição.

— Muito bem, a responsabilidade agora é minha. Buck, entregue-me a arma.

Ele me fitou com uma raiva evidente por alguns segundos. Especulei o que faria se ele se recusasse a entregar. Depois, lentamente, Kendricks desafivelou o coldre e me entregou a pistola, a coronha virada em minha direção.

Eu nunca havia percebido como um homem da Força Espacial parecia despido sem a sua arma. Segurei-a por um longo momento, enquanto Regis Hastur saía da sombra. Era mesmo alto, com os cabelos avermelhados e a pele clara da aristocracia darkovana. Tinha uma expressão meio indefinível no rosto... talvez de arrogância, ou a consciência de que os Hasturs governavam aquele mundo há séculos, muito antes dos terráqueos levarem as espaçonaves, o comércio e todo o universo para suas portas. Ele me fitava como se aprovasse minha atitude, o que era um pouco pior do que a situação anterior.

Por isso, usando o respeitoso idioma darkovano para falar com um superior (o que ele era mesmo), mas mantendo a voz firme, eu declarei:

— Só pode haver um líder nesta expedição, lorde Hastur. E serei eu. Se quer discutir se devemos ou não levar as armas mais modernas, sugiro que converse comigo em particular... e deixe que eu dê as ordens.

Um dos darkovanos deixou escapar um murmúrio de espanto. Eu sabia que poderia ser agredido e subjugado naquele instante. Mas com um bando de homens tão diferentes, precisava assumir a liderança de saída, ou seria relegado ao segundo plano, sem que ninguém me obedecesse. Não dei a Regis Hastur uma oportunidade para responder, porque me apressei em acrescentar:

— Venha comigo. Eu queria mesmo conversar com você.

Só me lembrei de respirar quando ele deu o primeiro passo para me acompanhar. Levei-o para um canto deserto, onde ninguém poderia nos ouvir. Virei-me para fitá-lo.

— O que está fazendo aqui? Não pretende cruzar as montanhas conosco, não é mesmo?

Ele enfrentou minha cara amarrada com um rosto impassível.

— É isso mesmo o que tenciono fazer. Soltei um grunhido.

— Por quê? É o neto do Regente. Pessoas importantes não realizam esse tipo de trabalho perigoso. Se alguma coisa lhe acontecer, a responsabilidade será minha.

Eu já teria muitos problemas, pensei, sem precisar tomar conta de uma das pessoas mais reverenciadas no planeta. Não queria ao meu lado alguém que precisaria adular, me submeter ou mesmo ouvir.

Regis Hastur franziu um pouco o rosto. Tive a desagradável impressão de que ele sabia o que eu estava pensando.

— Em primeiro lugar, não acha que será importante para os Arbóreos saber que um Hastur o acompanha, enquanto suplica esse favor?

Claro que seria. Os Arbóreos dispensavam pouca atenção aos humanos comuns, a não ser como alvos de ataques quando entravam em seu território sem serem convidados. Mas eles também, como todos em Darkover, reverenciavam os Hasturs. Não restava a menor dúvida de que era uma boa manobra diplomática. Se os darkovanos enviavam seu mais importante líder, era possível que os Arbóreos o escutassem.

— Em segundo lugar — continuou Regis Hastur —, os darkovanos são meu povo. Cabe a mim negociar por eles. Em terceiro lugar, conheço o dialeto dos Arbóreos... não muito bem, mas posso falar um pouco. E em quarto, escalei montanhas durante toda a minha vida. Apenas como amador, é verdade, mas posso lhe assegurar que não vou atrapalhar.

Não havia praticamente nada que eu pudesse dizer a isso. Regis Hastur parecia ter coberto todos os pontos... menos um, que ele logo incluiu, depois de um momento:



— Não precisa se preocupar. Estou disposto a aceitar seu comando. Não vou reivindicar... nenhum privilégio.

Eu tinha de me contentar com essa declaração.

Darkover é um planeta civilizado, com um elevado padrão de vida, mas não é uma cultura mecanizada ou tecnológica. Quase não há mineração. As pessoas não constroem fábricas. As poucas existentes foram criadas por empresas terráqueas. Fora da Cidade Comercial, as máquinas e os modernos meios de transporte são quase desconhecidos.

Enquanto os outros homens conferiam e carregavam os suprimentos, Rafe Scott saiu para fazer contato com alguns amigos, a fim de acertar detalhes de última hora. Sentei com Forth para memorizar os detalhes médicos que devia apresentar aos Arbóreos.

— Se ao menos tivéssemos mantido os seus conhecimentos médicos!

— O problema é que ser um médico não combina com a minha personalidade.

Eu experimentava uma total animação. Do lugar em que sentava, podia erguer a cabeça e contemplar os contrafortes de um verde-escuro, que se estendiam além de Carthon. Podia também observar a estrada de pedra, como uma pequena fita branca, que seguiríamos durante o primeiro estágio da viagem. Era evidente que Forth não partilhava meu entusiasmo.

— Sabe, Jason, há um perigo concreto...

— Acha que eu me importo com o perigo? Ou tem medo que eu me torne um... imprudente?

— Não exatamente. Não é um perigo físico, Jason. É emocional. .. ou melhor, um perigo intelectual.

— Será que não conhece outra linguagem que não essa conversa psicológica?

— Deixe-me acabar, Jason. Jay Allison pode ter sido reprimido, estar sob controle, mas você é muito impulsivo. Carece de uma engrenagem de equilíbrio, se é que se pode falar assim. E se correr riscos demais, seu alter ego pode voltar à superfície e assumir o controle, por uma questão de autopreservação.

— Em outras palavras, se eu assustar o pomposo do Allison, ele pode começar a se revirar em sua sepultura?

Não pude deixar de soltar uma gargalhada. Forth tossiu e conteve a custo uma risada. Comentou que era uma maneira de expressar a situação. Bati de leve em seu ombro, tranquilizador, e declarei:

— Pode esquecer. Prometo que serei sóbrio e objetivo... mas há alguma lei contra gostar do que estou fazendo?

Alguém tornou a entrar no armazém e gritou:

— Ei, Jason, o guia já chegou!

Levantei, oferecendo um sorriso final a Forth.

— Não se preocupe. Já me livrei de Jay Allison.

Fui me encontrar com o outro guia contratado. E tive uma tremenda surpresa, pois era uma mulher.

Era pequena para uma darkovana, o corpo esguio, de quadris estreitos, mais apropriado para um menino. A primeira vista, não era feminino. Os cabelos cacheados eram curtos, de um preto azulado, projetando sombras no rosto meio quadrado, queimado pelo sol. Os olhos tinham pestanas tão cerradas que não dava para descobrir a cor. O nariz era fino e empinado; podia parecer elegante, mas transmitia uma estranha impressão de arrogância. A boca era larga, o queixo arredondado. Ela ergueu a palma e disse, um tanto solene:

— Kyla Rainéach, Amazona Livre, guia licenciada. Respondi ao gesto com um aceno de cabeça, franzindo o rosto. A guilda das Amazonas Livres atuava em quase todas as áreas, mas o serviço de guia nas montanhas parecia um tanto absurdo. Mas ela dava a impressão de ser vigorosa e ágil. O corpo era quase tão estreito nos quadris e de peito liso quanto o meu, o que dava para perceber mesmo com as roupas grossas. Só as pernas compridas e esbeltas eram inequivocamente femininas.

Os outros homens continuavam a verificar e carregar os suprimentos. Pelo canto dos olhos, notei que Regis Hastur também trabalhava, carregando fardos. Sentei num saco ainda ali. Fiz sinal para que ela sentasse ao meu lado.

— Tem alguma experiência de trilha? Vamos entrar nas Hellers pelo Passo de Dammerung. É um território difícil, mesmo para

profissionais.

Ela informou, com uma voz impassível:

— Acompanhei a expedição terráquea de mapeamento à cordilheira do Pólo Sul, no ano passado.

— Já esteve alguma vez nas Hellers? Se me acontecer alguma coisa, seria capaz de trazer a expedição de volta a Carthon, sã e salva?

Kyla baixou os olhos para seus dedos roliços.

— Tenho certeza de que sim. — Ela começou a se levantar. - Isso é tudo?

— Só mais uma coisa... — Gesticulei para que ela esperasse. — Será a única mulher entre oito homens...

Ela torceu o nariz arrebitado.

— Não espero que ninguém queira se meter sob minhas cobertas, se é sobre isso que está querendo falar. Não consta do meu contrato... até onde eu sei!

Senti o rosto ardendo. Mas que mulher atrevida.

— Pessoalmente, não tenho a menor intenção, mas não posso responder pelos sete outros homens... e alguns são bem rudes, sempre viveram nas montanhas.

Mesmo enquanto falava, não pude deixar de me perguntar por que me incomodava. Uma Amazona Livre, com toda certeza, seria capaz de defender sua honra... ou não, se assim preferisse... sem precisar da minha ajuda. Tive de me desculpar, acrescentando:

— De qualquer forma, você será um elemento perturbador... e também não quero brigas.

Ela soltou um grunhido estridente e divertido.

— Há segurança na quantidade... e conhece os efeitos fisiológicos das altitudes elevadas sobre homens acostumados a viver nas planícies, não é?

Abruptamente, ela inclinou a cabeça para trás. O grunhido contido saiu como uma risada jovial.

— Jason, sou uma Amazona Livre, o que significa... Não, não fui emasculada, como acontece com algumas de nós. Mas tem a minha palavra de que não criarei problemas do tipo que as mulheres podem criar.

Kyla se levantou e arrematou:

— Agora, se não se importa, eu gostaria de verificar os equipamentos para a viagem pelas montanhas.

Seus olhos ainda riam para mim; por mais estranho que possa parecer, no entanto, isso não me incomodou nem um pouco.

## Capítulo Quatro

Partimos naquela noite, uma pequena caravana, estranha e irregular. Os animais de carga foram embarcados num caminhão; não gostaram nem um pouco. Os suprimentos foram postos no outro caminhão. As antigas estradas de pedra, esburacadas, com sulcos aqui e ali, abertos pela água das chuvas, não haviam sido planejadas para serem usadas por qualquer outra coisa que não os pés de homens e as patas dos animais. Passamos por pequenas aldeias e propriedades rurais isoladas. Avistamos também algumas torres solitárias, onde os mecânicos de matriz trabalhavam nas ciências secretas de Darkover. Eram torres de pedra, que às vezes brilhavam como faróis azuis na escuridão.

Kendricks guiava o caminhão que levava os animais, divertindo-se com isso. Rafe e eu nos revezávamos ao volante do outro caminhão, partilhando o banco largo com Regis Hastur e Kyla. Os outros homens se acomodaram entre as caixas e sacos na traseira aberta. Em determinado momento, enquanto Rafe guiava e a moça cochilava, o casaco sobre o rosto, para se proteger da claridade do sol avermelhado, Regis me perguntou:

— Como são as cidades dos Arbóreos?

Tentei explicar, mas nunca fui bom em reduzir as coisas a descrições. Quando descobriu que eu não me sentia muito disposto a falar, ele se calou. Logo em seguida, em meio a cochilos intermitentes, comecei a recordar tudo o que sabia sobre os Arbóreos e seu mundo.

A natureza parece ser igual em todos os mundos desabitados, tendendo para a economia e a simplicidade da forma humana. O porte empertigado, liberando as mãos, o polegar em oposição, a sensibilidade para as cores das retinas, o desenvolvimento da linguagem e o prolongamento dos cuidados parentais: essas coisas parecem ser indispensáveis ao crescimento de uma civilização. No final, indicam humanidade. Exceto por pequenas variações, dependendo do clima ou alimentos, os habitantes de Megaera ou Darkover eram indistinguíveis das pessoas nascidas na Terra ou em

Sírius. As diferenças são essencialmente culturais. Às vezes, uma cultura isolada segue por um rumo diferente ou permanece atávica, no meio do caminho para o cume da escada da evolução.. . que pelo menos nos planetas conhecidos ainda se considera que o Homo sapiens é a mais complexa das formas da natureza.

Os Arbóreos eram uma pausa na evolução que se tornara persistente. Quando o fluxo principal da existência em Darkover deixara as árvores para lutar pela existência no solo, uns poucos permaneceram para trás. A evolução não cessara para eles, mas se tornaram o Homo arborens: eram humanóides noturnos que viviam nas extensas florestas.

O caminhão avançava aos solavancos pela estrada esburacada. O vento era frio. O veículo era apenas um meio de transporte, sem refinamentos, como janelas. Os movimentos bruscos não me deixavam cochilar. Em que besteira eu estivera pensando? Idéias vagas sobre evolução turbilhonavam em meu cérebro, como borbulhas estourando. Os Arbóreos? Eram apenas os Arbóreos. Quem poderia explicá-los? Talvez Jay Allison? Rafe virou a cabeça nesse instante e perguntou:

— Onde vamos acampar esta noite? Está ficando escuro, e ainda temos de arrumar todos os equipamentos.

Deixei as especulações de lado, e voltei a me concentrar na expedição. Mas depois que os caminhões pararam, uma barraca foi armada, os animais de carga desembarcados, os equipamentos reunidos... quando tudo estava arrumado, continuei alerta. Ouvia os roncossonoros de Kendricks, mas tinha medo de pegar no sono. Enquanto cochilava no caminhão, um estranho lapso de percepção me envolvera. Era eu mesmo, mas ao mesmo tempo não era, acalentando pensamentos que não reconhecia como meus. Se eu dormisse, quem seria ao acordar?

Montamos o acampamento na curva de um rio, largo, raso, sem qualquer ponte à vista. Era o Kadarin, tradicionalmente um ponto sem volta para os humanos em Darkover. Além do rio, havia densas florestas, logo em seguida as encostas das Hellers, subindo cada vez mais. Cada vale era coberto por florestas. Era ali que viviam os Arbóreos.

Mas embora toda aquela área fosse povoada por colônias e ninhos, não adiantava negociar com eles. Devíamos tratar com o Antigo, no Ninho Norte, onde eu passara tantos anos da minha infância.

Desde tempos imemoriais que os Arbóreos — em geral inofensivos — mantinham limites rígidos entre seu território e as terras dos humanos que viviam no solo. Nunca se aventuravam além do Kadarin. Por outro lado, qualquer humano que se embrenhasse pelo território deles tornava-se, por esse fato, passível de um ataque.

Uns poucos darkovanos das montanhas tinham tratados comerciais com os Arbóreos; trocavam roupas, metal forjado e pequenos utensílios por nozes, casca de árvores para fabricar tintas, e determinadas folhas e musgos para produzir medicamentos. Os Arbóreos permitiam que esses homens caçassem em suas florestas sem serem molestados. Mas outros humanos que se arriscavam no território dos Arbóreos corriam o risco de ataques implacáveis. Eles não eram sanguinários, e não matavam por matar. Mas atacavam em bandos, de trinta a quarenta Arbóreos, despojavam as vítimas de tudo o que podiam carregar.

Viajar por aquele território podia ser perigoso...

Eu estava sentado na frente da barraca, contemplando o rio, ondulando rosado, ao sol nascente. Os animais de carga pastavam na grama baixa por trás da barraca. Os caminhões eram como enormes esfinges, cobertos por lonas, que brilhavam com o orvalho matutino. Regis Hastur saiu da barraca, esfregando os olhos. Veio ao meu encontro, na beira do rio.

— O que você acha? Será uma viagem difícil?

— Não creio. Conheço as trilhas principais e posso evitar quase todos os problemas. Mas...

Hesitei. Regis insistiu:

— Mas o quê?

Demorei um pouco a responder:

— O problema é você. Se alguma coisa lhe acontecer, seremos responsáveis perante todos os habitantes de Darkover.

Ele sorriu. A luz do sol vermelho, parecia uma pintura de alguma lenda antiga.

— Responsabilidade? Não me pareceu do tipo que se preocupa demais, Jason. Pensa que sou um inepto total? Sei cuidar de mim nas montanhas, e não tenho medo dos Arbóreos, embora não os conheça tão bem quanto você. E agora... quer que eu traga seu desjejum, ou vai comer junto com os outros?

Dei de ombros e fui até a fogueira. Para surpresa dos demais terráqueos — Kendricks e Rafe — Regis assumira sua parte de trabalho em cada parada. Não era pomposo; ao contrário, demonstrava a maior simplicidade e bom humor. A surpresa dos dois era pelo fato de aceitarem o costume terráqueo dos escalões superiores deixarem o trabalho mais pesado e trivial para os subordinados. Mas não existiam em Darkover, apesar das rígidas distinções de casta, as diferenças sociais ao estilo terráqueo. Também não havia a típica cortesia terráquea com as mulheres. Por isso, Kendricks fora o único a protestar quando Kyla participara da arrumação da carga, carregando caixas e sacos pesados.

Depois de algum tempo, Regis foi sentar ao meu lado, junto da fogueira. Os três irmãos brutamontes haviam despertado e se lavavam na parte rasa do rio, ruidosamente. Os demais ainda dormiam. Regis perguntou:

— Devo chamar os outros?

— Não há necessidade. O Kadarin é alimentado pelas marés do oceano, e teremos de esperar pelo baixa-mar para fazer a travessia. Só perto do meio-dia é que poderemos cruzar o rio sem estragar metade dos nossos equipamentos.

Regis farejou por cima do caldeirão.

— O aroma é delicioso...

Ele encheu sua tigela. Sentou, apoiando a tigela nos joelhos. Segui seu exemplo. Regis pediu:

— Conte alguma coisa sobre você, Jason. Onde aprendeu tanto sobre as Hellers? Lerrys participou da campanha do 'Narr, mas você não parece ter idade suficiente para isso.

Durante a breve guerra civil, quando os darkovanos haviam lutado com os Arbóreos nos passos de 'Narr, eu observara os



invasores humanos; Era então um menino de onze anos. Mas refleti que era melhor não dizer isso a Regis.

— Sou mais velho do que pareço, mas não o suficiente para isso. Vivi com os Arbóreos durante oito anos.

— Por Sharra! Então era você? — O príncipe darkovano parecia sinceramente impressionado. — Não é de admirar que tenha sido incumbido da missão. Não pode imaginar como o invejo, Jason.

Soltei uma risada curta.

— Falo sério, Jason. Quando menino, tentei ingressar no serviço espacial terráqueo. Mas a família acabou me convencendo de que, como um Hastur, já tinha uma missão no mundo definida... que nós, os Hasturs, temos a obrigação de manter o relacionamento entre Darkover e a Terra em termos pacíficos. O que me deixa numa terrível desvantagem. Todos pensam que devo andar com uma almofada na cabeça para o caso de sofrer uma queda.

Minha voz saiu um pouco ríspida quando perguntei:

— Então por que o deixaram vir numa missão tão perigosa?

Os olhos de Hastur faiscaram, mas o rosto se manteve impassível e a voz solene:

— Lembrei a meu avô que tenho cumprido fielmente meus deveres com os Hasturs. Já tenho cinco filhos, três legítimos, nascidos nos últimos dois anos.

Engasguei, cuspi e caí na gargalhada, enquanto Regis se levantava e ia lavar sua tigela no rio.

O sol já subira pelo céu quando tornamos a partir. Enquanto os outros arrumavam os últimos suprimentos, encarreguei Kyla de preparar as mochilas que levaríamos quando as trilhas se tornassem tão ruins que nem os animais de carga poderiam continuar. Fui até a beira do rio, para verificar a profundidade. Olhei para as depressões entre os picos das montanhas, cobertas pelo nevoeiro.

Os homens aprontavam a pequena barraca que usaríamos na floresta, com brincadeiras ruidosas e uma certa ansiedade. Era uma boa equipe, como eu já constataria. Rafe, Lerrys e os três irmãos darkovanos eram incansáveis e joviais, calejados por expedições pelas montanhas. Podia contar com Kendricks, obviamente fora do seu elemento, para sempre obedecer às minhas ordens, dar o apoio

necessário em todas as circunstâncias. Por mais estranho que pudesse parecer, o fato de ele ser um terráqueo era vagamente confortador, embora eu tivesse previsto que seria um obstáculo.

Kyla ainda era um fator desconhecido. Tensa e retraída, contribuía com sua parte do trabalho pesado, mas quase nunca falava. Até agora, seu relacionamento com os homens parecia tranqüilo, embora se mostrasse um pouco mais à vontade com os darkovanos.

— Ei, Jason, está na hora de partirmos! — gritou alguém. Voltei à clareira, contraindo os olhos para o sol. Senti alguma dor. Toquei no rosto, cauteloso. Compreendi subitamente o que acontecera. No dia anterior, viajando no caminhão aberto, e naquela manhã, por estar desacostumado ao sol intenso daquela latitude, eu deixara de tomar as precauções necessárias contra a exposição. Tinha o rosto vermelho e sensível de queimadura do sol. Fui até Kyla, que prendia um último saco num dos animais de carga, com a maior eficiência.

Ela não esperou que eu pedisse. Avaliou a situação de imediato, com uma expressão divertida.

— Queimadura de sol? Passe isto.

Kyla me estendeu um tubo com uma pomada branca. Apertei numa ponta, com certa inabilidade. Ela tornou a pegar o tubo, espremeu na sua palma, e disse:

— Abaixei a cabeça e fique quieto.

Passou a pomada em minha testa e faces. A sensação era fresca e agradável. Quando comecei a agradecer, ela desatou a rir.

— O que aconteceu?

— Você devia ver o seu rosto!

Não achei a menor graça. Devia estar mesmo com uma aparência grotesca, e sem dúvida ela tinha o direito de rir, mas mesmo assim amarrei a cara. A fim de restabelecer a seriedade da conversa, resolvi perguntar:

— Já preparou as mochilas que vamos levar?

— Tudo, exceto o material de dormir. Não sabia o quanto teríamos de levar. Jason, trouxe os óculos de proteção para quando chegarmos à neve?

Acenei com a cabeça. Kyla acrescentou, num tom severo:

— Não os esqueça. A cegueira da neve, posso lhe garantir, é ainda mais desagradável do que a queimadura de sol... e muito dolorosa!

— Não sou um idiota! — exclamei, irritado.

Ela me fitou nos olhos e disse, sem qualquer inflexão:

— Pois então deveria ter tomado precauções contra a queimadura de sol. Fique com isto. — Kyla me entregou o tubo com a pomada. — Talvez seja melhor eu verificar como estão os outros, para saber se também não esqueceram.

Ela se afastou sem dizer mais nada, deixando-me com o desagradável sentimento de que levava a pior no confronto, que Kyla me considerava negligente e irresponsável.

Forth dissera quase a mesma coisa.

Mandei que os irmãos darkovanos conduzissem os animais de carga pela parte mais estreita do vau. Gesticulei para que Lerrys e Kyla cavalgassem nos lados de Kendricks, que talvez não conhecesse a correnteza impetuosa e traiçoeira de um rio das montanhas. Rafe não conseguiu levar seu cavalo arisco para a água. Acabou desmontando, tirou as botas, e puxou o animal pelas pedras escorregadias. Atravessei por último, ao lado de Regis Hastur, alerta aos perigos. Pensei, ressentido, que alguém tão importante para a política de Darkover não deveria assumir o risco de uma missão como aquela. Se o Legado Terráqueo viesse conosco (algo inconcebível), estaria cercado por seguranças, com dezenas de precauções contra acidentes, assassinato ou contratemplos.

Subimos pelas montanhas durante o dia inteiro. Acampamos no ponto mais alto a que poderíamos chegar com os animais de carga e montados a cavalo. No dia seguinte entraríamos em trilhas muito perigosas, que teríamos de percorrer a pé. Montamos um acampamento confortável, mas admito que dormi muito mal. Kendricks, Lerrys e Rafe tinham uma dor de cabeça lancinante, do sol e do ar rarefeito. Eu estava mais acostumado àquelas condições, mas mesmo assim sentia uma pressão desagradável e um zumbido nos ouvidos. Regis, arrogante, negou qualquer desconforto, mas gemeu e gritou sem parar durante o sono, até que Lerrys o sacudiu. Depois disso, ele ficou calado... e creio que também sem dormir.

Kyla parecia a menos afetada; provavelmente já subira a altitudes superiores com mais frequência do que os outros. Contudo exibia agora olheiras escuras.

Mas ninguém se queixou quando nos aprontamos para a última etapa da escalada. Se tivéssemos sorte, poderíamos cruzar o Dammerung antes do anoitecer; na pior das hipóteses, poderíamos acampar bem perto do passo naquela noite. Montáramos o acampamento na última área plana. Amarramos um pouco as pernas dos animais, a fim de impedir que se afastassem demais. Deixamos bastante forragem. Escondemos os equipamentos, a não ser os mais leves e indispensáveis para o resto da jornada. Ao nos prepararmos para continuar a subida, por uma trilha estreita e íngreme, virei-me para Kyla e declarei:

— Vamos usar a corda na primeira etapa. Começando agora. Um dos irmãos darkovanos fitou-me com um desdém evidente.

— E ainda se considera um homem das montanhas, Jason? Até minha filha pequena é capaz de subir por essa trilha sem precisar sequer de um empurrão no traseiro.

Fitei-o com raiva.

— As rochas não são fáceis, e alguns desses homens não estão acostumados a trabalhar com a corda. É melhor fazermos isso agora, do que esperar pela parte mais difícil e perigosa.

Mesmo assim, eles não gostaram. Mas ninguém protestou quando determinei que o enorme Kendricks ficaria no meio da segunda corda. Ele olhou irritado para a corda de nylon e indagou, com alguma apreensão:

— Não é melhor eu ficar por último, até saber o que estou fazendo? No meio dos dois, posso fazer alguma besteira.

Hjalmar soltou uma gargalhada. Informou-o que a posição no meio de uma corda de três homens era sempre reservada aos mais fracos, inexperientes e amadores. Fiquei esperando por uma explosão de Kendricks. O corpulento homem da Força Espacial e o gigante darkovano fitaram-se em fúria por um momento. Depois, Kendricks deu de ombros e prendeu a corda em seu cinto. Kyla advertiu Kendricks e Lerrys a não olharem para baixo nos precipícios. Começamos a subir.

A primeira parte da trilha era quase que simples demais, uma passagem estreita e sinuosa, subindo por três ou quatro quilômetros. Nas breves pausas para descansar, podíamos nos virar e contemplar o vale inteiro lá embaixo. Pouco a pouco, a trilha foi se tornando mais e mais íngreme; em alguns pontos, chegava a ter uma inclinação de 50 graus. Como havia cascalho e pedras soltas por toda parte, tínhamos de pisar com muito cuidado, inclinados para a frente, apoiando-nos nos paredões rochosos. Eu testava cada bloco maior com a devida cautela, já que qualquer pressão indevida poderia desalojá-lo contra quem estivesse mais abaixo. Um dos irmãos darkovanos — Vardo, se não me engano — vinha logo atrás de mim. Estávamos separados por três ou quatro metros de corda folgada. Por duas vezes, quando seus pés escorregaram no cascalho, ele me deu um puxão desagradável. O que ele me disse, nessas ocasiões, era absolutamente verdadeiro: em encostas como aquela, onde uma queda não seria tão perigosa, era melhor trabalhar sem corda. Neste caso, quem escorregasse não incomodaria mais ninguém. Mas eu estava descobrindo o que queria saber: que tipo de montanhistas tinha de levar através das Hellers.

Na encosta de um penhasco, a trilha era horizontal, com apenas trinta centímetros de largura, coberta por cascalho e vegetação rasteira, com uma queda de quinze metros. Não era nada demais para um montanhista experiente, para quem uma passagem assim seria como auto-estrada com quatro faixas de rolamento. Kendricks fez uma piada nervosa sobre andar na corda bamba; mas quando chegou sua vez, ele avançou em passos firmes, sem perder o equilíbrio. Os amadores — Lerrys Ridenow, Regis, Rafe — atravessaram sem hesitação. Mas não pude deixar de especular se eles se sairiam tão bem se a altura fosse maior. Para um verdadeiro montanhista, uma trilha é uma trilha, quer passe através de uma campina, numa encosta com uma queda de dois metros, ou num precipício com cinco quilômetros de altura.

Depois dessa passagem, a subida se tornou ainda mais difícil. Uma trilha bastante íngreme, quase imperceptível em alguns pontos, levava pela vegetação rasteira e árvores inclinadas. Em alguns pontos, as raízes retorcidas cobriam a trilha; em outros, a vegetação

se superpunha por completo a rocha e terra. Tínhamos de avançar por um emaranhado de mato baixo. Aquilo nada seria para um Arbóreo, mas nossos corpos, acostumados ao solo firme, logo ficaram extenuados do esforço. Em determinado trecho, o caminho se encontrava totalmente bloqueado por galhos amontoados, trazidos pela água, em conseqüência de um súbito degelo ou uma tempestade. Tivemos de contornar o deslizamento, com cerca de trinta metros de extensão, um de cada vez, engatinhando; e ninguém agora se queixou do uso da corda.

Perto de meio-dia, tive a primeira indicação de que não nos encontrávamos sozinhos na encosta.

A princípio, não foi mais que um vislumbre de movimento, pelo canto dos olhos, a sombra de uma sombra. Na quarta vez em que a observei, perguntei a Kyla:

— Viu alguma coisa?

— Eu já começava a pensar que era um problema com os meus olhos... ou por causa da altitude. Também vi, Jason.

— Procure um lugar em que possamos fazer uma parada. Subimos por uma ravina estreita, com movimentos quase imperceptíveis no mato nos acompanhando, nos dois lados. Murmurei para Kyla:

— Ficarei contente quando sairmos daqui. Pelo menos poderemos ver quem está nos seguindo.

— Se chegar a haver um combate, prefiro lutar no cascalho do que no gelo — comentou ela, o que foi surpreendente.

Um momento depois, ouvimos um rugido, partindo do outro lado de uma elevação. Kyla subiu até lá para ver, levou as mãos em concha à boca e gritou:

— Corredeiras!

Fui me postar ao seu lado, olhando pela ravina estreita. A trilha por que seguíamos era cruzada ali por um riacho impetuoso, que descia do alto da montanha.

Com apenas cinco ou seis metros de extensão, era uma correnteza gelada, quase uma cachoeira, projetando-se de uma platibanda rochosa por cima de nós. Abrira um sulco na encosta da montanha. De perto, o barulho da água era tão intenso que fazia

minha cabeça vibrar. Parecia formidável; qualquer pessoa que tentasse atravessar seria derrubada em poucos segundos e arrastada pela montanha abaixo, na força da correnteza, por uns trezentos metros no mínimo.

Rafe aproximou-se com toda a cautela da beira do riacho. Inclinou-se para recolher um pouco de água com a mão e beber.

— Puxa, está mais gelada do que o nono inferno de Zandru! Deve sair direto de uma geleira.

Era de fato o que acontecia. Lembrei a trilha e aquele trecho. Kendricks adiantou-se e perguntou:

— Como vamos atravessar?

— Não sei.

Estudei a torrente espumante. Mais ao alto, a seis ou sete metros do lugar em que paráramos, os galhos grossos de enormes árvores projetavam-se por cima das corredeiras. As raízes eram retorcidas, parcialmente expostas pelas cheias periódicas do riacho. Entre as árvores, balançava uma das estranhas pontes dos Arbóreos, três ou quatro metros acima da água.

Até mesmo eu nunca fora capaz de passar por uma dessas pontes sem ajuda. Os braços humanos não estão mais adaptados à braquiação. Talvez até pudesse ter conseguido quando vivia com os Arbóreos. Mas agora, a não ser como um recurso final e desesperado, não havia a menor possibilidade. Rafe e Lerrys, que eram mais leves e ágeis, poderiam fazer aquilo, como uma façanha para mostrar aos outros, em terreno plano; mas ali, na encosta íngreme e rochosa de uma montanha, onde uma queda acarretaria ser arrastado pela correnteza por trezentos metros, eu duvidava que fossem capazes. A ponte dos Arbóreos tinha de ser excluída das nossas possibilidades... mas que outra opção havia?

Chamei Kendricks, que era naquele momento o homem a quem me sentia mais propenso em confiar minha vida.

— Parece intransponível, Buck, mas acho que dois homens podem atravessar, se tiverem os pés firmes. Os outros podem segurar as cordas presas em nós, caso ocorra algum imprevisto. Se conseguirmos alcançar a margem oposta, podemos prender uma corda fixa naquela ponta rochosa. — Apontei o local, antes de

acrescentar: — Os outros poderão usar a corda para fazer a travessia. Os primeiros homens serão os únicos que correrão algum risco. Quer tentar?

Achei ótimo que ele não tivesse respondido de imediato. Em vez disso, foi até a beira da ravina e estudou o abismo rochoso. Se caíssemos, os outros sete poderiam nos puxar, não restava a menor dúvida; mas não antes de ficarmos bastante machucados nas rochas. E, mais uma vez, percebi a sombra esquiva de movimento no mato; se os Arbóreos decidissem tomar a iniciativa no meio de nossa travessia, por cima das águas impetuosas, estaríamos completamente vulneráveis a um ataque.

— Acho que podemos prender uma corda no outro lado de uma maneira mais fácil — declarou Hjalmar.

Ele tirou uma corda extra de sua mochila. Enrolou-a, fazendo um laço na extremidade. Postou-se na beira do riacho, num equilíbrio precário, e arremessou a corda na direção do afloramento rochoso que escolhêramos como o ponto fixo.

— Se eu conseguir alcançá-lo...

A corda caiu pouco antes. Hjalmar recolheu-a, jogou de novo. Fez mais três tentativas, até que vimos, com a respiração suspensa, o laço se encaixar na ponta de rocha. Ele puxou a corda, devagar, esticando-a por cima das corredeiras. O laço ficou preso, foi apertado. Hjalmar sorriu e deixou escapar um suspiro de alívio.

— Pronto!

Ele deu um puxão firme na corda, para testar. A ponta de rocha se partiu, com um estalo alto, e caiu nas corredeiras. A sacudidela súbita quase derrubou Hjalmar. O bloco rochoso foi rolando pelo riacho, impulsionado pela correnteza, arrastando a água.

Ficamos todos imóveis, observando a cena, aturdidos, por um longo momento. Hjalmar praguejou, na linguagem obscena das montanhas, que não tem equivalente em qualquer parte do universo. Seus irmãos fizeram coro nos palavrões.

— Como eu podia saber que a rocha ia se partir?

— Foi melhor que tivesse acontecido agora do que mais tarde, quando nossas vidas dependessem disso — declarou Kyla, impassível. — Tenho uma idéia melhor.



Ela soltou a corda de escalar enquanto falava. Pegou a corda de reserva e amarrou uma extremidade em seu cinto. Entregou a outra extremidade a Lerrys.

— Segure isto.

Kyla tirou o blusão grosso. Ficou parada na beira do riacho, tremendo de frio, apenas com uma fina suéter. Tirou as botas e jogou-as para mim.

— Hjalmar, quero que me suspenda para seus ombros. Tarde demais, adivinhei sua intenção.

— Não! Não pode tentar...

Mas Kyla já subira nos ombros do gigante darkovano. Estendeu a mão para o arco mais baixo da ponte dos Arbóreos. Ficou pendurada ali, balançando um pouco, de forma assustadora, enquanto lianas baixavam ao seu peso.

— Hjalmar... Lerrys... tratem de puxá-la de volta!

— Sou mais leve do que todos vocês! — gritou Kyla, a voz estridente. — Não tenho força suficiente para ser de qualquer utilidade na corda de escalar.

A voz tremia um pouco quando ela acrescentou, depois de uma breve pausa:

— Não largue essa corda, Lerrys! Se largá-la, terei feito isso por nada!

Kyla estendeu a outra mão para a liana seguinte. Balançava agora na beira do riacho turbulento. Os lábios contraídos, gesticulei para que os outros se espalhassem pela margem, mais abaixo... mesmo que isso não pudesse fazer alguma diferença se ela caísse.

Hjalmar, observando enquanto nossa guia alcançava o terceiro arco, que balançou ao seu peso, gritou subitamente:

— Kyla, depressa! O outro arco... não toque no seguinte! A liana está podre e não vai agüentar!

Kyla levantou a mão esquerda também para o arco. Balançou, não conseguiu alcançar o quinto arco. Respirou com dificuldade, fez outra tentativa... e segurou-o. Eu observava a cena, apavorado. A mulher deveria ter me contado o que pretendia fazer!

Ela olhou para baixo e tivemos um vislumbre de seu rosto, brilhando com a mistura de suor e protetor solar, todo contraído no

esforço. O corpo pequeno balançava quatro metros acima das águas espumantes. Se ela soltasse a liana, só poderia sobreviver por um milagre. Ficou pendurada ali por um longo momento, depois passou a se balançar o máximo que podia, até alcançar a última liana.

Seus dedos escorregaram; ela esticou a outra mão, frenética. A liana baixou com o seu peso, depois se partiu ao meio, com um estalo ruidoso. Kyla soltou um grito estridente. Girou o corpo em pleno ar, desesperada, e foi cair na outra margem, o corpo meio fora, meio dentro do riacho. Ela suspendeu as pernas para a terra seca. Agachou-se ali, encharcada da cintura para baixo, mas sã e salva.

Os darkovanos desataram a gritar, na maior exultação. Gesticulei para que Lerrys prendesse sua extremidade da corda na grossa raiz de uma árvore. Gritei para Kyla:

— Está machucada?

Ela respondeu por gestos, pois o barulho da água abafava por completo as palavras. Depois, prendeu sua ponta da corda. Na linguagem dos sinais, indiquei que ela deveria verificar bem os nós. Afinal, se alguém perdesse o equilíbrio na travessia, ela não teria força para agüentar.

Dei um puxão na corda, para testar. Parecia estar bem presa. Pendurei as botas de Kyla no pescoço, amarradas pelos cordões. Segurando a corda esticada, Kendricks e eu entramos no riacho.

A água era mais gelada do que eu esperava. Meu primeiro passo foi quase o último. O ímpeto da correnteza espumante me fez cair de joelhos. Teria me esparramado na água, sendo levado pelo fluxo violento, se não estivesse segurando a corda. Buck Kendricks me segurou, largando a corda dele para fazê-lo. Gritei com ele, furioso. Ficamos de pé, firmando-nos contra a correnteza. Enquanto avançávamos, com a maior dificuldade, admiti para mim mesmo que nunca conseguiríamos atravessar sem a corda fixa, que Kyla arriscara a vida para prender.

Chegamos à outra margem e saímos da água, tremendo de frio. Fiz sinal para os outros também cruzarem o riacho, dois de cada vez. Kyla pôs a mão em meu cotovelo.

— Jason...

— Mais tarde, droga!

Tive de gritar para me fazer ouvir acima do barulho da corrente, enquanto estendia a mão para ajudar Rafe a sair da água.

— Não... pode... esperar! — gritou ela, com as mãos em concha, junto do meu ouvido.

Virei-me para ela.

— O que é?

— Os Arbóreos... estão na árvore... por cima da ponte... Cortaram a liana quando a segurei! Eu vi!

Regis e Hjalmar foram os últimos a atravessar o riacho. Regis, mais franzino, perdeu o equilíbrio na travessia. Hjalmar virou-se para pegá-lo. Mas gritei para que ele continuasse em frente, pois estavam amarrados um ao outro. Se as cordas ficassem embaraçadas, alguém poderia se afogar. Lerrys e eu ajudamos Regis a subir para a margem. Ele saiu tossindo, cuspidando água gelada, todo encharcado.

Gesticulei para que Lerrys deixasse a corda fixa ali, embora não tivesse qualquer esperança de que a encontraríamos na volta. Olhei ao redor, procurando decidir o que fazer em seguida. Regis, Rafe e eu estávamos completamente encharcados; os outros só tinham as pernas molhadas. Naquela altitude, era bastante perigoso, embora ainda não precisássemos nos preocupar com a ulceração pelo frio. Com ou sem Arbóreos ao redor, devíamos encontrar um lugar onde pudéssemos acender uma fogueira, a fim de nos secarmos.

— Lá em cima... estou vendo uma clareira.

Fomos para lá. Era difícil subir agora, na rocha nua. Quase não havia onde nos apoiarmos. O vento foi aumentando de intensidade, à medida que subíamos, uivando pela floresta, suspirando nos afloramentos rochosos, mordendo-nos através das roupas molhadas com dentes gelados. Kendricks não sabia bem o que fazer. Procurei ajudá-lo, ao máximo que podia, mas sentia o corpo todo doendo de frio. Chegamos à clareira, bem pequena, um ponto vazio numa crista. Mandei que dois dos irmãos darkovanos, os mais secos, catassem lenha e acendessem uma fogueira. Ainda faltava algum tempo para o pôr-do-sol, quando deveríamos acampar. Mas no momento em que estivéssemos bastante secos para continuar,

mesmo sem segurança, já seria quase noite. Por isso, dei ordens para que armassem a barraca. Depois, virei-me para Kyla, furioso.

— Na próxima vez, não tome qualquer iniciativa perigosa! Espere até receber ordens!

— Seja indulgente com ela — interveio Regis Hastur. — Nunca teríamos atravessado o riacho sem a corda fixa. Bom trabalho, menina.

— Não se meta!

Mas era verdade, embora o ressentimento ainda me dominasse. O rosto soturno de Kyla se iluminou com o elogio de Hastur.

Eu tinha de admitir, relutante, que uma pessoa leve como Kyla corria menos risco numa ponte de acrobatas do que nas corredeiras. O que não diminuía minha irritação. Ainda por cima, a interferência de Regis Hastur e o sorriso de felicidade de Kyla me deixaram mais furioso do que nunca.

Eu queria interrogá-la sobre os Arbóreos que avistara por cima da ponte, mas decidi não fazê-lo. Como não fôramos atacados na passagem pelas corredeiras, era mais provável que fosse um grupo pequeno, não hostil, observando nosso progresso... talvez até consciente de que nossa missão era de paz.

Mas não acreditei nisso por um momento sequer. Se sabia de qualquer coisa sobre os Arbóreos, era a seguinte: não se podia julgá-los pelos padrões humanos. Tentei decidir o que teria feito, como um Arbóreo, mas meu cérebro se recusou a enveredar por esse caminho naquele momento.

Os irmãos darkovanos haviam acendido a fogueira sem qualquer cautela, não se preocupando com a possibilidade de estarmos sendo vigiados. Cheguei à conclusão de que a moral e as condições físicas dos homens tremendo de frio eram mais importantes agora do que a cautela. Sentei também junto da fogueira, sentindo que as roupas molhadas começavam a secar. Enquanto tomava chá quente de uma caneca, refleti que estava tudo bem. O otimismo voltou. Kyla brincou com os homens sobre sua proeza acrobática, enquanto Hjalmar fazia curativos em suas mãos, esfoladas no contato com as lianas escorregadias.

Estávamos acampados no alto de uma ramificação da cordilheira principal das Hellers. As montanhas maciças estendiam-se à nossa frente, brilhando em um milhão de cores, ao sol poente. Em tons de verde, turquesa e rosa, as montanhas eram ainda mais lindas do que eu me lembrava. A encosta alta que acabáramos de escalar ocultara o verdadeiro maciço de nossa vista. Os olhos de Kendricks se arregalaram quando ele compreendeu que aquele pico alto era apenas a primeira etapa da missão que tínhamos pela frente. As montanhas principais ficavam à nossa frente, com densas florestas nas encostas inferiores, depois rocha e granito, como a paisagem de uma lua deserta e sem ar. E por cima da rocha estendiam-se os paredões cobertos por gelo e neve. De um pico mais alto uma geleira escorria, formando uma cachoeira com o movimento interrompido. Murmurei o nome que os Arbóreos davam àquela montanha, e depois traduzi para os outros:

— A Muralha ao Redor do Mundo.

— Um bom nome — comentou Lerrys, adiantando-se com a caneca na mão para contemplar as montanhas. — Jason, o pico mais alto nunca foi escalado, não é mesmo?

— Não, ao que eu saiba.

Meus dentes começaram a bater. Voltei para a fogueira. Regis estudou a geleira distante e murmurou:

— Não parece tão ruim assim. Pode haver um caminho pela arête de oeste... Hjalmar, você não participou da expedição que escalou e mapeou o Alto Kimbi?

O gigante acenou com a cabeça, em confirmação, uma expressão de orgulho estampada no rosto.

— Chegamos a algumas dezenas de metros do pico, mas uma tempestade de neve nos obrigou a voltar. Algum dia vamos vencer a Muralha ao Redor do Mundo... Já foi tentado, mas ninguém chegou lá em cima.

— E ninguém jamais vai chegar — declarou Lerrys, categórico. — Há um paredão rochoso, reto, de sessenta metros de altura. Precisaria de asas para subir, príncipe Regis. Existe também um caminho onde ocorrem avalanches a todo instante, conhecido como Passagem do Inferno.

Kendricks interveio, irritado:

— Não quero saber se já foi escalado ou se algum dia o será! O importante é que não vamos subir lá agora! — Ele olhou para mim. — Ou pelo menos é o que espero!

— Claro que não vamos.

Senti-me contente pela interrupção. Se jovens e amadores queriam se divertir com expedições hipotéticas a montanhas inconquistáveis, parecia problema deles; mas, no mínimo, era pura perda de tempo. Indiquei para Kendricks uma depressão na cordilheira, muito mais baixa do que os picos, com a possibilidade de avalanches nos dois lados.

— Aquele é o Dammerung; vamos passar por ali. A altitude no passo é inferior a sete mil metros. Não é tão difícil, embora existam alguns perigos. Vamos nos manter à distância das principais estradas das árvores e das aldeias conhecidas dos Arbóreos, mas sempre podemos nos encontrar com bandos errantes...

Abruptamente, tomei uma decisão. Apontei ao redor e dei a notícia:

— A partir deste momento, podemos ser atacados a qualquer instante. Kyla, conte a eles o que você viu.

Ela largou a caneca. Seu rosto voltou a ficar sério, enquanto relatava o que vira na ponte.

— Estamos numa missão pacífica, mas eles ainda não sabem disso. O importante é lembrar que os Arbóreos não querem nos matar, apenas pretendem nos machucar e roubar tudo o que puderem. Se mostrarmos que estamos dispostos a lutar... — Kyla fez uma pausa, enquanto exibia uma faca de assustadora aparência — ...eles vão fugir.

Lerrys ajeitou na cintura uma adaga estreita, que até aquele momento eu pensara ser apenas ornamental.

— Importa-se se eu disser mais uma coisa, Jason? Lembro muito bem a campanha do 'Narr... os Arbóreos preferem o combate corpo a corpo, e usam recursos sujos, pelos padrões humanos. — Ele olhou ao redor, com uma expressão decidida no rosto com a barba por fazer. Mas sorria quando acrescentou: — Só mais uma

coisa... Gosto de espaço para me movimentar. Precisamos mesmo continuar amarrados quando reiniciarmos a viagem?

Pensei um pouco a respeito. O entusiasmo de Lerrys por uma luta me deixava ao mesmo tempo irritado e estranhamente satisfeito.

— Não obrigarei ninguém a permanecer amarrado, se achar que estará mais seguro sem a corda. Mas vamos deixar para decidir isso quando chegar o momento. Apenas é preciso lembrar que os Arbóreos são capazes de correr por trilhas estreitas, o que não é o nosso caso. A primeira tática deles, provavelmente, será a de nos empurrar para fora da trilha, um a um. Se estivermos amarrados uns aos outros, podemos nos defender melhor.

Deixei passar um momento, e tratei de descartar o assunto, acrescentando:

— Agora, o importante é secar as roupas e descansar.

Kendricks permaneceu a meu lado, depois que os outros se acomodaram em torno da fogueira. Ele correu os olhos pela floresta densa em torno do acampamento.

— Este lugar dá a impressão de que já foi usado para um acampamento antes. Não estamos aqui tão vulneráveis a um ataque quanto estaríamos em qualquer outro lugar?

Ele tocara no único assunto sobre o qual eu não queria falar. Aquela clareira era conveniente demais. Limitei-me a comentar:

— Pelo menos não será fácil nos empurrar para uma queda.

— E você possui a única pistola de raios... — murmurou Kendricks.

— Deixei-a em Carthon.

Era a verdade. Respirei fundo, antes de ditar a norma:

— Preste atenção, Buck. Se matarmos um único Arbóreo, exceto em combate corpo a corpo e em autodefesa, podemos muito bem voltar para casa. Estamos numa missão de paz, a fim de suplicar um favor. Mesmo se formos atacados... só mataremos como último recurso, em luta de um contra um.

— Maldito planeta primitivo...

— Prefere morrer da doença dos Arbóreos? Kendricks respondeu com a maior veemência:

— Vamos pegá-la de qualquer maneira... aqui. Você é imune, e por isso não se importa. Está são e salvo. Os outros partiram numa missão suicida... mas quando eu morrer, juro que vou levar alguns desses macacos comigo!

Abaixei a cabeça, mordi o lábio, e não disse nada. Buck não podia ser culpado pela maneira como se sentia. Depois de um momento, tornei a apontar para o ponto mais baixo da cordilheira.

— Não fica tão longe quanto parece. Depois que passarmos pelo Dammerung, o percurso é mais fácil, até a cidade principal dos Arbóreos. Além do passo, tudo é civilizado.

— Ou pelo menos o que você chama de civilização — resmungou Kendricks, antes de se virar.

— Vamos enxugar nossos pés — murmurei. E foi nesse instante que eles nos atacaram.



## Capítulo Cinco

O grito de Kendricks foi o único aviso antes de eu ser atacado pelas costas. Virei-me e consegui me desvencilhar da criatura. Percebi vagamente que a clareira estava repleta de corpos brancos e peludos. Tratei de gritar, no único dialeto dos Arbóreos que conhecia:

— Parem! Viemos em paz!

Uma criatura gritou alguma coisa ininteligível e avançou para mim. Eram de outra tribo! Um rosto branco e peludo, sem queixo, contorcido em raiva, empunhando uma faca pequena e ameaçadora. .. uma fêmea! Saquei minha própria faca, enquanto me desviava do primeiro golpe. Senti alguma coisa cortar meus dedos, que ficaram inertes. A faca caiu no chão. A Arbórea pegou seu prêmio e foi embora, balançando pelas copas das árvores com a maior agilidade.

Apertei os dedos sangrando com a mão boa, enquanto olhava ao redor. Regis Hastur lutava na beira de uma saliência com duas criaturas. Um pensamento absurdo aflorou em minha mente: se o matassem, Darkover se levantaria em peso para exterminar os Arbóreos, e seria tudo culpa minha. Mas no instante que se seguiu Regis desvencilhou uma das mãos e fez um curioso gesto com os dedos.

Parecia uma grande centelha verde, com mais de um palmo de comprimento. Ou uma bola de fogo. Explodiu no rosto branco da criatura, que soltou um uivo frenético de terror e angústia. Levou as mãos aos olhos, soltou outro grito desesperado, e correu para o abrigo das árvores. O bando de Arbóreos deixou escapar um gemido coletivo, longo e informe. Depois se reuniram, saíram correndo, para o refúgio das árvores. Rafe gritou alguma coisa obscena. Uma chama azulada partiu de sua mão na direção do bando em fuga. Um dos humanóides caiu, sem soltar um único grito, desfalecido.

Corri para Rafe, arranquei a pistola de choque que ele sacara de dentro da camisa.

— Seu idiota! — gritei. — Poderia ter estragado tudo!

— Eles o teriam matado sem isso — respondeu Rafe, irritado. Era evidente que ele não percebera a eficiência com que

Regis se defendera. Rafe gesticulou na direção do bando em fuga e acrescentou:

— Por que não vai embora com seus amigos?

Com um golpe que eu pensava ter esquecido, estendi os dedos em torno da mão de Rafe e apertei. Sua mão ficou inerte. Arranquei a pistola e joguei-a no precipício.

— Uma só palavra e você também vai atrás dela! — adverti, firme. — Quem está ferido?

Garin piscava, meio atordoado por um golpe. A testa de Regis fora cortada e o sangue escorria. Hjalmar sofrera um corte na coxa. Meus dedos tinham talhos fundos, a mão começava a ficar dormente. Algum tempo passou antes que percebêssemos que Kyla estava toda encolhida, incapaz de falar de tanta dor. Cambaleou e ficou pálida demais quando a tocamos. Nós a estendemos no chão e tiramos sua camisa. Kendricks empurrou-nos para o lado, a fim de examinar o ferimento.

— Um corte limpo — murmurou ele.

Mas eu não estava mais prestando atenção. Alguma coisa se virava dentro de mim, como uma mão sacudindo meu cérebro, até que de repente...

Jay Allison olhou ao redor, soltou um grito de espanto, dominado por uma vertigem. Não estava mais na sala de Forth, mas sim de pé à beira de um penhasco, numa situação precária. Fechou os olhos por um instante, especulando se não seria um dos seus piores pesadelos. Abriu-os de novo, para deparar com um rosto familiar. Buck Kendricks estava muito pálido. A boca se escancarou quando ele disse, a voz rouca:

— Jay! Doutor Allison... mas o que...

O treinamento de um médico cria reações que são quase reflexos. Jay Allison recuperou um grau de sanidade ao perceber que havia uma pessoa estendida à sua frente, seminua, sangrando bastante. Gesticulou para que os estranhos se afastassem e disse, em seu péssimo darkovano:

— Deixem-na sozinha. Este trabalho é meu.

Ele não conhecia palavras em quantidade suficiente para insultá-los. Por isso, acrescentou para Kendricks, em Padrão Terráqueo:

— Buck, afaste essas pessoas. O paciente precisa respirar. Onde está minha maleta médica?

Jay Allison abaixou-se e fez um rápido exame, só então descobrindo que se tratava de uma mulher, ainda jovem.

O ferimento era apenas uma laceração superficial; qualquer que fosse o instrumento afiado que o infligira, desviara-se ao atingir o osso costal, sem afetar o tecido pulmonar. Podia ser suturado. Mas Kendricks entregou-lhe apenas um kit de primeiros socorros, de péssima qualidade. Por isso, o dr. Allison limitou-se a cobrir o ferimento com um pregador de plástico cirúrgico, que evitaria mais hemorragia. Quando ele acabou, a estranha moça já começara a se mexer. Ela murmurou, hesitante:

— Jason...

— Dr. Allison.

A correção foi automática e ríspida. A grande surpresa, que encobria as outras, era o fato de a mulher conhecer seu nome verdadeiro. Kendricks falou com ela, numa das línguas darkovanas que Jay não entendia. Depois, levou-o para longe, até um lugar onde os outros não podiam ouvi-lo, e disse, a voz trêmula:

— Jay, eu não sabia... não teria acreditado... você é mesmo o doutor Allison? Por Deus... Jason!

Kendricks deu um passo à frente, alarmado.

— O que aconteceu? Oh, não, Jay, não desmaie agora!

Jay tinha plena consciência de que não confrontara a situação com muita coragem. Mas qualquer um que quisesse culpá-lo por isso (foi o que ele pensou, ressentido), deveria experimentar, para ver o que era bom. Não era nada agradável adormecer numa sala confortável e acordar à beira de um penhasco, no meio do nada. Sua mão doía; ele percebeu que sangrava e tratou de flexioná-la, de forma experimental, a fim de determinar se os tendões haviam sido afetados. Perguntou em tom brusco:

— Como isto aconteceu?

— Senhor, fale baixo... ou fale em darkovano!

Jay piscou de novo. Kendricks ainda era a única coisa familiar num universo estranho e vertiginoso. O homem da Força Espacial murmurou, a voz rouca:

— Juro por Deus, Jay, que eu não tinha a menor idéia... e o conheço há quanto tempo? Oito ou nove anos?

— Aquele desgraçado do Forth!

Jay praguejou, com os termos insossos de um homem retraído, que não estava acostumado com a vida ao ar livre. Alguém chamou-o, em tom imperativo:

— Jason!

Kendricks apressou-se em dizer, a voz trêmula:

— Jay, se eles o virem... literalmente, não é mais o mesmo homem!

— É claro que não. — Jay olhou para a barraca, uma estaca ainda por armar. — Tem alguém lá dentro?

— Ainda não. — Kendricks empurrou-o para dentro da barraca. — Falarei com eles... direi alguma coisa.

Ele tirou um radiante do bolso, pôs no chão e ligou-o. Olhou para Allison, à luz bruxuleante. Soltou um palavrão.

— Vai ficar bem aqui?

Jay acenou com a cabeça. Era tudo o que podia fazer. Precisava recorrer a todo o seu esforço para controlar os nervos; se relaxasse, começaria a gritar e se movimentar como um louco. Algum tempo passou. Soaram estranhos ruídos lá fora. Depois, houve uma tosse polida e um homem entrou na barraca.

Era obviamente um aristocrata darkovano. Parecia vagamente familiar, embora Jay não tivesse qualquer lembrança consciente de tê-lo visto antes. Alto e esguio, possuía aquela beleza masculina perfeita e refinada que às vezes se encontra entre os darkovanos. Falou com Jay em tom familiar, mas com uma surpreendente cortesia:

— Eu disse aos outros que não deveriam incomodá-lo por enquanto, que sua mão está pior do que pensávamos. As mãos de um cirurgião são delicadas, dr. Allison. Espero que a sua não tenha sofrido ferimentos muito graves. Posso dar uma olhada?

Jay Allison retirou a mão, num movimento automático. Depois, consciente da grosseria do gesto, deixou que o estranho a pegasse e examinasse os dedos.

— Não parece grave. Tive certeza de que só podia ser outra coisa. — O homem levantou os olhos, com uma expressão solene. — Nem sequer se lembra do meu nome, não é mesmo, dr. Allison?

— Sabe quem eu sou?

— O dr. Forth não me disse. Mas nós, Hasturs, somos parcialmente telepatas, Jason... desculpe... dr. Allison. Percebi desde o início que estava possuído por um deus ou demônio.

— Uma besteira supersticiosa! Típica de um darkovano!

— É uma maneira conveniente de falar, não mais do que isso — explicou o jovem Hastur, ignorando a grosseria. — Creio que poderia aprender sua terminologia, se achasse que o esforço valeria a pena. Recebi um treinamento psíquico, e posso perceber a diferença quando a metade da alma de um homem expulsou a outra metade. Talvez eu possa restaurar...

— Se acha que vou permitir que alguma aberração darkovana interfira em minha mente...

Jay começou a falar com a maior veemência, mas parou de repente. Sob os olhos solenes de Regis, sentiu um impulso inesperado de humildade. Aquela expedição precisava de seu líder; e era evidente que ele, Jay Allison, não poderia ser esse líder. Ele cobriu os olhos com uma das mãos.

Regis inclinou-se e pôs a mão em seu ombro, compadecido. Mas Jay se desvencilhou, com um movimento brusco. Sua voz, quando a recuperou, saiu amargurada, defensiva e fria:

— Está bem. A missão é o mais importante. Não sou capaz de realizá-la, mas Jason é. Você é um parapsíquico. Se puder me desligar... pode começar!

Olhei para Regis, aturdido, passando a mão pela testa.

— O que aconteceu? — Uma pausa e indaguei, numa apreensão ainda maior: — E onde está Kyla? Ela foi ferida...

— Kyla está bem.

Mas não acreditei em Regis. Tratei de me levantar para verificar. Kyla estava deitada lá fora, envolta por cobertores, o corpo

soerguido, apoiado num cotovelo, bebendo alguma coisa quente. Havia um aroma agradável de comida quente no ar. Olhei de novo para Regis e perguntei:

— Não apaguei por causa de um pequeno arranhão como este, não é?

Olhei para minha mão cortada com a maior indiferença enquanto falava.

— Espere um pouco. — Regis me conteve antes que eu deixasse a barraca. — Não saia agora. Lembra o que aconteceu, dr. Allison?

Fitei-o com um horror crescente, meu maior medo confirmado. Regis acrescentou, em voz baixa:

— Você... mudou. Provavelmente do choque de ver...

Ele parou no meio da frase.

— A última coisa que me lembro é de ter visto Kyla sangrando, quando tiramos sua camisa. Mas... ora, por todos os deuses, um pouco de sangue não me assustaria, e Jay Allison é um cirurgião, deve estar acostumado. O que o trouxe de volta?

— Não sei. — Regis dava a impressão de que sabia mais do que queria dizer. — Não creio que o dr. Allison... e não é nem um pouco parecido com você... estivesse muito preocupado com Kyla. Você está?

— Claro que sim. Quero ter certeza de que ela ficará boa... - Parei de falar abruptamente. — Regis... todos viram?

— Só Kendricks e eu sabemos... e não vamos falar nada.

— Obrigado.

Senti seu aperto de mão tranqüilizador. Semideus ou apenas príncipe, o fato é que eu gostava de Regis.

Saí da barraca e aceitei a comida tirada do caldeirão. Sentei para comer entre Kyla e Kendricks. Sentia-me abalado, fraco por causa da reação. Além disso, sabia que não podíamos continuar ali. A clareira era vulnerável demais a um ataque. E o mesmo acontecia conosco, em nossas condições atuais. Se pudéssemos continuar até alcançar um ponto próximo do Passo de Dammerung ainda naquela noite, então poderíamos cruzá-lo na manhã seguinte, antes que o sol esquentasse a neve e aumentasse a possibilidade de avalanches.

Além do Dammerung, eu conhecia a tribo de Arbóreos, conhecia sua língua.

Sugeri a possibilidade de continuarmos a viagem. Kendricks olhou para Kyla, em dúvida.

— Ela conseguirá subir?

— Mas como pode ficar aqui? Resolvi conversar com Kyla.

— Seu ferimento é grave? Acha que pode continuar a viagem ainda esta noite?

Ela respondeu com veemência:

— Claro que posso! Já disse que não sou nenhuma mulher desamparada! Sou uma Amazona Livre!

Ela jogou para o lado o cobertor que alguém enrolara em torno de suas pernas. Os lábios estavam contraídos, mas os passos eram firmes e largos quando ela foi até a fogueira e pediu mais sopa.

Levantamos acampamento minutos depois. As fêmeas dos Arbóreos tinham levado quase tudo que era portátil. Não havia sentido em desarmar e guardar a barraca, pois elas voltariam para pegá-la. Além do mais, se voltássemos com uma escolta de Arbóreos, não iríamos mesmo precisar da barraca. Mandei que deixassem tudo, exceto os equipamentos mais leves. Examinei as mochilas. Rações para a viagem, os poucos cobertores que ainda nos restavam, cordas, óculos de proteção. Determinei, intransigente, que todo o resto fosse deixado para trás.

A subida era mais difícil agora. Por um lado, o sol baixava no horizonte e o vento se tornava cada vez mais gelado. Por outro, quase todos tinham algum ferimento, sem maior gravidade, mas que prejudicava os movimentos. Kyla estava muito pálida, o corpo rígido, mas não reclamou em nenhum momento. Kendricks sofria de vertigem da montanha, por causa da altitude. Ajudei-o por todos os meios possíveis, mas também não era fácil para mim, por causa da mão ferida e dormente.

Havia um trecho muito difícil, um paredão quase liso. Comprimido contra a rocha, procurando apoios para as mãos e os pés, senti que era uma questão de orgulho seguir na frente; e foi o que fiz. No alto do paredão de dez metros havia uma platibanda, onde a trilha recomeçava. Quando chegamos ali, eu estava quase

desistindo. Fui me agachar ao lado do veterano Lerrys, que era melhor do que muitos montanhistas profissionais. Ele murmurou:

— Pensei que você havia dito que isto era uma trilha.

Contraí os lábios no que devia ser um sorriso, embora não tivesse a menor vontade de sorrir.

— Para os Arbóreos, é uma superestrada. E ninguém mais já passou por aqui.

Passamos a subir pela neve. Duas ou três vezes, alguém afundou num monte de neve. Houve um momento em que caiu uma súbita nevasca, por vinte minutos. Ficamos todos encolhidos e abraçados na encosta, tremendo com o vento gelado e o granizo.

Acampamos naquela noite numa fenda quase sem neve, acima da linha das árvores. A única vegetação ali era de arbustos espinhosos, que resistiam a tudo. Arrancamos alguns e os empilhamos sobre a fenda, como uma proteção contra o vento. Foi ali que nos deitamos. Todos estávamos pensando, com um profundo pesar, no conforto dos equipamentos que deixáramos para trás.

Aquela noite me permanece na memória como uma das piores da minha vida. Exceto por um ligeiro zumbido nos ouvidos, a altitude por si só não chegava a me incomodar. Mas os outros não se saíam tão bem. A maioria dos homens tinha uma dor de cabeça lancinante. O ferimento de Kyla devia estar doendo demais. Kendricks sucumbira à vertigem da montanha em sua forma mais angustiante: cólicas intensas e vômitos. Sentia uma profunda apreensão por todos, mas não havia nada que eu pudesse fazer agora; a única cura para a vertigem da montanha é mais oxigênio ou uma altitude inferior, mas nenhuma das duas coisas era viável naquele momento.

A proteção dos arbustos contra o vento funcionou, pelo menos em parte. Deitamos bem juntos, partilhando cobertores e o calor dos corpos. Dei uma última olhada em torno do espaço apertado, antes de me deitar ao lado de Kendricks. Constatei que Kyla resolvera deitar-se um pouco afastada dos outros. Fiz menção de protestar, mas Kendricks falou primeiro:

— É melhor ficar junto de nós, menina. — Uma pausa e ele acrescentou, a voz fria, mas gentil: — Não precisa se preocupar, pois não vai acontecer nada.



Kyla me ofereceu um sorriso. Compreendi que ela me incluía no lado darkovano de uma piada contra aquele homem enorme, que não tinha a menor noção dos hábitos do planeta. Mas sua voz saiu fria e brusca quando ela declarou:

— Não estou preocupada.

Ela afrouxou um pouco o grosso capote, antes de se acomodar no ninho de cobertores que nos envolvia.

Era um lugar muito apertado, com um frio intenso, apesar dos cobertores que nos protegiam. Ficamos bem juntos. Kyla encostou a cabeça em meu ombro. Sentia-a se aconchegar contra mim, meio adormecida, em busca de calor. Descobri-me muito consciente de sua proximidade, estranhamente grato por isso. Uma mulher comum teria protestado, pelo menos por uma questão de formalidade, ao partilhar cobertores com dois homens estranhos. Compreendi que se Kyla se recusasse a ficar conosco, teria atraído muito mais atenção para seu sexo do que ao se comportar como se fosse um homem. Ela estremeceu, num movimento convulsivo, e sussurrei:

— O ferimento está doendo? Sente muito frio?

— Um pouco. Já faz muito tempo que não subo a uma altitude assim. Mas o verdadeiro problema... é que não consigo tirar aquelas fêmeas da cabeça.

Kendricks tossiu, meio contrafeito.

— Não consigo entender... todas aquelas criaturas que nos atacaram... eram mulheres?

Expliquei da forma mais sucinta possível:

— Entre o Povo do Céu, como em toda parte, nascem mais fêmeas do que machos. Mas os Arbóreos levam uma vida tão equilibrada que não há espaço para fêmeas extras nos Ninhos... suas cidades. Assim, quando uma garota do Povo do Céu alcança a maturidade, as outras mulheres expulsam-na da cidade, a socos e chutes. Ela fica vagueando pela floresta, até que algum macho vá atrás e a traga de volta, como sua. Quando isso acontece, ela nunca mais pode ser expulsa. Mesmo que não tenha filhos, pode ser obrigada a se tornar serva das outras esposas.

Kendricks soltou um grunhido de repulsa.

— Você pode achar que é cruel, mas na floresta elas podem viver e encontrar alimento — disse Kyla, com uma súbita veemência. — Nenhuma vai passar fome ou morrer. Muitas até preferem a vida na floresta aos Ninhos, e lutam para repelir qualquer macho que se aproxima. Nós, que nos consideramos humanos, não temos tanta consideração com as nossas mulheres excedentes.

Ela se calou em seguida. Apenas soltou um suspiro, como se sentisse alguma dor. Kendricks não respondeu, limitando-se a um grunhido neutro. Tive de fazer um esforço para não tocar em Kyla, lembrando o que ela era. Depois de um longo momento, acabei murmurando:

— E melhor pararmos de conversar. Os outros querem dormir.

Logo ouvi os roncos de Kendricks e a respiração suave e regular de Kyla. Sonolento, especulei como Jay se sentiria naquela situação..... logo ele, que odiava Darkover e evitava o contato com qualquer outro ser humano, espremido entre uma Amazona Livre darkovana e meia dúzia de homens intrépidos e rudes. Tratei de desligar o pensamento, com medo de que pudesse de alguma forma despertar no cérebro de Jay.

Mas tinha de pensar em alguma coisa, qualquer coisa, para me desviar da sensação da cabeça daquela mulher no meu ombro, sua respiração quente em meu pescoço. Só pela mais pura força de vontade é que me abstive de passar a mão por seus seios, quentes e palpáveis, através da suéter fina. Especulei por que Forth me chamara de indisciplinado. Não podia arriscar minha liderança por avanços sobre a nossa guia contratada... uma mulher, Amazona Livre ou não.

De alguma forma, aquela mulher parecia ser o ponto central de todos os meus pensamentos. Não era parte do QG Terráqueo, não era parte de qualquer mundo que Jay Allison poderia ter conhecido. Pertencia totalmente a Jason, ao meu mundo. Entre o sono e a vigília, perdi-me num sonho em que voava entre as árvores, perseguindo o vulto distante de uma mulher, expulsa naquele dia do Ninho, a socos e insultos. Haveria de encontrá-la em algum lugar, entre as folhas. Voltaríamos para a cidade juntos. Ela teria na cabeça uma grinalda de eleita, feita com folhas vermelhas. As mesmas

mulheres que haviam-na apedrejado agora se apressariam em lhe dar as boas-vindas. A mulher em fuga olhava para trás, com os olhos de Kyla. Depois, a forma da mulher se desvanecia e o dr. Forth interpunha-se entre nós, na estrada das árvores, o emblema dos caduceus na túnica projetando-se para a frente, como um cajado vermelho. Kendricks, em seu uniforme da Força Espacial, ameaçava-nos com sua pistola de raios. Regis Hastur, também usando um uniforme da Força Espacial, aparecia de repente e murmurava "Jay Allison, Jay Allison", enquanto a estrada das árvores rachava e rompia sob nós. Começávamos a rolar pelas corredeiras...

— Acorde! — sussurrou Kyla.

Ela me cutucou com o cotovelo no lado do corpo. Abri os olhos na escuridão sufocante, lembrando o pesadelo.

— O que aconteceu?

— Você estava gemendo. É a doença da altitude.

Soltei um grunhido. Percebi que tinha o braço estendido em torno dos ombros de Kyla. Apressei-me em retirá-lo. Depois de algum tempo, voltei a mergulhar num sono irrequieto.

Antes que a manhã raiasse, saímos da fenda, os corpos rígidos, cheios de câibras, nem um pouco descansados, mas prontos para continuar a viagem. Depois de todas as dificuldades nas encostas inferiores, creio que até os amadores haviam perdido o desejo por escaladas arriscadas. Todos ficamos felizes porque a travessia do Dammerung ocorreu sem incidentes, como um anticlímax.

Chegamos lá no momento em que o sol nascia. Paramos por um instante, juntos, na entrada do estreito desfiladeiro, entre os altos picos nos dois lados.

Hjalmar lançou um olhar ansioso para os picos.

— Eu gostaria muito de escalá-los. Regis sorriu, jovial.

— Um dia... e tem a palavra de um Hastur... você vai participar dessa expedição.

Os olhos do gigante darkovano faiscaram. Regis virou-se para mim e acrescentou, caloroso:

— O que acha, Jason? Vamos fazer um acordo, para escalarmos juntos no ano que vem?

Comecei a retribuir ao sorriso, mas no instante seguinte um demônio sinistro e insidioso aflorou dentro de mim, irritado. Quando tudo acabasse, compreendi de repente, eu não estaria mais aqui. Não estaria mais em parte alguma. Afinal, não passava de um substituto, um fragmento de Jay Allison. Forth e sua tática me mandariam de volta ao que consideravam o meu legítimo lugar... que era o nada. Nunca mais escalaria uma montanha, exceto agora, quando corríamos contra o tempo e a necessidade. Contraí os lábios numa linha estreita, a que não estava acostumado, e murmurei:

— Falaremos a respeito quando voltarmos... se é que voltaremos. Agora, acho melhor continuarmos. Alguns de nós estão ansiosos em alcançar altitudes inferiores.

A trilha que descia do Dammerung, ao contrário do que acontecera na subida, era clara e bem definida. Seguimos em fila indiana. Quando a neblina se dissipou e deixamos para trás a linha da neve, avistamos o que parecia ser um vasto tapete verde, entremeado de cores tênues, faiscando. Apontei para os outros.

— Esta é a Floresta do Norte... e as cores que podem perceber.. estão nas ruas da cidade.

Uma hora de descida nos levou à beira da floresta. Seguíamos mais depressa agora, esquecendo o cansaço, ansiosos em alcançar a cidade antes do anoitecer. Havia silêncio na floresta, um sossego quase sinistro. Por cima de nossas cabeças, em algum lugar, pelos galhos grossos, que em certos pontos ocultavam por completo a luz do sol, eu sabia que existiam as estradas das árvores. Volta e meia podia ouvir um sussurro, um fragmento de som, uma voz, um trecho de uma canção.

— É tão escuro aqui embaixo que qualquer um vivendo nesta floresta teria de ir para as copas das árvores, ou ficaria totalmente cego — comentou Rafe.

Kendricks sussurrou para mim:

— Estamos sendo seguidos? Eles vão nos atacar?

— Acho que não. O que você ouve neste momento são os habitantes da cidade... circulando lá em cima em suas atividades cotidianas.

— Deve ser muito estranho — murmurou Regis, curioso. Enquanto avançávamos pelo chão da floresta, cheio de folhas e musgo, relatei alguma coisa sobre a vida dos Arbóreos. Perdera o medo. Se algum nos abordasse agora, eu seria capaz de falar sua língua. Poderia me identificar, anunciar o que queria, dar os nomes de meus pais de adoção. Era evidente que uma parte de minha confiança contagiara os outros.

Mas ao nos aprofundarmos por território mais e mais familiar, parei abruptamente, e bati com a mão na testa.

— Eu sabia que tinha esquecido uma coisa. Passei tempo demais longe daqui. Kyla!

— O que há com Kyla?

Ela própria explicou qual era o problema, em seu tom sem qualquer inflexão:

— Sou uma fêmea independente. Mulheres nessa situação não podem entrar nos Ninhos.

— É um problema de fácil solução — declarou Lerrys. — Ela deve pertencer a um de nós.

Ele não acrescentou uma única sílaba. Nem se podia esperar por isso; os aristocratas darkovanos não levavam mulheres em expedições como aquela, e suas mulheres não são como Kyla.

Os três irmãos prontamente se ofereceram como voluntários. Rafe fez uma sugestão obscena. Kyla amarrou a cara, em obstinação, a boca contraída no que poderia ser embaraço ou raiva.

— Se acham mesmo que preciso de proteção...

— Kyla está sob a minha proteção — anunciei, incisivo. — Será apresentada como minha mulher... e tratada como tal.

Rafe exibiu um sorriso insidioso.

— O líder fica com o melhor?

Meu rosto deve ter transmitido alguma coisa que eu nem imaginava o que era, porque Rafe tratou de recuar, lentamente. Forcei-me a falar devagar:

— Kyla é uma guia, e indispensável. Se me acontecer alguma coisa, ela é a única que pode levar vocês de volta. Portanto, sua segurança é um problema meu, pessoal. Entendido?

Enquanto avançávamos pela trilha, a tênue luz verde foi desaparecendo, até que avisei:

— Estamos embaixo da Cidade das Árvores.

Apontei para o alto. Ao nosso redor, erguiam-se as Cem Árvores, colunas sem galhos, tão grossas que nem quatro homens de mãos dadas conseguiram envolvê-las com seus braços. Projetavam-se para cima por cerca de cem metros, antes de surgirem os galhos, entrelaçados. Além disso, havia apenas escuridão; nada era visível.

O bosque, no entanto, não era totalmente escuro, sendo iluminado pela surpreendente fosforescência de fungos crescendo nos troncos, aparados para bizarras formas ornamentais. Em gaiolas de fibra transparente havia insetos luminosos, do tamanho de uma mão, zumbindo suavemente.

Enquanto observávamos, um Arbóreo, usando apenas um cocar e uma tanga estreita, desceu por um tronco. Foi de gaiola em gaiola, alimentando os vermes luminosos com pedaços de fungos reluzentes, que estavam num cesto em seu braço.

Chamei-o em sua língua. Ele largou o cesto, com uma exclamação de espanto, o corpo esguio pronto para fugir ou dar o alarme.

— Mas eu pertenco ao Ninho! — acrescentei.

Dei os nomes de meus pais de adoção. Ele se aproximou. Apertou meu antebraço com dedos compridos e quentes, num gesto de saudação.

— Jason? Estou lembrado. Já ouvi falar de você. — A voz era gentil, como o chilreio de um passarinho. — Está em casa aqui. Mas os outros...?

Ele gesticulou, nervoso, para os rostos estranhos.

— São meus amigos. Viemos suplicar uma audiência ao Antigo. Por esta noite, procuro abrigo com meus pais, se eles quiserem nos receber.

O Arbóreo ergueu a cabeça e chamou alguém. Uma criança desceu pelo tronco e pegou o cesto. Depois, o Arbóreo acrescentou:

— Sou Carrho. Talvez seja melhor eu levá-los até a casa de seus pais de adoção, para que não sejam molestados.

Respirei mais aliviado. Não me lembrava de Carrho, mas ele parecia bastante familiar. Guiados por ele, subimos pela escada escura dentro do tronco. Saímos numa praça iluminada, apenas as folhas mais altas por cima, num crepúsculo verde e delicado. Eu me sentia cansado e vitorioso.

Kendricks avançou cauteloso pelo chão da praça, balançando e fazendo barulho. Cedia um pouco a cada passo que ele dava. Kendricks resmungou, numa língua que por sorte só Rafe e eu entendíamos. Arbóreos curiosos nos cercaram, falando excitados, com manifestações de boas-vindas e de surpresa.

Rafe e Kendricks exibiram um desdém considerável quando cumprimentei meus pais de adoção, com profunda afeição. Já estavam velhos, e me entristeci por vê-los assim. O pêlo se tornara cinza, os dedos preênses dos pés e das mãos estavam tortos com algum problema reumático, os olhos vermelhos eram remelentos. Acolheram-me com evidente satisfação. Providenciaram para que os outros membros da expedição ficassem alojados numa casa abandonada nas proximidades. Mas insistiram que eu voltasse para a casa deles... levando Kyla, é claro.

— Não podemos acampar lá embaixo? — perguntou Kendricks, olhando para o frágil abrigo com evidente repulsa.

— Seria uma ofensa para nossos anfitriões — declarei, com firmeza.

Não havia nada de errado ali. Com um telhado de tiras entrelaçadas de casca de árvore e um carpete de musgo, a casa era abandonada, podia estar um pouco bolorenta, mas oferecia uma proteção total contra os elementos e me parecia bastante confortável.

A primeira providência agora era despachar um emissário para falar com o Antigo, solicitando o favor de uma audiência.

Isso feito (o emissário foi um dos meus irmãos de adoção), todos sentamos para uma refeição de brotos diversos, mel, insetos e ovos de aves. O gosto era ótimo para mim, com a lembrança das iguarias da infância. Entre os outros, porém, apenas Kyla comeu com apetite, enquanto Regis demonstrava uma curiosidade interessada.

Depois de satisfeitas as exigências de hospitalidade, meus pais de adoção perguntaram os nomes dos outros membros do grupo. Apresentei-os, um a um. Quando enunciei o nome de Regis Hastur, eles ficaram em silêncio por um momento. Depois, desataram a gritar. Insistiram que sua casa era indigna de abrigar o filho de um Hastur, que só o Ninho Real do Antigo estava à altura de receber alguém tão importante.

Regis não tinha como recusar a homenagem. Quando o mensageiro voltou, ele se dispôs a acompanhá-lo. Antes de partir, no entanto, levou-me para um lado e murmurou:

— Não me agrada a idéia de deixar vocês aqui...

— Ficaré bastante seguro.

— Não é com isso que estou preocupado, dr. Allison.

— Chame-me de Jason — corriji, irritado. Regis comprimiu os lábios.

— É esse o problema. Terá de ser o dr. Allison amanhã, quando explicar a missão ao Antigo. Mas deverá ser também o Jason que ele conhece.

— E daí?

— Eu preferia não ter de sair daqui. Gostaria que passasse a noite com os homens que o conhecem apenas como Jason, em vez de ficar sozinho... ou só com Kyla.

Havia algo estranho no rosto de Regis. Especulei a respeito. Seria possível que ele, um Hastur, estivesse com ciúme de Kyla? Ciúme de mim? Nunca me ocorrera que ele pudesse sentir alguma atração por Kyla. Tentei reduzir a importância da questão, com um comentário jovial:

— Kyla pode me divertir.

Regis murmurou, sem qualquer ênfase:

— O problema é que ela já trouxe o dr. Allison de volta uma vez. — Uma pausa, e ele soltou uma risada surpreendente. — Ou talvez você tenha razão. É possível que Kyla... assuste o dr. Allison, se ele aparecer.



## Capítulo Seis

As brasas da fogueira em extinção projetavam estranhos tons de cores no rosto e ombros de Kyla, nos cabelos escuros ondulados. Agora que estávamos a sós, eu me sentia constrangido.

— Não consegue dormir, Jason? Sacudi a cabeça.

— É melhor dormir enquanto pode — acrescentou ela.

Eu sentia que naquela noite, entre todas as noites, não ousaria fechar os olhos. Tinha medo de descobrir, ao acordar, que desaparecera, para dar meu lugar a Jay Allison, que tanto odiava. Por um momento, contemplei o quarto com os olhos de Jay. Para ele, habituado aos ladrilhos esterilizados dos cômodos e corredores terráqueos, não pareceria aconchegante e limpo, mas sujo e anti-higiênico, como o covil de um animal.

— É um homem muito estranho, Jason — comentou Kyla, pensativa. — Que tipo de homem é... no mundo da Terra?

Soltei uma risada em que não havia qualquer humor. Subitamente, compreendi que precisava lhe contar a verdade.

— Kyla, o homem que você conhece como eu não existe. Foi criado para uma missão específica. Quando a missão acabar, eu vou sumir.

Ela estremeceu, arregalando os olhos.

— Ouvi histórias... sobre os terráqueos e suas ciências... como fabricam homens que não são reais, homens de metal... não de carne e osso...

Antes que aquele horror ingênuo pudesse se desenvolver, estendi a mão enfaixada. Peguei seus dedos com a outra mão e passei por cima.

— Acha que isto é metal? Não, Kyla, o problema não é esse. Mas o homem que você conhece como Jason... não serei mais ele... em meu lugar haverá alguém diferente...

Como podia explicar uma personalidade subsidiária para Kyla, quando eu mesmo não compreendia direito?

— Vi outra pessoa uma vez... fitando-me através dos seus olhos — murmurou ela, sem retirar a mão da minha. — Um

fantasma.

Sacudi a cabeça, vigorosamente.

— Para os terráqueos, eu sou o fantasma!

— Pobre fantasma...

Sua compaixão me angustiava. Eu não a queria.

— O que não lembro, não posso lamentar. É bem provável que nem me lembre de você.

Mas eu mentia. Sabia que poderia esquecer quase tudo, que não lamentaria porque não iria lembrar, mas não suportaria perder aquela mulher. Meu fantasma vagaria errante para sempre se a esquecesse. Olhei para Kyla, sentada no outro lado do fogo, de pernas cruzadas, iluminada por uma tênue claridade, umas poucas brasas que ainda resistiam. Ela tirara as roupas externas, assexuadas. Vestia apenas um traje justo, aderindo ao corpo, quase como uma bata de criança. Era estranhamente atraente. Ainda se podia ver a saliência do curativo por baixo. Um pensamento casual, que não era meu, aflorou em algum recanto secundário do cérebro: haveria uma cicatriz visível, porque o ferimento não fora suturado direito. Visível para quem?

— Jason... Jason...

Perdi o autocontrole. Tive a sensação de que me levantava, pequeno e cambaleando, dentro da câmara enorme e vazia que era a mente de Jay Allison. Parecia que o teto ia desabar em cima de mim. A imagem de Kyla piscava, entrando e saindo de foco, primeiro infinitamente gentil e atraente, depois — como se vista pelo outro lado de uma luneta-distinta e indefinida, tão remota e indesejável quanto qualquer inseto sob uma lente.

Ela pôs as mãos em meus ombros. Ergui o braço num movimento brusco, para me desvencilhar.

— Jason... não vá embora... não me deixe assim... Fale comigo, conte tudo...

Mas suas palavras me alcançaram através do vazio... Eu sabia que coisas da maior importância estariam em jogo na reunião amanhã. Só Jason seria capaz de se sair bem naquela situação. Por algum motivo, os terráqueos haviam-no submetido àquele inferno de danação e tortura... ah, sim... a febre dos Arbóreos...

Jay Allison afastou as mãos da mulher, com um gesto brusco. Amarrou a cara, tentando organizar seus pensamentos e se concentrar no que devia dizer e fazer, a fim de convencer os Arbóreos de seu dever com o resto do planeta. Como se eles — que nem sequer eram humanos — pudessem ter alguma noção de dever!

Com um fluxo de emoção a que não estava acostumado, ele desejou estar com os outros. Kendricks, para começar. Jay sabia exatamente por que Forth enviara o espaçonauta enorme e confiável naquela expedição. E aquele darkovano bonito e arrogante... onde ele se metera? Jay olhou para a mulher, aturdido; não queria revelar que não sabia direito o que dizia ou fazia, que praticamente não recordava as ações de Jason.

Ele já ia perguntar "Onde está o garoto Hastur?" quando um pensamento lógico aflorou: um visitante tão importante seria alojado na casa do Antigo. Foi nesse instante que uma onda de desespero o envolveu. Jay compreendeu que nem sequer falava a linguagem dos Arbóreos, que tudo escapara por completo de seus pensamentos.

— Você... — Ele tentou desesperadamente recordar o nome da mulher. — Kyla. Você não fala a língua dos Arbóreos, não é?

— Só umas poucas palavras. Não mais do que isso. Por quê?

Ela se retirara para um canto do pequeno cômodo. Jay se perguntou o que seu alter ego andara fazendo. Com Jason, não havia como adivinhar. Jay levantou os olhos, com um sorriso triste.

— Sente-se, criança. Não precisa ficar assustada.

— Eu... estou tentando entender... — A mulher tornou a tocar em Jay, obviamente numa tentativa de dominar seu terror. — Não é fácil... quando você se transforma em outra pessoa diante dos meus olhos...

Jay murmurou, cansado:

— Não vou... me transformar num morcego e sair voando. Sou apenas um pobre médico que se meteu numa terrível situação.

Não havia motivo, ele refletiu, em tentar descarregar seu sofrimento e desespero gritando com aquela pobre coitada. Deus sabia o quanto ela devia ter sofrido com aquele seu outro eu irresponsável. Forth admitira que a personalidade de "Jason" era

uma mistura de todas as características indesejáveis que ele lutara para reprimir ao longo de sua vida. Pela pura força de vontade, ele evitou o movimento para se desvencilhar da mão da mulher, outra vez em seu ombro.

— Jason, não... não suma assim! Pense! Tente manter o controle sobre si mesmo!

Jay cobriu o rosto com as mãos, enquanto tentava entender o sentido daquelas palavras. Na semi-escuridão, ela não podia ter percebido as mudanças sutis em sua expressão. Portanto, era evidente que Jason conversara com ela a respeito. Não parecia ser uma mulher muito inteligente...

— Pense sobre a reunião amanhã, Jason. O que vai dizer a ele? Pense em seus pais...

Jay Allison se perguntou o que eles pensariam quando deparassem com um estranho ali. Pois sentia-se como um estranho. E, no entanto, devia ter entrado na casa naquela noite e falado... Ele vasculhou a mente, desesperado, à procura de algum fragmento da linguagem dos Arbóreos. Falava-a quando era criança. Devia ter recordado o suficiente para conversar com a mulher que fora uma espécie de mãe de adoção para um filho alienígena. Tentou moldar os lábios para os sons diferentes das palavras...

Jay tornou a cobrir o rosto com as mãos. Jason era a parte dele que se lembrava dos Arbóreos. Era isso que ele tinha de lembrar. .. Jason não era um estranho hostil, não era um intruso em seu corpo. Jason era apenas uma parte perdida dele; e uma parte muito necessária naquele momento. Se ao menos houvesse alguma maneira de recuperar as lembranças de Jason, suas habilidades, sem ele próprio se perder... Ele disse para a mulher:

— Deixe-me pensar. Deixe-me... — Para sua surpresa e horror, a voz saiu numa linguagem estranha: — Deixe-me em paz, está bem?

Talvez eu possa permanecer, se me lembrar do resto, pensou Jay. O dr. Forth dissera que Jason se lembraria dos Arbóreos com afeto, não com aversão.

Jay rebuscou sua memória e nada encontrou, a não ser a frustração familiar: anos passados numa terra estranha, longe de

sua herança humana, perdido e abandonado. Meu pai me deixou. Caiu com o avião e nunca mais tornei a vê-lo. Não posso deixar de odiá-lo por me deixar...

Mas o pai não o abandonara. O avião caíra quando ele tentava salvar os dois. Não era culpa de ninguém...

Exceto de meu pai. Por tentar voar sobre as Hellers, para uma terra a que nenhum homem pertence...

Ele não se integrara. Mesmo assim, os Arbóreos, que considerava pouco melhores do que bestas errantes, haviam acolhido aquela criança alienígena em sua cidade, suas casas, seus corações. Haviam-no amado. E ele...

— E eu os amava — descobri-me a dizer, a voz um pouco alta.

Só então percebi que Kyla apertava meu braço, fitando-me com uma expressão suplicante. Sacudi a cabeça, meio tonto.

— O que aconteceu?

— Você me assustou — balbuciou ela, a voz trêmula.

Subitamente, compreendi o que acontecera. Contraí todo o corpo, na raiva contra Jay Allison. Ele não podia sequer me conceder o fragmento de vida que eu conquistara. Tinha de se esgueirar em minha mente a todo instante. Como devia me odiar! Mas não tanto quanto eu o odiava! Além de todo o resto, ele deixara Kyla apavorada!

Ela se ajoelhava ao meu lado. Compreendi que só havia um meio de lutar contra aquele demônio austero e frio que era Jay Allison. Tinha de mandá-lo de volta para o inferno. Era um homem que odiava tudo, exceto o mundo frio em que desenvolvera sua vida. O rosto de Kyla estava erguido para mim, suave, suplicante, intenso. Num súbito impulso, estendi os braços, puxei-a e beijei-a, com paixão.

— Um fantasma pode fazer isto... ou isto? Ela sussurrou:

— Não... claro que não...

Seus braços me enlaçaram pelo pescoço. Quando a levei para o musgo de cheiro agradável que cobria o chão, senti o fantasma sinistro do meu outro eu se desvanecer, até desaparecer por completo.

Regis tinha razão. Era a única maneira.

O Antigo não era tão antigo assim, nem um pouco velho; o título era puramente cerimonial. Aquele era jovem — não muito mais velho do que eu — mas tinha equilíbrio e dignidade, sem falar na mesma qualidade estranha e indefinível que eu reconhecera em Regis Hastur. Era uma coisa, eu supunha, que o Império Terráqueo perdera ao se espalhar de uma estrela para outra... o sentimento de conhecer o seu lugar, uma dignidade que não exigia reconhecimento, porque era algo que nunca faltara.

Como todos os Arbóreos, ele tinha um rosto sem queixo e orelhas sem lóbulos, o corpo peludo que parecia pouco menos do que humano. Falava muito baixo — os Arbóreos tinham uma audição extraordinária — e tive de fazer um esforço para entender. Também não foi fácil manter minha própria voz baixa.

Ele estendeu a mão em minha direção. Baixei a cabeça por cima e murmurei:

— Ofereço minha submissão, Antigo.

— Não se preocupe com isso. Sente-se, meu filho. É bem-vindo aqui, mas acho que abusou da nossa confiança. Nós o mandamos para a sua própria espécie porque pensamos que seria mais feliz assim. Sempre tratamos você com a maior bondade. Depois de tantos anos, por que voltou com homens armados?

A censura nos olhos vermelhos não era um princípio auspicioso. Declarei, desolado:

— Antigo, os homens comigo não estão armados. Fomos atacados por um bando daqueles-que-não-podem-entrar-nas-cidades. Tivemos de nos defender. Viajei com tantos homens porque receava passar pelos desfiladeiros sozinho.

— Mas isso explica por que você voltou?

O motivo e a censura em sua voz faziam sentido.

— Antigo, viemos como suplicantes. Meu povo apela para o teu povo, na esperança de que será... — Eu ia dizer tão humano, mas me contive e corriji a tempo: -... de que terá uma acolhida tão boa quanto a que me dispensaram.

O rosto dele não deixou transparecer coisa alguma.

— O que desejam?

Expliquei a situação. Falei meio sem jeito, tropeçando aqui e ali, sem conhecer os termos técnicos, sabendo que de qualquer maneira não tinham equivalentes na linguagem dos Arbóreos. Ele ouviu, interrompendo de vez em quando para fazer perguntas relevantes. Quando mencionei a oferta do Legado Terráqueo, de reconhecer os Arbóreos como um governo separado e independente, ele franziu o rosto e me repreendeu:

— Nós, do Povo do Céu, não queremos ter qualquer trato com os terráqueos. Não nos importamos com o reconhecimento deles... ou com sua falta.

Para isso, eu não tinha resposta. O Antigo continuou, gentil mas indiferente:

— Não gostamos de pensar que essa febre, entre nós apenas uma doença de crianças, sem maiores conseqüências, matará tantos de sua espécie. Mas, com toda honestidade, não podem nos culpar. Não podem dizer que espalhamos a doença, já que nunca deixamos as montanhas. Somos culpados porque os ventos mudam de direção? Ou porque as luas se encontram no céu? Quando chega o momento para os homens morrerem, eles morrem.

O Antigo estendeu a mão, encerrando a conversa.

— Eu darei a você e seus homens um salvo-conduto para chegarem ao rio. Não voltem nunca mais.

Regis Hastur levantou-se subitamente.

— Pode me ouvir, Pai?

Ele usou o título cerimonial sem a menor hesitação. O Antigo disse, com evidente aflição:

— O filho de Hastur não precisa nunca falar como suplicante para o Povo do Céu.

— Mesmo assim, quero que me ouça como um suplicante, Pai — insistiu Regis. — Não são apenas os forasteiros da Terra que estão suplicando. Aprendemos com os terráqueos uma coisa que vocês ainda não aprenderam. Sou jovem e não me cabe lhe ensinar qualquer coisa. Mas acabou de dizer: Somos culpados porque as luas se encontram no céu? Não. Mas aprendemos com os terráqueos a não culpar as luas no céu por nossa ignorância dos caminhos dos

Deuses... e com isso estou me referindo aos caminhos da doença, pobreza ou miséria.

— São estranhas palavras para um Hastur — comentou o Antigo, com uma satisfação evidente.

— Estes são estranhos tempos para um Hastur — declarou Regis, alteando a voz.

O Antigo estremeceu. Regis tratou de moderar o tom, mas continuou a falar com veemência:

— Você culpa as luas no céu. Pois eu digo que as luas não são culpadas, nem os ventos, nem os Deuses. Os Deuses enviam essas coisas para o homem quando querem testar sua determinação e se terão a força de vontade para superá-las.

A testa do Antigo se franziu na vertical. Sua voz saiu cheia de desprezo:

— É esse o tipo de rei que os homens chamam agora de Hastur?

— Homem, Deus ou Hastur, não me orgulho de suplicar por meu povo — respondeu Regis, vermelho de raiva. — Nunca, em toda a história de Darkover, um Hastur postou-se diante de um de vocês e suplicou...

— ...pelos homens de outro mundo.

— ...por todos os homens do nosso mundo! Antigo, eu poderia permanecer tranqüilo na Casa de Hastur. Nem a morte poderia me tocar até que eu me cansasse de viver. Mas preferi sair para aprender novas vidas, com novos homens. Os terráqueos têm alguma coisa para ensinar, até aos Hasturs, e podem estudar um remédio contra a febre dos Arbóreos.

Regis virou-se para me fitar, transferindo de novo para mim o trabalho de persuasão. Apressei-me em declarar:

— Não sou um alienígena de outro mundo, Antigo. Fui um filho em sua casa. Talvez eu tenha sido enviado para lhe ensinar a lutar contra o destino. Não posso acreditar que seja indiferente à morte.

Subitamente, mal sabendo o que ia fazer até que me descobri de joelhos, fitei o rosto firme e remoto do não-humano e declarei:

— Meu pai, você tirou um homem agonizante e uma criança à beira da morte de um avião em chamas. Mesmo aqueles de sua



própria espécie poderiam ter despojado os corpos e deixar os dois ali para morrer. Mas você salvou o menino, acolheu-o, tratou-o como se fosse um filho. Quando ele chegou à idade de se sentir infeliz aqui, permitiu que uma dúzia de seu próprio povo arriscasse a vida para levar o menino até os seus. Não pode me pedir para acreditar que é indiferente à morte de um milhão do meu povo, quando o destino de um só foi capaz de despertar sua compaixão!

Houve um momento de silêncio. Depois, o Antigo disse:

— Indiferente... não. Mas impotente. Meu povo morre quando deixa as montanhas. O ar é muito pesado para nós. A comida é errada. A luz cega e tortura. Posso mandá-las para sofrer e morrer, as próprias pessoas que me chamam de pai?

E uma memória, reprimida durante toda a minha vida, aflorou nesse instante. Continuei a falar, agora com um tom de urgência:

— Pai, escute. No mundo em que vivo agora, sou chamado de sábio. Não precisa acreditar em mim, mas quero que me ouça. Conheço seu povo. É meu povo também. Lembro quando fui embora daqui. Mais de uma dúzia de amigos de meus pais de adoção ofereceram-se para me acompanhar, mesmo sabendo que se arriscavam à morte. Eu era uma criança; não compreendi o sacrifício que eles faziam. Mas observei-os sofrer, enquanto desciam pelas montanhas. Decidi então... decidi...

Eu falava com dificuldade agora, forçando as palavras através de uma barreira de relutância.

— ...que como outros haviam sofrido por mim... eu passaria minha vida curando os sofrimentos de outros. Pai, os terráqueos me chamam de doutor, um homem que cura. Entre os terráqueos, posso providenciar para que meu povo, se quiser descer para nos ajudar, tenha um ar que possa respirar, comida que possa comer, e fique resguardado da luz. Não lhe peço para mandar alguém, pai. Peço apenas... para dizer a seus filhos o que acabei de falar. Se bem conheço seu povo... que é meu povo também, para sempre... centenas vão se oferecer para voltar comigo. E pode ser testemunha do que seu filho adotivo vai jurar agora: se um só dos seus filhos morrer, seu filho de outro mundo responderá por isso com a própria vida.

As palavras saíram num fluxo incontrolável. Nem todas eram minhas; algo inconsciente me lembrava que só Jay Allison tinha a capacidade para fazer aquelas promessas. Pela primeira vez, comecei a perceber que força, sentimento de culpa e dedicação, pressionando Jay Allison, haviam-no afastado de mim. Permaneci diante do Antigo, ajoelhado, sufocado, envergonhado daquilo que me tornara. Jay Allison valia dez de mim. Irresponsável, Forth dissera. Carecendo de propósito, carecendo de equilíbrio. Que direito tinha de desprezar meu eu sóbrio?

Depois de um longo momento, o Antigo tocou de leve em minha cabeça.

— Levante-se, meu filho. Responderei por meu povo. E peço que me perdoe por minhas dúvidas e protelações.

Nem Regis nem eu falamos qualquer coisa logo depois que deixamos a sala de audiência. E de repente, quase que ao mesmo tempo, viramos um para o outro. Regis falou primeiro, solene:

— Foi maravilhoso o que você fez, Jason. Eu não acreditava que ele concordaria.

— Foi seu discurso que o persuadiu.

A sobriedade, o fluxo inesperado de emoção, tudo isso ainda me dominava... mas começava a dar lugar a uma intensa exultação. Eu consegui! Quero ver se Jay Allison é capaz de fazer algo parecido! Regis continuava solene.

— Só por minhas palavras, ele teria recusado. Mas você apelou como um deles. E, no entanto, não foi apenas isso... houve algo mais...

Regis passou o braço por meus ombros, com algum constrangimento, e acrescentou:

— Acho que o Serviço Médico Terráqueo transformou sua vida num inferno, Jason. E mesmo que salve um milhão de vidas... será difícil perdôá-los por isso!

## Capítulo Sete

No dia seguinte, o Antigo tornou a nos chamar. Comunicou que cem homens haviam se oferecido como voluntários para nos acompanhar, servindo como doadores de sangue e sujeitos experimentais para a pesquisa sobre a doença dos Arbóreos.

A viagem sobre as montanhas, tão árdua na ida, foi mais fácil na volta. Nossa escolta de cem Arbóreos era uma segurança contra qualquer ataque. Além disso, eles podiam escolher os caminhos mais fáceis.

Só quando começamos a descer para os contrafortes é que os Arbóreos, desacostumados a andarem no solo e sofrendo com a baixa altitude, começaram a apresentar sinais de fraqueza. Enquanto nós nos tornávamos mais fortes, mais e mais deles quase que se arrastavam. Viajávamos com uma lentidão cada vez maior. Nem mesmo Kendricks podia ser insensível sobre os "animais inumanos" quando alcançamos o ponto em que deixáramos os animais. E foi Rafe Scott quem me abordou e disse, desesperado:

— Jason, esses pobres coitados não vão conseguir chegar em Carthon. Lerrys e eu conhecemos esta região. Podemos seguir na frente, viajando mais depressa por estarmos sozinhos, e providenciar transporte ali... talvez aeronaves pressurizadas para levá-los daqui. Podemos também enviar uma mensagem de Carthon para que preparem acomodações especiais no QG Terráqueo.

Fiquei surpreso e com um sentimento de culpa por não ter pensado nisso antes. Procurei disfarçar com ironia.

— Pensei que não se importasse nem um pouco com "meus amigos".

Rafe respondeu, determinado:

— Acho que eu me enganava nesse ponto. Eles estão fazendo isso por um senso de dever. Portanto, devem ser diferentes do que eu pensava que eram.

Regis, que ouvira a proposta de Rafe, interveio na conversa:

— Não há necessidade de você seguir na frente, Rafe. Posso enviar uma mensagem mais depressa.

Eu esquecera que Regis era um telepata treinado. Ele acrescentou:

— Existem algumas limitações de espaço e distância para essas mensagens, mas há uma rede regular de transmissão que cobre Darkover. Temos inclusive uma jovem que mora perto da Zona Terráquea. Se me disser como ela poderá ter acesso ao QG...

Regis fez uma pausa. Ficou um pouco vermelho e explicou:

— Pelo que sei dos terráqueos, ela não conseguiria transmitir a mensagem se simplesmente aparecesse no portão e dissesse que tinha um recado telepático para alguém, não é mesmo?

Não pude deixar de sorrir pela imagem que surgiu em minha mente.

— Tem toda razão, Regis. Avise a ela para procurar o dr. Forth e avisar que tem uma mensagem do dr. Jason Allison..

Regis fitou-me com uma expressão curiosa. Era a primeira vez que eu enunciava meu nome todo diante dos outros. Mas ele se limitou a acenar com a cabeça, sem comentários. Durante uma ou duas horas, ele parecia mais preocupado do que o habitual. Depois, veio me comunicar que a mensagem fora transmitida. Algum tempo mais tarde, Regis trouxe a resposta: o transporte aéreo já fora providenciado e estaria à nossa espera, não em Carthon, mas numa pequena aldeia perto do vau do Kadarin, onde deixáramos os caminhões.

Quando acampamos, naquela noite, havia uma dúzia de problemas práticos precisando de atenção: a hora e o local exatos da travessia do rio, as garantias a serem oferecidas aos apavorados Arbóreos, de que poderiam deixar suas florestas, mas não precisariam cruzar a barreira final do Kadarin, a pouca ajuda que podíamos dispensar aos doentes. Mas depois de fazer tudo o que eu podia, depois que todo o acampamento se aquietara, sentei diante da fogueira meio abafada, e fiquei olhando para as chamas, numa lassidão angustiada... No dia seguinte chegaríamos ao rio, e poucas horas mais tarde estaríamos no QG Terráqueo. E depois...

E depois... nada. Eu desapareceria, deixaria de existir por completo, em qualquer parte, exceto como um fantasma errante para perturbar os sonhos irrequietos de Jay Allison. Enquanto ele se

arrastasse por seus dias frios, eu não seria mais do que uma brisa esgotada, uma bolha rebentada, uma nuvem se dissipando.

Os tons de rosa e açafrão do fogo se apagando moldavam meus sonhos. Mais uma vez, como na Cidade das Árvores, naquela noite, Kyla passou junto do fogo, para ficar ao meu lado. Contemplei-a e, subitamente, compreendi que não seria capaz de suportar. Puxei-a para mim e murmurei:

— Ah, Kyla... Kyla... nem mesmo vou me lembrar de você! Ela afastou minhas mãos, ajoelhou-se e disse, em tom de urgência:

— Estamos perto de Carthon, Jason. Os outros podem seguir sozinhos pelo resto do caminho. Por que voltar com eles? Você pode ir embora agora e nunca mais voltar. Nós podemos...

Kyla parou de falar, com um rubor intenso, a timidez profunda tornando a dominá-la. Só depois de uma longa pausa é que ela sussurrou:

— Darkover é um vasto mundo, Jason. Bastante grande para nos escondermos... e não creio que eles continuem a nos procurar por muito tempo.

Era verdade. Eu poderia deixar um aviso com Kendricks — não com Regis, que era telepata e perceberia minha intenção no mesmo instante — de que seguiria na frente até a aldeia, junto com Kyla. Quando percebessem que eu fugira, já estariam muito preocupados em levar os Arbóreos para a Zona Terráquea, sãos e salvos. Não perderiam muito tempo à procura de um fugitivo. E, como Kyla dissera, o mundo era vasto. Era o meu mundo. Ainda mais importante, não estaria sozinho nele.

— Kyla, Kyla... — murmurei, desamparado.

Apertei-a contra meu peito, beijei-a. Ela fechou os olhos. Contemplei seu rosto. Não era uma mulher linda, mas feminina, corajosa, e uma porção de outras coisas maravilhosas. Era um olhar de despedida. Eu sabia disso, embora Kyla ainda não soubesse.

Depois de um breve instante, ela se afastou um pouco e disse, a voz incisiva um pouco mais gentil e mais ofegante do que o habitual:

— É melhor partirmos antes dos outros acordarem. — Como não me mexi, Kyla acrescentou: — Jason...

Eu não podia fitá-la. A voz saiu abafada, de trás das mãos que me cobriam o rosto:

— Não, Kyla... Prometi ao Antigo que cuidaria de seu povo no mundo terráqueo.

— Não vai cuidar de ninguém! Não será você! Eu me sentia desesperado.

— Escreverei uma carta para me lembrar. Jay Allison possui um senso do dever muito forte. Cuidará deles por mim. Talvez não goste, mas fará isso, até não poder mais. Ele é um homem melhor do que eu, Kyla. Acho bom você me esquecer. — Cansado, acrescentei: — Afinal, eu nunca existi.

Não foi o fim. Ela continuou a suplicar. Não sei por que, mantive-me obstinado na recusa. Depois de muito tempo, Kyla saiu correndo, em lágrimas. Fiquei ao lado da fogueira, amaldiçoando Forth, amaldiçoando minha própria loucura, mas acima de tudo amaldiçoando Jay Allison. O ódio que sentia do meu outro eu era profundo, uma raiva intensa, ameaçando explodir a qualquer instante.

Pouco antes do amanhecer, quando me volvei, à luz da fogueira agonizante, senti os braços de Kyla em torno do meu pescoço, seu corpo comprimindo o meu, sacudido por um choro convulsivo.

— Não posso convencê-lo — balbuciou ela — e também não posso mudá-lo... e não o mudaria, se pudesse. Mas enquanto posso... enquanto posso... terei você enquanto ainda for você.

Apertei-a com toda a força. E, por um momento, meu medo do amanhã, meu ódio e amargura contra os homens que haviam brincado com a minha vida, dissiparam-se por completo na doçura de sua boca, quente e ansiosa. E ali, na semi-escuridão, desesperado, sabendo que a esqueceria, eu a tomei para mim.

Independente do que o amanhã pudesse trazer, naquela noite eu pertencia a Kyla.

E soube então como os homens se sentem quando se apaixonam à sombra da morte... Só que era pior do que a morte, porque eu continuaria a viver, um fantasma de quem era agora, ao longo de dias frios e de noites ainda mais frias. Foi intenso, selvagem e desesperado; ambos tentávamos comprimir uma vida

inteira que nunca poderíamos ter em umas poucas horas roubadas. Mas quando contemplei o rosto úmido de Kyla, na claridade difusa, minha amargura desapareceu.

Eu poderia sumir para sempre, ser apenas um fantasma, uma sombra soprada pelo vento na memória de um homem. Mas até o último lampejo de memória, por toda a eternidade, eu me sentiria grato. Até no limbo me sentiria grato, se é que os fantasmas conhecem a gratidão, a todas as pessoas que haviam me convocado do nada para conhecer aquilo: aqueles dias de luta e a amizade entre companheiros, o vento puro das montanhas em meu rosto, uma última aventura, os lábios quentes de uma mulher em meus braços.

Eu vivera mais, em minha escassa semana de vida, do que Jay Allison viveria em todos os seus anos vazios e áridos. Tivera a minha vida, e não guardava mais nenhum ressentimento contra ele.

Na tarde seguinte, ao nos aproximarmos da pequena aldeia em que o transporte aéreo estaria à nossa espera, notamos que o distrito mais pobre estava quase deserto. Não havia uma única mulher andando pelas ruas, nenhum homem sentado num banco, nenhuma criança brincando nas praças empoeiradas.

— Já começou — murmurou Regis, desolado.

Ele foi até a porta de uma casa silenciosa. Chamou-me depois de um minuto. Dei uma olhada dentro da casa.

E me arrependi no mesmo instante. A cena me atormentaria enquanto vivesse. Um velho, duas mulheres ainda jovens e meia dúzia de crianças, entre quatro e quinze anos, estavam estendidos lá dentro. O velho, uma criança e uma das mulheres se achavam envoltos por mortalhas, os rostos cobertos por galhos verdes, de acordo com o costume darkovano para os mortos. A outra mulher se encolhia agonizante perto da lareira, o vestido simples salpicado de seu vômito. As crianças... Mesmo agora, ainda não sou capaz de me lembrar das crianças sem ânsias de náusea. Uma delas, muito pequena, devia estar no colo da mulher que caíra junto da lareira; tinha o rosto contorcido... o que não demorou muito. As outras se encontravam em condições indescritíveis. O pior é que uma delas ainda se mexia, com movimentos débeis, além de toda e qualquer

possibilidade de ajuda. Regis saiu da porta, atordoado. Encostou-se na parede, os ombros tremendo... não em repulsa, como pensei a princípio, mas em pesar. As lágrimas escorriam sobre mãos que cobriam seu rosto. Quando o peguei pelo braço, a fim de levá-lo de volta para o grupo, ele cambaleou e caiu em cima de mim. Sua voz saiu trêmula e embargada:

— Pelos deuses, Jason, aquelas crianças... aquelas crianças... Se alguma vez teve dúvidas sobre o que está fazendo, sobre o que já conseguiu, pense naquilo, pense que salvou um mundo inteiro de uma morte horrível, pense que fez uma coisa que nem mesmo os Hasturs seriam capazes de fazer!

Eu sentia na garganta um aperto que era algo mais do que apenas embaraço.

— É melhor esperar até sabermos com certeza que os terráqueos poderão encontrar a cura. E agora você tem de sair daqui. Estou imunizado, mas este não é o seu caso.

Mas quase que tive de carregá-lo, como se fosse uma criança, para longe da casa. Ele me fitou nos olhos e disse, com uma sinceridade absoluta:

— Será que você acredita que eu daria minha própria vida, uma dúzia de vezes, para conseguir o que fez?

Era uma recompensa austera e estranha. Mas me senti vagamente confortado. E depois, quando entramos na aldeia propriamente dita, eu me absorvi — ou tentei me absorver — em tranqüilizar os assustados Arbóreos, que nunca haviam visto uma cidade no solo, não tinham a menor idéia do que era um transporte aéreo. Evitei Kyla. Não queria uma palavra final, uma despedida. Já tivéramos nossa despedida.

Forth fizera um trabalho extraordinário ao preparar alojamentos para os Arbóreos. Depois que eles estavam confortavelmente instalados, desci para os meus aposentos e vesti as roupas de Jay Allison. Observei pela janela as montanhas distantes. Dei uma olhada no livro sobre montanhismo, que comprara quando era jovem, num mundo estranho. Jay o guardara como fragmento de uma personalidade perdida. Um violento conflito irrompeu em minha mente.



Alguma coisa oculta... parta à sua procura e descubra. Alguma coisa perdida além da cordilheira...

Eu mal começara a viver. Com toda a certeza, merecia algo melhor do que isso, desaparecer quando começava a descobrir a vida. Será que merecia ser o homem que não sabia viver? Jay Allison, aquele homem frio que nunca olhara além da cordilheira... por que eu deveria me perder nele?

Alguma coisa se perder além da cordilheira... nada seria perdido além de mim mesmo. Eu começava a detestar o exagerado senso de dever que me trouxera de volta. Agora, quando já era tarde demais, arrependia-me amargamente... Kyla me oferecera a vida, mas eu nunca mais a veria.

Poderia lamentar o que nunca lembraria? Entrei na sala de Forth como se estivesse me apresentando para o Juízo Final... e era isso mesmo.

Ele me cumprimentou calorosamente.

— Sente-se e conte tudo o que aconteceu.

Eu teria preferido não falar a respeito. Em vez disso, porém, fiz um relato completo, quase compulsivo. Estranhos lampejos sucediam-se em meu cérebro enquanto falava. Quando compreendi que reagia a uma sugestão pós-hipnótica, que na verdade entrava outra vez na hipnose, já era tarde demais. Só pude pensar que aquilo era pior do que a morte, porque de certa forma eu continuaria vivo.

Jay Allison empertigou-se na cadeira. Esticou o punho, antes de contrair os lábios numa expressão que tinha a pretensão de ser um sorriso.

— Devo presumir que o experimento foi um sucesso?

— Um sucesso total.

A voz de Forth soava um pouco áspera e irritada, mas Jay não se perturbou. Sabia há anos que a maioria dos seus subordinados e superiores o detestava... e há muito deixara de se preocupar com isso.

— Os Arbóreos concordaram?

— Concordaram — murmurou Forth, surpreso. — Não se lembra de nada?

— Apenas alguns fragmentos. Como um pesadelo.

Jay Allison olhou para o dorso de sua mão. Flexionou os dedos, cauteloso com a possível dor, tocou na cicatriz vermelha, recém-fechada, do ferimento que sofrera. Forth acompanhou a direção do seu olhar e comentou, com alguma simpatia:

— Não precisa se preocupar com sua mão. Já fiz um exame meticuloso. Terá o uso pleno.

Jay disse, em tom severo:

— Parece-me que foi um risco absurdo. Alguma vez parou para pensar o que significaria para mim perder o uso da mão?

— Achei que era um risco justificável, mesmo que você não pensasse assim — respondeu Forth, secamente. — Jay, tenho toda a história gravada, como você me pediu. Talvez não goste de ter um ponto em branco na sua memória. Quer ouvir o que seu alter ego fez?

Jay hesitou por um instante. Depois, descruzou as pernas compridas e levantou-se.

— Não... não estou interessado em saber.

Ele ficou imóvel, detido por uma pontada de um músculo dolorido. Franziu o rosto. O que acontecera? O que nunca saberia? Por que aquela reação irrelevante causava uma dor mais profunda do que a mera pontada de um nervo distendido? Forth observava-o atentamente. Jay perguntou, irritado:

— Qual é o problema?

— Você é totalmente insensível, Jay.

— Não estou entendendo, senhor.

— Nem poderia — murmurou Forth. — Estranho... Eu gostava mais de sua personalidade subsidiária.

A boca de Jay se contraiu num sorriso sem humor.

— Posso imaginar. Ele foi até a porta.

— Se vou trabalhar no projeto do soro, é melhor examinar logo os voluntários, preparar os doadores de sangue e dar outra olhada nos estudos daquele pesquisador.

Mas, além da janela, os picos nevados das montanhas, inescrutáveis, atraíram sua atenção. Um enigma...

— Absurdo! — resmungou ele, antes de sair da sala.

## Capítulo 8

Quatro meses depois, Jay Allison e Randall Forth estavam parados juntos, observando o último dos aviões desaparecer na distância, levando os voluntários de volta a Carthon e suas montanhas.

— Eu deveria ter ido para Carthon com eles — murmurou Jay, rabugento.

Forth observou o companheiro, muito alto, os olhos fixados nas montanhas. Perguntou-se o que haveria por trás dos gestos contidos e da expressão pensativa.

— Já fez o suficiente, Jay. Trabalhou até demais. Thurmond, o Legado, já avisou que você vai ganhar um elogio oficial e uma promoção por sua participação. E isso sem mencionar o que fez na cidade dos Arbóreos.

Ele pôs a mão no ombro do colega, mas Jay tratou de se desvencilhar, impaciente.

Durante todo o processo de isolar e testar a fração de sangue, Jay se mostrara incansável, não se poupava no trabalho em momento algum. Pouco dormira, e em geral estava mal-humorado. Quase sempre calado, propenso a súbitos acessos de fúria, mas meticoloso. Supervisionara os Arbóreos com um desvelo quase paternal... mas à distância. Fizera tudo o que era possível para garantir o conforto deles... mas se recusara a vê-los pessoalmente, a não ser quando era inevitável.

Entramos num jogo perigoso, pensou Forth. Jay Allison conseguira efetuar seu ajustamento à vida, mas nós perturbamos esse equilíbrio. Será que o arruinamos por isso? Ele é dispensável, é claro, mas seria uma tremenda perda.

— Mas por que não foi junto para Carthon? Kendricks viajou, como sabe. Esperava até o último minuto que você fosse também.

Jay não respondeu. Evitara Kendricks, a única testemunha de sua dualidade. Em seu pesadelo, evitar todas as pessoas que o haviam conhecido como Jason tornara-se uma obsessão. Uma ocasião, quando avistara Rafe Scott no andar térreo do QG, virara-se frenético e saíra em disparada pelos corredores, como um louco, para evitar o encontro. Subira quatro lances de escada e se refugiara

em seus aposentos, o coração batendo forte, as veias saltadas no pescoço, como se fosse um criminoso caçado.

— Se me chamou até aqui para perguntar se eu não gostaria de fazer outra viagem até as Hellers...

— Não foi por isso — declarou Forth, tranqüilo. — Estamos esperando um visitante. Regis Hastur mandou avisar que quer conversar com você. Caso não se lembre, ele participou do Projeto Jason...

— Claro que lembro — murmurou Jay, sombrio.

Era quase que a sua única lembrança nítida: o pesadelo da luta na montanha, sua mão cortada, o corpo nu da darkovana... e sobrepondo-se a tudo isso, o aristocrata darkovano muito bonito que o mandara de volta à personalidade de Jason.

— Ele é um psiquiatra melhor do que você, Forth. Transformou-me em Jason num piscar de olho, enquanto você precisou de meia dúzia de sessões hipnóticas.

— Já ouvi falar muito sobre os poderes psíquicos dos Hasturs, mas nunca tive a sorte de encontrar um pessoalmente. Fale-me a respeito. O que ele fez?

Jay fez um movimento tenso e exasperado, controlado demais para ser um dar de ombros descontraído.

— Por que não pergunta a ele? Não estou nem um pouco interessado em vê-lo, Forth. Não fiz isso por Darkover. Fiz porque era meu trabalho. Mas prefiro esquecer tudo. Por que você não conversa com ele?

— Tive a impressão de que ele queria Mar com você pessoalmente. Fez uma coisa extraordinária, Jay. Por que não se pavoneia um pouco? Seja... seja normal por uma vez! Confesso que eu estaria quase estourando de orgulho se um dos Hasturs insistisse em me dar os parabéns pessoalmente.

Os lábios de Jay se contraíram. A voz tremia com uma irritação controlada quando ele disse:

— Talvez você reagisse assim, mas não é o meu caso.

— De qualquer forma, terá de recebê-lo. Em Darkover, ninguém recusa quando os Hasturs fazem um pedido... ainda mais sendo um pedido tão razoável quanto este.

Forth sentou ao lado da mesa. Jay bateu com o punho cerrado no batente de madeira da janela. Quando baixou a mão, viu que havia uma pequena mancha de sangue nas articulações. Depois de um longo momento, foi até o sofá e sentou-se, empertigado, imóvel, sem dizer nada. Nenhum dos dois tornou a falar, até que Forth teve um sobressalto ao som da campainha, apertou o botão e disse:

— Diga a ele que nos sentimos honrados... conhece a rotina para as altas autoridades... e mande-o subir.

Jay entrelaçou os dedos. Depois, passou o polegar — um gesto novo — pela cicatriz nas articulações. Forth percebeu que havia uma qualidade diferente no silêncio. Fez menção de falar, mas nesse instante a porta foi aberta e Regis Hastur entrou na sala.

Forth levantou-se, cortês. Jay também ficou de pé, como um boneco mecânico puxado por cordões. O jovem aristocrata darkovano sorriu para ele, na maior cordialidade.

— Não precisam se incomodar. A visita é informal. Foi por isso que vim aqui, em vez de chamar os dois à Torre. Como vai, dr. Forth? É um prazer tornar a vê-lo. Espero que nossa gratidão pelo que fizeram por nós possa em breve assumir uma forma mais concreta. Não houve mais nenhuma morte da febre dos Arbóreos desde que começaram a distribuir o soro.

Jay, imóvel, percebeu amargurado que o velho sucumbira ao charme deliberado do darkovano. O rosto roliço e enrugado desmanchou-se num sorriso de satisfação quando Forth disse:

— Os presentes enviados aos Arbóreos, em seu nome, lorde Hastur, foram muito bem recebidos.

— Acha que qualquer um de nós poderá jamais esquecer o que eles fizeram?

Regis virou-se para a janela. Sorriu, hesitante, para o homem ali parado, imóvel, desde o seu gesto inicial de polidez.

— Lembra de mim, dr. Allison?

— Claro que lembro — respondeu Jay Allison, de cara amarrada.

Sua voz pairou pesada no ar, soando como um miasma a seus próprios ouvidos. Tudo o que remoera durante tanto tempo, seus pesadelos em noites insones, todo o ódio acumulado contra

Darkover e as lembranças que tentara reprimir irromperam agora, numa amargura incontrolada contra aquele jovem insinuante demais, um semideus naquele mundo, o homem que o repelira, em benefício do odiado Jason. Para Jay, Regis tornou-se subitamente o símbolo de um mundo que o odiava, um mundo que o forçara a ser o que não era. Um vento frio pareceu soprar na sala. Ele acrescentou, a voz rouca:

— E me lembro muito bem!

Jay lançou-se para a frente, num movimento brusco. O impacto do golpe inesperado fez Regis se virar. No instante seguinte, Jay Allison, que nunca tocara em outro ser humano que não fosse com os gestos delicados e remotos de um médico, apertava com as mãos a garganta de Regis, numa fúria assassina. Soaram gritos, muito barulho, houve uma explosão em seu cérebro...

— É melhor tomar logo isso — murmurou Forth.

Compreendi que virava um copo de papel nas mãos. Forth arriou na cadeira, numa fraqueza evidente, enquanto eu levava o copo aos lábios e bebia. Regis retirou a mão de sua garganta e disse, a voz rouca:

— Também estou precisando beber um pouco, doutor. Larguei o copo com uísque, e disse, sem hesitar:

— É melhor beber apenas água até que os músculos de sua garganta se recuperem.

Fui encher um copo descartável para ele, sem pensar. Ao entregá-lo, parei de repente, em súbita consternação. Minha mão tremeu, e derramei algumas gotas. Balbuciou, a voz rouca, engolindo em seco:

— Tome a água mesmo sentindo dor.

Foi o que Regis fez, com evidente dificuldade. Depois, ele disse:

— A culpa foi minha. No momento em que o vi... vi Jay Allison... compreendi que ele era um louco. Deveria detê-lo antes, só que ele me pegou de surpresa.

— Mas... você se refere a ele... acontece que eu sou Jay Allison. — Senti os joelhos bambos e sentei. — O que está acontecendo? Não sou Jay... mas também não sou Jason...

Podia lembrar de toda a minha vida, mas o foco mudara. Ainda sentia o amor antigo, a nostalgia pelos Arbóreos; mas também sabia, com um sentimento firme de identidade, que era o doutor Jason Allison, Jr., que abandonara a vida como montanhista e se tornara um especialista em parasitologia darkovana. Não o Jay que rejeitara o mundo; nem o Jason que fora rejeitado pelo mundo. Mas então quem era agora?

— Eu o vi antes... uma vez — comentou Regis. — Quando se ajoelhou diante do Antigo dos Arbóreos.

Ele fez uma pausa, para depois acrescentar com um sorriso sugestivo:

— Como um ignorante darkovano, eu diria que naquele momento você era um homem que, por uma vez, conseguira equilibrar seu deus e seu demônio.

Olhei para o jovem Hastur, desamparado. Poucos segundos antes minhas mãos apertavam sua garganta. Jay ou Jason, enlouquecidos pelo ódio e ciúme, podiam negar a responsabilidade pelos atos um do outro. Mas eu não podia.

— Podemos aceitar a saída mais fácil, e cuidar para que nunca mais tenhamos de nos encontrar. Ou podemos encontrar a saída pelo caminho mais difícil.

Ele estendeu a mão. Compreendi no mesmo instante. Trocamos um aperto, como estranhos que se conheciam naquele momento.

— Seu trabalho com os Arbóreos acabou. Mas nós, Hasturs, assumimos o compromisso de ensinar a alguns terráqueos nossa ciência... a mecânica de matriz. Dr. Allison... Jason... conhece bem Darkover, e acho que poderíamos trabalhar juntos. Além disso, sabe alguma coisa sobre as engrenagens mentais. Pedi para vê-lo por que queria perguntar: Deseja ser um deles? Acho que seria a pessoa ideal.

Olhei pela janela, para as montanhas distantes. Aquele trabalho... seria algo que deixaria minhas duas metades satisfeitas. A força irresistível, o objeto inamovível... e sem fantasmas vagueando em meu cérebro.

— Claro que aceito — declarei para Regis.

Depois, determinado, deixei a sala. Subi até os alojamentos que preparáramos para os Arbóreos, agora desertos. Com minhas novas lembranças, dobradas... ou completas, outro fantasma surgira em meu cérebro. Lembrava de uma mulher, uma presença vaga na órbita de Jay Allison, despercebida, trabalhando com os Arbóreos, tolerada apenas porque falava a língua deles. Abri a porta, saí à procura pelos cômodos, gritando:

— Kyla!

Ela veio. Correndo. Esbaforida. Minha.

No último momento, ela se afastou um pouco de meus braços, sussurrando:

— Você é Jason... mas é também outra coisa. Diferente...

— Não sei quem sou, mas agora sou eu mesmo. Talvez pela primeira vez. Quer me ajudar a descobrir a verdade?

Enlacei-a, tentando encontrar um caminho entre a memória e o amanhã. Durante toda a minha vida, eu percorrera uma estrada estranha, a caminho de um horizonte desconhecido. Agora, ao chegar a meu horizonte, descobria que apenas marcava o contorno de um território inexplorado.

Kyla e eu o exploraríamos juntos.

**Fim**



# **A Cachoeira**

Dama Sybil-Mhari, de quinze anos, tão frágil quanto um galho de salgueiro, estava parada na beira de um pátio fechado, com uma expressão pensativa nos olhos cinzentos, contemplando o vale iluminado pelo estranho brilho das quatro luas. Um muro de pedra baixo, que mal chegava à altura dos joelhos, era a única coisa que separava o pátio de um penhasco íngreme e perigoso, descendo até uma cascata de água espumante, que caía por trezentos metros até o vale. O rugido abafado da água, a noite fria e enluarada, e a umidade que se elevava da cachoeira pareciam vibrar em seu corpo jovem. Ela sentiu um aperto na garganta, uma sensação que parecia de fome ou sede... ou outra coisa. Algo que não podia nem adivinhar. Uma certa solidão, uma ânsia pelo que jamais conhecera.

Amor? Não. Suas servidoras não paravam de falar em amor, sussurrando juntas, rindo a todo instante, falando de beijos roubados e carícias furtivas, mãos tateando no escuro, versos corteses, música insinuante. Por algum tempo, Sybil até acreditara que era por amor que ansiava; à medida que as confidências se tornaram mais definidas, no entanto, não despertavam excitação ou anseio, mas apenas um tremor de repulsa. O que... ela, Sybil-Mhari Aillard, comynara, a delicada irmã de lorde Ludovic, solitária e perfeita como uma estrela isolada, entregar-se àquelas indecências inomináveis? Ela, nascida no castelo do Comyn, apartada e acima, tendo nas veias — pelo que diziam as pessoas comuns — o sangue dos deuses, ela desfalecer nos braços de algum proprietário rural desajeitado, permitir beijos secretos, dedos ansiosos, palavras de amor sussurradas, em corredores, salões ou na cape-la? Não, não e não. A fome que ela sentia agora era com certeza por outra coisa que não isso; mais parecia chamusca em busca de combustível. Só que aqueles abraços e carícias eram como a umidade que abafava o fogo, em vez de atiçá-lo.

Sybil contemplou as águas brancas que mergulhavam pelo ar, projetando borrifos prateados. Ao luar, parecia tudo uma coisa só. Subitamente, ela imaginou-se a voar, a cair pelo vasto espaço, a ser levada pela corrente impetuosa. E jogada de um lado para outro, machucada pelas pedras, se afogando... ou criaria asas, como as lendas antigas diziam que o Comyn podia fazer, para voar muito

acima do mundo, entre os falcões... Mas isso não passava de lenda. Ou sonho. Ela se enlaçou com os braços nus, encostou-se no muro, tonta, quase hipnotizada pelo tumulto e som da cachoeira distante. Voar, elevar-se pelo ar em asas invisíveis, ou, com os poderes secretos do Comyn, pairar acima de todos, que tentavam trazê-la de volta ao solo... mas eram histórias de um passado distante. Apenas lendas.

O Comyn possuía agora apenas os poderes da mente, e mesmo isso lhe fora negado. A leronis, a grande feiticeira com o sangue de Hastur, só chamara Sybil naquele ano. Fizera-a olhar para a pedra-da-estrela, de tal forma que Sybil se sentira mais nua, com o contato da leronis em sua mente, do que se a mulher tivesse tirado sua última peça de roupa. Sybil mantivera-se impassível, não ousando demonstrar medo; mas dentro dela alguma coisa se intimidara, pondo-se a chorar. Não fora capaz de erguer os olhos. Ao final, a leronis, suspirando, guardara a pedra.

— Você tem laran, minha criança. Possui o Dom de nosso clã. E, no entanto... -A mulher tornara a suspirar, balançara a cabeça. — Há uma força em você, Sybil, que não consigo compreender. .. e eu pensava que conhecia todos os Dons do Comyn.

É uma telepata... não muito forte, mas o suficiente. Pode ser treinada numa Torre. É capaz de exercer todo o poder de uma leronis, talvez mesmo se tornar uma Guardiã. Mas alguma coisa em mim... alguma coisa em que aprendi a confiar... diz... não! Sybil protestara:

— Por quê?

Havia raiva e revolta em sua voz. As mulheres das Torres exerciam o poder e a força, usavam os poderes treinados da mente, enquanto todas as outras mulheres do Comyn eram impotentes, dadas em casamento, obrigadas a gerar crianças para seu clã, sem qualquer poder... e a leronis lhe negava o poder! A ira a dominara, mas fizera a voz gentil e dócil, como lhe fora ensinado (seu irmão Ludovic, o lorde do clã, dissera que era como o doce murmúrio do passarinho verde da chuva):

— Por quê, dama? Sou uma comynara, e tenho laran, como você mesma disse... então, por quê?

Mas a feiticeira Hastur limitara-se a balançar a cabeça. O brilho em seus olhos indicara a Sybil que a mulher mais velha percebera toda a sua raiva oculta... e não sentia qualquer medo.

— Porque sua mente não é a mente de uma mulher, Sybil. Contém mais alguma coisa além de laran. Não sei o que é, mas me assusta. Temo por você. Não a levarei para uma Torre. Para que você domine o ofício da pedra-da-estrela, para que exerça os poderes antigos do Comyn, precisa ser uma pessoa que mereça absoluta confiança. Por isso, digo não.

Fora nesse momento que Sybil erguera os olhos. Fitara a mulher em fúria, projetando uma força que nem sabia possuir, querendo dominar a Ieronis, impor sua vontade... Eu terei esse poder! Mas a mulher desviara a mente com a maior facilidade. Balançara a cabeça, com uma risada triste.

— Está vendo, minha pobre criança? Não a temo como é agora. Mas receio o que pode se tornar, se adquirir o domínio da pedra-da-estrela.

E, com isso, a Ieronis fora embora, levando a jovem irmã de adoção de Sybil, Rohana, para ser criada na Torre e aprender a usar as pedras-da-estrela. Sybil ficara numa profunda solidão, com uma ânsia indefinida, uma melancolia persistente, a necessidade angustiada de alguma coisa... alguma coisa que ela nem podia imaginar o que fosse...

Depois de algum tempo, sentindo cãibras, enregelada até os ossos, ela se empertigou e se afastou lentamente. Por trás dela se estendia o castelo do Comyn, uma massa enorme e esparramada de pedra e silêncio; os pátios vazios soltavam suspiros ressonantes quando seus pés envoltos por seda deslizavam sobre os blocos de pedra. Até mesmo sua respiração parecia provocar um murmúrio de eco. O frio intenso das pedras subia por suas pernas rígidas, vibrava nos seus seios. Sybil ouviu, muito longe, um estrépito, um som de desafio, o eco de passos ruidosos; depois, o silêncio. Eram os guardas, fazendo a ronda noturna. Os passos um pouco apressados, ela esgueirou-se como uma sombra para baixo de uma arcada, abrigando-se contra a brisa gelada da noite. Um momento depois, estremeceu, levou as mãos à garganta, com um pequeno grito de

surpresa, quando uma luz foi estendida para a frente, súbita, iluminando seu rosto.

Meio cega, Sybil comprimiu os dedos contra os olhos. Depois, quando as pupilas ajustaram-se à luz, ela baixou as mãos. Deparou com o rosto de um homem por cima do forte clarão da lanterna.

— Ora, ora, vejam só o que encontrei!

Sybil se arrepiou quando o rosto desconhecido desmanchou-se num sorriso. A voz era profunda e áspera, quase rouca, mas com um tom jovial.

— O que está fazendo aqui?

A luz era menos dolorosa para os olhos de Sybil agora. Podia distinguir as tiras de couro preto sobre o manto verde; um dos guardas que vinham de suas casas, durante a sessão do Conselho, para proteger os lordes e damas do Comyn. Via-os de vez em quando; faziam uma reverência quando ela passava, baixavam a cabeça em humildade quando lhes falava em tom condescendente, ou dava uma pequena ordem. Mas nunca vira aquele antes... e nunca nenhum tivera a ousadia de lhe dirigir a palavra sem ser convidado. Ela disse, com toda frieza de que era capaz:

— Vá cuidar de seu trabalho, rapaz.

— Calma, minha jovem, calma... — Ele deu uma risada. -Meu trabalho é exatamente descobrir quem entra e sai deste pátio. O que faz aqui?

Os pequenos dentes brancos de Sybil comprimiram um lábio. Seria humilhante demais identificar-se para aquele... aquele homem tão rude e grosseiro. Ele era corpulento, o pescoço forte, ombros largos. O sorriso, entre as costeletas enormes e malcuidadas, exibia dentes brancos, compridos e fortes... como os de um cavalo!

— Moro aqui — respondeu ela, incisiva. O homem riu de novo.

— E uma dúzia de outras mulheres também. Mas aceitarei sua palavra. Venha me dar um beijo, *chiya*, e a deixarei ir embora.

Ele se abaixou e largou a lanterna no chão. Deu um passo à frente, determinado. Sybil — paralisada pelo espanto — sentiu mãos ásperas pegarem seus braços nus. A voz rouca e jovial soou muito próximo de seu ouvido:

— Será que posso tomar o lugar do homem por quem você esperava?

Atordoada, com um vazio seco e doloroso na barriga, Sybil sentiu os braços rudes envolverem-na pela cintura. Seus pés deixaram o chão, quando o homem a puxou para seu peito. O rosto com a barba por fazer roçou sua pele macia. Por um momento ela ficou inerte, incapaz de mexer um músculo sequer... aquilo não podia estar acontecendo! E de repente, numa convulsão de terror, explodiu como uma gata frenética, arqueando-se para trás, tentando golpear seu captor. Abriu a boca para gritar, mas a garganta ressequida deixou escapar apenas uma pequena lamúria de pavor.

— Calma, minha gata selvagem, calma... — murmurou a voz estranha, na semi-escuridão.

Sybil sentiu dedos calosos tatearem entre as sedas e fitas que confinavam seus seios. Sua voz saiu num grito sufocado:

— Largue-me! Como se atreve? Será esfolado vivo por isso!

Alguma coisa na ordem autoritária foi absorvida pelo homem, apesar da estridência da histeria. Ele largou-a no chão, abruptamente. Pegou a lanterna.

— Pelos infernos de Zandru, quem é você?

Sybil desequilibrou-se quando ele a soltou, a vertigem turvando seus olhos. Tratou de se apoiar com a mão na pedra áspera da parede. Sua voz soou alta e estranha para seus próprios ouvidos:

— Sou Sybil-Mhari Aillard — declarou ela, a voz rouca. — Lorde Ludovic vai mandar esfolá-lo, sua pele será cortada em tiras de uma plegada de largura!

— Domna! — A voz do homem era rouca e incrédula. — Mas...

Ele dobrou-se, cambaleou para trás. Uma pequena pontada de dor, como uma cólica, atingiu a barriga de Sybil, intensa mas não de todo desagradável. Seus joelhos ficaram bambos, enquanto contemplava o homem empalidecer cada vez mais. Ele engoliu em seco, duas ou três vezes. Depois de um momento, conseguiu se controlar um pouco. Mas se Sybil esperava que ele se intimidasse — e isso ela pensara — teve um estranho desapontamento.

— Minha dama, devo pedir que me perdoe. Pensei que era uma serva. — Uma pausa e ele acrescentou, racional: — Afinal, em

nome da Abençoada Cassilda, o que fazia aqui no pátio, em plena noite, vestindo uma bata, como se fosse uma garota da cozinha?

Sybil piscou, aturdida, ao se descobrir na defensiva. Fez menção de falar, teve vontade de olhar para a cachoeira. Mas depois refletiu que não precisava dar nenhuma explicação a um guarda. O que uma dama do Comyn fazia ou deixava de fazer não era da conta daquele homem! Ele erguera a lanterna até o rosto de Sybil. Suas próprias feições estavam mais iluminadas: um rosto rude e bronzeado, uma cicatriz antiga se estendendo por toda a face, mas os olhos agora faiscando, numa expressão bem-humorada. Sua respiração não era muito firme quando ele disse:

— Tenho certeza, minha pequena dama, de que eu viraria comida de abutre se quisesse perder tempo comigo. Mas não faria isso, não é mesmo? Afinal, não tive a intenção de lhe causar mal algum... e quem poderia imaginar que dama Sybil-Mhari estaria vagueando pelo pátio depois que as luas rondavam pelo céu?

O sorriso era insinuante, quase íntimo, quando ele arrematou:

— Se não me dissesse quem era, talvez eu quisesse mais do que um beijo... e poderia obtê-lo também!

Sybil oscilou um pouco, sentindo o contato estranho em sua mente, como ocorrera ao contemplar a pedra-da-estrela... Desejo. .. Medo... Os olhos ardentes do homem ainda se fixavam nos seus, procuravam entre os laços desfeitos no busto, mas hesitantes, contidos... revelavam medo. Podia sentir o medo do guarda... e também o desejo ardendo nela, parecendo queimá-la... mas ele não ousaria tocá-la agora...

Ela oscilou de novo. O homem, desta vez sem pedir desculpas, estendeu os braços em torno de seus ombros, para ampará-la. Sybil balbuciou:

— Acho... que vou desmaiar...

Ela tombou inerte contra o guarda, a cabeça se ajeitando em seu ombro. Podia sentir as batidas lentas do coração do guarda através do gibão, podia sentir... Ela comprimiu ainda mais a cabeça para o calor daquele corpo. Há uma força em você, dissera a leronis. Agora, sentindo seu fluxo, Sybil sabia o que havia por trás do medo

e desejo do guarda. Com as mãos geladas, estremecendo, ela pegou uma das mãos quentes do homem, encostou-a em sua garganta.

— Eu... eu não consigo respirar... — sussurrou.

Sua voz era suave, suplicante. Certificou-se, antes de largar aquela mão, de que ele não seria capaz de soltá-la de novo. Fechou os olhos, enquanto o guarda a levantava. Suspensa ali, teve a impressão de que balançava entre o ar e o fogo. Experimentou outra vez a sensação estranha e extasiada de voar, rolar, cair... de acompanhar a cachoeira rugindo lá embaixo.

Quando tornou a abrir os olhos, descobriu que o guarda a estendera num pequeno gramado, no pátio. Ele se ajoelhava a seu lado, as mãos rudes, em movimentos hábeis e bruscos, soltando as fitas que aprisionavam seus seios. Sybil respirou fundo.

— Agora eu me sinto melhor... não sei o que aconteceu comigo...

Mas quando o guarda, hesitante, fez menção de retirar as mãos, ela se apressou em pegá-las, puxando-as de volta.

— Não... não... não me deixe...

Sybil sentiu o frio e o vazio voltarem. Estava assustada, angustiada com o medo que sentia no homem, mas era compelida por algo ainda mais poderoso, uma força que aumentava mais e mais... Não entendia o que podia ser. Um instante depois, os braços do guarda tornaram a envolvê-la, ansiosos, gentis. A boca forçou os lábios de Sybil a se entreabrirem.

Era uma coisa muito estranha... o impulso e o tremor que a dominavam. Nunca antes ela conhecera qualquer coisa parecida. Estava acostumada aos afagos e beijos na mão dos primos, respeitosos, muitas vezes babados; a mão fria e paternal do Lorde do Domínio em sua cabeça; os abraços risonhos das amigas... Mas nada era como aquela ânsia, tão cheia de ternura, apesar de sua intensidade.

— Minha pequena dama... — sussurrou o guarda, a voz rouca, os lábios quase encostados no pescoço de Sybil. — Nem mesmo sabe o que está querendo, não é?

Não, não sei. Mas saberei, juro que saberei... A lembrança tornou a aflorar. Há uma força em você, e tenho medo... Mas não



poderia ser apenas isso, mais nada? Sybil comprimiu os lábios contra a boca do homem, mordendo outros lábios rígidos, debatendo-se em fúria... não em protesto, mas em ansiedade, contra a suave pressão daquelas mãos rudes. Ela se contorceu, estremeceu, num momento de agonia; sentia o orvalho molhar suas costas, gelado, através da seda fina, sentia as mãos enormes e cabeludas apertarem seus seios. Debatia-se e lutava, não com qualquer intenção de escapar, mas com a mesma determinação selvagem que usava para domar um cavalo xucro com as coxas magras, o mesmo conflito sombrio ao encapuzar um falcão rebelde. Sabia o que estava acontecendo com o guarda, sabia o que acontecia com ela... só que não era o que ela pensava. Aquilo não passava de um começo, pois haveria mais, muito mais, agora que o medo, respeito e hesitação do guarda se desvaneciam, dando lugar a uma crescente urgência, necessidade, fome...

Sybil desviou-se dos beijos ardentes, enquanto a respiração do homem, exausto, saía sibilando dos dentes entreabertos. Sentando na grama, ela tornou a prender as fitas, com dedos ágeis. Aquilo seria a indescritível alegria final, o prazer imenso, sobre o qual as outras donzelas sussurravam? Ela afastou a mão quando ele quis ajudá-la, todo o seu corpo se encolhendo em repulsa. Sentia-se machucada e trêmula, tinha de comprimir os dentes com toda força, para evitar que batessem. Interrompeu o fluxo de palavras de carinho do guarda com uma ordem rápida e incisiva:

— Leve-me de volta. Devem estar à minha procura.

Ele ergueu-a com extrema gentileza, como se fosse uma criança que tropeçara e caíra. Sybil respirou fundo, alguma coisa... ela não sabia direito o que era... crescendo para nascer de uma forma abrupta, dentro do seu peito tenso, latejando, dentro do corpo dolorido e vacilante. Forçou-se a controlar seu tremor, a sorrir para o guarda. Encostou a cabeça no braço que a envolvia e murmurou, com uma expressão patética deliberada:

— Precisa me levar de volta... sou quase uma prisioneira... deve saber...

Ele a amparou, impediu que cambaleasse, quase a carregando, enquanto sussurrava:

— Claro que sei, minha linda flor...

O guarda parou na beira da arcada. Pegou a lanterna no lugar em que a pusera, olhou para Sybil e murmurou, hesitante:

— Minha pequena dama, não pode voltar desse jeito.

Na tênue claridade, ela olhou para suas fitas amarrotadas e soltas, a seda toda manchada. Sentiu o gosto de sangue nos lábios com uma estranha satisfação. Tocou nos cabelos ruivos emaranhados, verificando como estavam, enquanto o homem tentava persuadi-la:

— Vamos, meu amor, ajeite suas roupas... deixe-me prender a faixa... Ninguém pode vê-la nesse estado.

Havia medo nele outra vez. Sybil quase que podia senti-lo, como um gosto em sua boca. Inclinou a cabeça para o lado. Foi nesse instante que ouviu o som que esperava, sem saber disso até aquele momento. O barulho de lanças batendo no chão, passos firmes, vozes incisivas. Ela cerrou os punhos, sentiu que a respiração acelerava, prendia na garganta. Sorriu para o homem, murmurando:

— Ninguém deve me ver assim, não é mesmo?

Sybil virou-se abruptamente, desvencilhou-se, enquanto gritava, em tom autoritário e urgente:

— Guardas! Guardas! Aqui!

— Mas o que...

O homem deu um passo para trás. Pés metidos em botas, correndo, ressoaram sobre os blocos de pedra. Uma luz forte iluminou-os... O rosto de um guarda com capacete de aço — Obrigada, Abençoada Cassilda! E um guarda que me conhece de vista! — surgiu na arcada. Uma voz aturdida balbuciou:

— Dama Sybil-Mhari!

Ela apontou, com um gesto dramático, sentindo o poder assustador que se avolumava dentro dela:

— Mate-o!

Sybil ouviu sua voz tremendo; se partisse de outra garganta, ela a tomaria como um soluço de vergonha e medo. Quase que se podia ver refletida nos olhos do guarda, em sua mente, os lábios inchados vertendo um filete de sangue, as fitas soltas espalhando-se sobre os seios magoados, a saia rasgada para deixar à mostra uma

parte das coxas estreitas. O guarda soltou um grito de consternação e horror, suplicando para seu companheiro. Sybil virou-se, cobrindo o rosto com os cabelos, num gesto recatado, enquanto um segundo guarda aparecia por trás do primeiro, seu rosto reproduzindo todas as mudanças que ela observara no outro. Um pequeno sorriso de desdém se insinuou nos lábios de Sybil, mas ela tratou de contraí-los numa expressão de desespero, como se merecesse a mais profunda compaixão. Arregalou os olhos, enquanto fitava o homem a cujos braços se entregara apenas poucos minutos antes. E sussurrou, patética:

— Lorde Ludovic nunca deve saber... Minha honra está nas mãos de vocês... Mas como posso evitar? Se ao menos... ele caísse... de alguma forma... na cachoeira...

E agora ela viu a palidez do terror, as narinas tremendo, enquanto os olhos do homem procuravam os seus, numa súplica desesperada.

— Minha dama... minha pequena dama... — balbuciou ele, desamparado.

A voz rouca e trêmula, como nos momentos em que ele sussurrara palavras de carinho, provocou uma emoção estranhamente agradável em Sybil.

Há uma força em você, e eu temo por isso... Ah, pensou Sybil, extasiada, se a feiticeira Hastur soubesse... ela teria me privado desse prazer...

Sybil observou os guardas agarrarem o homem, imobilizarem seus braços com a maior habilidade. Seguiu-os como uma sombra, os braços delgados enlaçando o próprio corpo, dominada por um crescente excitamento. Os guardas arrastaram o homem para a beira do penhasco. Ele gritava agora as palavras mais obscenas, até que um dos guardas tapou sua boca com a mão. Houve uma breve luta junto do muro de pedra. Subitamente, Sybil sentiu uma emoção intensa percorrer seu corpo. Era como se uma faca quente dilacerasse seus seios, como se fosse sufocada por um beijo ardente, um calor se espalhando por todo o corpo, afagando-lhe as coxas, num paroxismo de prazer. Ela ofegou, a respiração saindo com dificuldade do meio de tanto calor. No instante seguinte, soltou

um grito pelo prazer insuportável, enquanto o vulto do homem cambaleava na beira do penhasco, os braços se agitando, para desaparecer um momento depois. Sybil arriou na grama, em soluços profundos, sabendo agora o que era o verdadeiro poder, a alegria do amor... Vagamente, em seu fluxo sufocante de emoção, ela se perguntou qual seria o nome do homem, como poderia descobri-lo. Haveria de lembrá-lo sempre em suas orações para os mortos, o nome daquele que liberara o poder dentro dela, sua força, o primeiro a lhe proporcionar uma plena realização. Percebeu que um dos guardas se inclinava para ela, solícito. Sentia-se exausta demais para se levantar sozinha. Deixou que ele a erguesse, apoiou-se em seu braço, cambaleando, numa demonstração de desamparo.

— Dama Sybil — murmurou ele, gentilmente -, sua honra e seu segredo estarão para sempre a salvo comigo. Vou conduzi-la agora aos aposentos das mulheres, com toda a segurança. Só precisa evitar os comentários das servas, e o que aconteceu aqui esta noite nunca será conhecido por mais ninguém.

Ele foi guiando os passos vacilantes de Sybil, com mãos reverentes.

— Pobre dama... Se eu estivesse por perto, aquela besta em forma de homem, aquela desgraça para os guardas e sua honra, nunca ousaria atacá-la...

Sybil baixou as pestanas compridas.

— Qual é o seu nome? Preciso agradecer a meu... salvador nas orações, antes de dormir.

— Reuel, minha dama.

— Reuel... não vou esquecer. — Ela não cometeria o mesmo erro de novo. — Vai descobrir que não sou... nem um pouco ingrata.

Outra vez um prazer indescritível a envolveu, quando viu o rosto moreno e magro assumir uma expressão tola, os olhos suaves adquirirem uma esperança súbita e espantosa.

— Gosto de passear por este pátio — murmurou ela. — Vai me proteger?

— Claro... com a minha própria vida, dama Sybil.

Ela fitou-o e sorriu. Com ele, o terror não precisaria acontecer antes que ela alimentasse o desejo por um ou dois dias, cultivasse o

medo e a esperança... até se sentir satisfeita. Agora que conhecia seu poder, podia esperar pelo prazer.

Sybil sorriu, com a alegria inebriada de uma mulher que descobriu o verdadeiro amor. Depois, subiu correndo os degraus, na maior animação, até seus aposentos.

**Fim**

Este *ePub* foi criado em Fevereiro de 2014 por  
**LeYtor**  
Tendo como base a digitalização em *Doc* de autor desconhecido

